

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA

CLAUDIA CARVALHO MACHADO

A FOLIA DE SANTOS REIS: Valores e Manutenção de Costumes

GOIÂNIA
2010

CLAUDIA CARVALHO MACHADO

A FOLIA DE SANTOS REIS: Valores e Manutenção de Costumes

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia

Campo de conhecimento: Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

Orientadora: Prof^a Dr^a Helenides Mendonça

GOIÂNIA
2010

CLAUDIA CARVALHO MACHADO

A FOLIA DE SANTOS REIS: Valores e Manutenção de Costumes

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia

Campo de conhecimento: Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

Data de aprovação:

___/___/___

Banca examinadora:

Prof^a Dr^a Helenides Mendonça (Presidente da banca)
PUC Goiás

Prof^a Dr^a Fábio Jesus Miranda (Membro Efetivo)
PUC Goiás

Prof^a Dr^a Rosa Berardo (Membro Convidado)
UFG

Prof. Dr. Jadir de Moraes Pessoa (Membro Convidado)
UFG

Prof^a Dr^a Daniela Zanini (Membro Suplente)
PUC Goiás

AGRADECIMENTOS

Sou grata pela oportunidade diária de haver a possibilidade de dizer cada vez melhor a minha vida, pela existência desse amor-oferta-aquilo-que-não-se-tem¹ e pela beleza das manhãs que se levantam todos os dias.

¹ Grifo da autora para demonstrar a criação de termo baseado na fala de Jacques Lacan: “O amor é dar o que não se tem, e só se pode amar fazendo-se como se não tivesse, mesmo que se tenha.” (Lacan, 1992, p. 345)

“Devemos temer um mundo e um tempo em que as festas como a de Santos Reis desapareçam. Devemos desconfiar do que nos entra pela casa em lugar delas.

Elas são nossas e nós as criamos todos os anos.”

(Brandão in prefácio Pessoa, 1993, p.6)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos foliões de Santos Reis da minha terra de nascença, aqueles que enfeitam com sua cantoria as estradas cobertas de poeira fina e vermelha imbricadas no ermo do sertão.

RESUMO

Machado, C.C. (2010). A Folia de Santos Reis: Valores e Manutenção dos Costumes. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás.

A Folia de Reis é considerada um ritual cultural do folclore brasileiro que tem sofrido consequências de mudanças significativas ocorridas na atualidade. Torna-se imprescindível, sob o enfoque da psicologia, desenvolver estudos que relacionem a folia com os valores pessoais e com o significado atribuído à ela por diferentes grupos religiosos e seus participantes. Este estudo parte do pressuposto de que a valorização e preservação do patrimônio imaterial e material caracteriza-se como o próprio sentido da humanidade. Participaram da pesquisa 300 pessoas. Utilizaram-se como instrumentos de medida: Escala Fatorial de Atitude (Osgood, Suci & Tannenbaum, 1957), para mensurar o significado da Folia de Reis e o Portrait Questionnaire (Pasquali e Alves, 2004) para avaliar os valores pessoais. Para análise dos resultados foi utilizado a Análise Descritiva e a Anova, com o suporte do programa SPSS-14. Constatou-se que os valores como pacifismo e tradicionalismo, paz-e-respeito aliados ao significado positivo da Folia de Reis influenciam na preservação da folia de reis.

Palavras-chave: valores; folia de reis; significado da folia

ABSTRACT

Machado, C. C. (2010). The Folia de Santos Reis: Values and Conservation of Manners. Dissertation of Masters degree. Department of Psychology Pontificia Universidade Católica de Goias, Goias.

The Folia de Reis is considered a cultural ritual of Brazilian folklore that has suffered the consequences of significant changes occurring today. It becomes essential, from the standpoint of Psychology, the development of studies correlating the Folia with personal values and the meaning of the Folia in different religious groups and participants. This study assumes that the recovery and preservation of immaterial and material heritage is characterized as the very meaning of humanity. 300 people participated in the study. The instruments of measurement were: Significance Scale of Folia de Reis adapted Factorial Attitude Scale (Osgood, Suci & Tannenbaum, 1957), to measure the significance of Folia de Reis and Portrait Questionnaire (Pasquali and Alves, 2004) to assess personal values. For data analysis, descriptive analysis and Anova, with the support of SPSS – 14, was used. It was found that the values of pacifism and tradition, peace-and-respect coupled with the positive meaning of Folia de Reis influence in preserving it.

Keywords: values;Folia de Reis; meaning of the Folia

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tipos Motivacionais de Valores.....	74
Tabela 2 – Frequências, porcentagens, moda e mediana de amostra do grupo distinto (foliões, seguidores-devotos e pessoas sem conhecimento de folia) em relação às variáveis sociodemográficas (idade, sexo, escolaridade e religião).....	125
Tabela 3 – Médias, desvio-padrão (entre parênteses) e teste estatístico do grupo distinto (foliões, seguidores-devotos, e pessoas sem conhecimento de folia) em relação às prioridades axiológicas e ao significado da Folia de Reis	127
Tabela 4 – Médias, desvio-padrão (entre parênteses) e teste estatístico do grupo religioso (católicos, evangélicos e espíritas) em relação às prioridades axiológicas e ao significado da Folia de Reis.....	129

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Descontração dos foliões.....	42
Figura 2 – Momento de reverência ante o altar	45
Figura 3 – Folia de Reis em <i>giro</i> pelo chão duro do cerrado	46
Figura 4 – Chegada da Folia de Reis em fazenda da região da Ponte Nova	47
Figura 5 – Chegada da Folia de Reis em fazenda da região do Boqueirão	48
Figura 6 – Chegada da Folia de Reis no arco	51
Figura 7 - Chegada da Folia de Reis em uma casa na cidade.....	54
Figura 8 – Seu Carapuça e Claudia Carvalho durante <i>giro</i> pela região do Bouqueirão..	56
Figura 9 – Seu Carapuça cantando versos de Folia seguido pela resposta e requinta.....	57
Figura 10 – Chegada da Folia de Reis em apresentação na Fazenda Boa Esperança	58
Figura 11 – Alferes da Bandeira e palhaço	59
Figura 12 – Palhaços da Folia de Reis.....	60
Figura 13 – Chegada da Folia de Reis em fazenda.....	61
Figura 14 – Instrumentistas com cavaquinho, triângulo e caixa	62
Figura 15 – As cozinheiras e o fogão à lenha ao fundo.....	63
Figura 16 – Onion Diagram.....	72
Figura 17 – Representação Espacial dos Valores de Schwartz	81
Figura 18 – Representação Espacial dos Valores de Schwartz baseado na distribuição da escala por Pasquali e Alves	84

SUMÁRIO

Introdução	13
Capítulo 1 – Folia de Santos Reis	
1. Folia de Reis: Conceituação	21
1.2. Traços históricos da Folia de Santos Reis e o campo de pesquisa	34
1.3. Folia de reis: um pouco de etnografia	38
1.3.1. Ensaio de Folia	39
1.3.2. Saída: o começo da viagem	41
1.3.3. O giro: a reivenção da viagem de Santos Reis	45
1.3.4. O pouso: onde descansa o sinaleiro	47
1.3.5. A entrega	49
1.4. Funções da Folia de Reis: composição interna e externa do ritual.....	52
1.4.1. Embaixador de Folia: missão para uma vida.....	52
1.4.2. Resposta, requinta e baixão	56
1.4.3. Alferes da Bandeira.	58
1.4.4. Palhaços: guardiães de Santos Reis.....	59
1.4.5. Instrumentistas: acompanhamento de todas as horas	61
1.4.6. Cozinheiras e decoradoras	62
Capítulo 2 – Valores: uma revisão teórica	
2. Filosofia: o princípio	64
2.1. Valores.....	69
2.2. Valores, religiosidade e cultura: contribuições empíricas	85
Capítulo 3 – Artigo Empírico	
Introdução.....	95
Método.....	119

Participantes	119
Instrumentos	120
Procedimento	122
Resultados.....	123
Discussão.....	131
Referências	141
Anexos.....	149

INTRODUÇÃO

O mundo mudou. A relação do homem com o mundo também mudou. O mundo é, e soa totalmente diverso do que fora durante os três últimos séculos, a saber, XVIII, XIX e XX. Entra-se no século XXI pela porta da transformação. E, por causa de mudanças tão significativas e, ao mesmo tempo dialéticas, é de importância venal estudar, compreender e registrar os costumes que resistiram a tais mudanças.

A Folia de Santos Reis é um costume e parte fundamental da cultura que atravessou inúmeras gerações como tradição oral. Os foliões viviam – como grande maioria da população brasileira até o início do século XX – na zona rural e não possuíam acesso à escola. O desenvolvimento das funções dos foliões nas companhias de Reis esteve vinculado ao aprendizado com as pessoas mais velhas da comunidade; aprendiam as regras e fundamentação da Folia de Reis com seus próprios pais ou anciões durante o desenrolar da Folia de Reis a cada ano.

Esta dissertação tem como objeto de estudo a Folia de Reis de Palmeiras de Goiás, cidade inserida no sertão do cerrado e que também não escapa às intensas mudanças sofridas no mundo. A Folia de Reis que acontece em terras palmeirenses é secular (sic) e ao longo deste tempo contou com inúmeras equipes/companhias de Folia de Reis que hoje estão extintas em sua grande maioria. É fato que essa Folia de Reis não conta com registros oficiais e análises científicas ou quaisquer estudos em áreas do conhecimento humano sobre este assunto. Assim, é um privilégio pesquisar o objeto de estudo vivo, in loco, em movimento e colher os dados para pesquisa através de entrevistas com foliões e pessoas envolvidas na própria Folia de Reis.

Como foi dito anteriormente, o mundo mudou e é possível descrever inúmeras destas mudanças ocorridas, mas aqui ater-se-á àquelas consideradas como alicerce para

geração do novo e possibilidade de extinção de um específico *modus operandis* de vida. Sabe-se que a média da população mundial sofreu um imenso salto de crescimento, em 1500 a população mundial não ultrapassava 500 milhões de habitantes e em 1800 essas estimativas mostraram um aumento populacional que dobrou dentro de 300 anos esse número, passando para um contingente de 980 milhões de pessoas. Em 1900 a população mundial se aproximava dos 1.650 milhões de habitantes e em meados de 1985 chegou a 5000 bilhões de pessoas e em 12 de outubro de 1999 essa marca foi para 6000 bilhões de habitantes (Gewehr, 2006). Atualmente a população mundial chega a quase 7 bilhões de pessoas (Belinky, 2009).

Assim, motivados pela necessidade de sobrevivência (imposição feroz da Deusa Necessidade), a população rural ou campesina fora obrigada a partir para as cidades deflagrando a aceleração da urbanização e promovendo significativo êxodo rural. As cidades, suas facilidades e as possibilidades ampliadas de trabalho nelas existentes, vigoram no desejo das gentes. A vida nas cidades torna-se uma das poucas opções oferecidas àqueles que foram expulsos do campo.

Os povos que constroem a folia de reis, inclusive no ermo do sertão que é Palmeiras de Goiás, sofreram e sofrem as consequências do crescimento populacional aliado ao êxodo rural. Em Goiás, especificamente, o êxodo rural intensificou-se entre as décadas de 1960, 1970 e 1980 (século XX), época em que também se ambienta importantes mudanças ocorridas na Folia de Reis estudada neste trabalho. Atualmente, a grande maioria das Folias de Reis *gira*¹ nas periferias dos centros urbanos, havendo uma pequena quantidade que se mantém na zona rural (Pessoa, 2005).

¹ Todas as palavras utilizadas pelos foliões para se referirem a Folia de Santos Reis ou à sua organização social, ou em relação ao ritual serão colocadas em itálico pela autora. Aqui se coloca em itálico girar, verbo referente a uma etapa da Folia de Reis chamada giro e que será retomada e analisada no capítulo 1. *Giro* é a peregrinação dos foliões de casa em casa, movimento anteriormente rural, mas que hoje se concentra nos centros urbanos. Segundo Brandão (1983, p. 24), o *giro* “é o nome dado à jornada cumprida pela companhia.”

Aos movimentos de crescimento da população mundial e de êxodo rural pode-se acrescentar a Revolução Industrial e seus desdobramentos ao longo do tempo e do mundo (século XIX). Essa revolução teve início no século XVIII na Inglaterra a partir dos cercamentos dos campos (*Enclousures Land's*), ou seja, a transformação das terras, antes comuns e abertas, em propriedades fundiárias privadas e fechadas (primeira fase); da expansão de comércio com colônias e continente (segunda fase); e, a passagem do sistema artesanal para fabril (terceira fase) (Oliveira, 2004).

Com a aglomeração populacional em torno dos centros urbanos, as mudanças trazidas pelo advento da Revolução Industrial e a necessidade de abrir novos mercados tornou-se imprescindível a operacionalização da comunicação. Entre os séculos XVII e XX contava-se com ferramentas rudimentares para a comunicação entre os povos. Exemplo disto, o primeiro sistema de comunicação existente no mundo, o telégrafo óptico de Claude Chappe, foi inaugurado em 1793 e para fins militares (Mattelart & Mattelart, 1999). Utilizava-se, até então, as cartas e que eram sem grande alcance para a maioria das pessoas em decorrência do analfabetismo ou da ausência de estradas. Lembrando que ainda neste tempo levavam-se dias carreando as informações por estradas feitas à medida da necessidade e das descobertas de novos mundos. Atualmente, século XXI, o mundo conta com um arsenal de novidades científicas sem precedentes em qualquer outra época na história da Humanidade para enfrentar o desejo de imediatismo e globalização das relações humanas e do conhecimento, bem como da intensa comunicação. O século XXI é o tempo do ‘universo de redes’, redes de comunicação e de informação que nascem com a promessa de saída para as crises da civilização (Mattelart, 2005, p. 10).

O mundo realmente mudou e mudou com vigor nunca visto em outros tempos. O homem opera no mundo incríveis mudanças em busca de alcançar seus desejos e promover a rapidez de suas realizações. O homem deseja ser global, as pessoas desejam

estar conectadas a todos os lugares em tempo real, desejam agilidade em seus contatos e no acesso facilitado ao conhecimento.

“Pessoas, produtos, idéias alcançaram um extraordinário grau de civilização universal... O homem quer o universalismo e o busca como a um bem... Desse modo se constitui gradualmente, a partir de todos os pensamentos nacionais e étnicos, um pensamento mundial, graças às viagens, às publicações, aos congressos, às exposições.”

Esta fala com a qual, em 1912, abre-se o primeiro número da revista “La Vie Internationale” dos advogados belgas Henri La Fontaine e Paul Otlet (1912, citado por Mattelart, 2005), pode ser tratada como um exemplo claro deste desejo. Universalismo, globalização, mundialização são expressões que traduzem muito bem o desejo humano de agilidade e conhecimento facilitado e em rede. O mundo deseja atentar-se para si mesmo como plano único pautado no sentimento de “progresso infinito” (Mattelart, 2005, p. 9) a partir das conquistas da ciência; apesar das diferenças humanas, climáticas e geográficas. Tornar-se uma aldeia global é um objetivo e fim a serem alcançados infinitamente e sempre mais.

Segundo Belinky (2009) a visão da Terra a partir do espaço mostra que o mundo é um só, sem fronteiras, globalizado. As fronteiras, a ONU (Organização das Nações Unidas) e os 192 países que a compõem, o conceito de soberania nacional, o conceito de pátria são invenções humanas recentes se comparadas com a idade da própria Terra. E com homens, fronteiras e territórios nasceram as guerras, conquistas e vitórias.

A existência do “Breve século XX” (Hobsbawn, 1995) é de extrema necessidade para a contextualização do mundo globalizado existente hoje. Hobsbawn inclui nesse século “os anos que vão da eclosão da Primeira Guerra Mundial ao colapso da URSS [...]” (Hobsbawn, 1995, p. 15), ou seja, de 1914 a 1991. Nesse curto espaço de tempo o mundo vivenciou duas grandes guerras mundiais que apontam para a fragilidade humana em contraposição ao desejo humano de ser global e, assim, igualar todos os

povos a mesma condição de conhecimento, agilidade, comunicação e operacionalização da própria vida. O “breve século XX” exerceu um efeito avassalador sobre a existência humana, pois segundo Hobsbawn (1995), nunca o mundo assistiu a tantas mortes por decisão do próprio homem. As guerras e a predisposição para elas parecem ser parte da condição e existência humana, pois delas o homem não desiste, tal como se observa ainda no ataque de 11 de setembro ocorrido às torres gêmeas do World Trade Center nos EUA por muçumanos radicais; ou com a atualíssima guerra do Iraque, do Afeganistão e tantos outros conflitos existentes no mundo contemporâneo.

Dentro deste contexto não pode ser esquecido que o homem é um ser e ser não é estado fixo e imutável, antes, é um caleidoscópio que apresenta sempre uma faceta diferente quando olhado. Um ser dialético à medida da afetação a que esteja submetido. Segundo Hegel (1770 - 1831) a dialética é um movimento histórico do espírito em direção à autoconsciência, que sofre um processo movido pela contradição (uma tese inicial se contradiz e é ultrapassada por sua antítese; a antítese conserva elementos da tese, é superada pela síntese, que combina elementos das duas primeiras) (Augusto, 2010).

Mudar é condição sine qua non à sobrevivência humana e do planeta. É inegável que o homem é atingido por toda e qualquer mudança havida no mundo externo e isto reverbera no campo mental dialeticamente. Toda mudança traz ganhos importantíssimos, inclusive no que tange a salvar vidas, mas toda mudança é também, inegavelmente, uma perda e, por conseqüência, as perdas são mortes operadas em cada um.

Este movimento dialético é o contexto em que nasce o mundo contemporâneo, ele nasce num tempo de ganhos e perdas; inícios e fins; vida e morte. E é nesse vão do movimento, no desenrolar de tanta transformação ao longo dos últimos séculos em que se deve agir, valorizar, preservar as invenções culturais humanas. Os homens não

devem se privar de suas origens, não devem esquecê-las ou traí-las. Neste sentido a fala de Brandão para compor o prefácio do livro organizado por Jadir Pessoa “Meu Senhor Dono da Casa – os 50 anos da Folia de Reis das Lages” (Brandão in prefácio Pessoa, 1993, p. 6), trazida nas páginas iniciais desta dissertação, em muito contribui, é sabedoria pura:

“Devemos temer um mundo e um tempo em que as festas como as de Santos Reis desapareçam. Devemos desconfiar do que entra pela casa em lugar delas. Elas são nossas e nós a criamos todos os anos, por muitos anos.”

A cultura é a possibilidade mais veemente de se guardar os costumes arcaicos e que foram passados de geração em geração. É ela, a cultura, uma recordação viva, memória atemporal; forma de manter viva a história, forma de lidar com as mudanças, perdas e mortes.

Assim, esta dissertação nasce como tentativa de lidar com as mudanças, com as perdas e mortes; com todas as transformações de um mundo globalizado, com as possibilidades constantes de guerras, com as grandes cidades, com o êxodo rural e com a pressa cotidiana do novo tempo. E, para tanto, visa-se observar, compreender, pesquisar e estudar a folia de santos reis que é um costume, cultura, parte do folclore que o Brasil recebeu como herança portuguesa e que aqui se modelou dentro dos costumes do país. Busca-se também compreender a relação dos valores pessoais e do significado da Folia de Reis com a manutenção e preservação da folia de santos reis.

Em Palmeiras de Goiás – campo em que se desenvolve a folia de reis pesquisada – apesar da destruição das características urbanas do passado, demolição de construções antigas, retirada do calçamento de pedra das ruas, a extinção de práticas culturais como a Procissão do Encontro e de antigas equipes de folia de reis – há um fomento cultural intenso e um despertar para a necessidade de preservação das tradições. O ano de 2005

foi um passo momentoso neste contexto, pois promoveu a fundação da Academia Palmeirense de Letras e Artes (APLA), – pela artista plástica Maria Júlia Franco; a fundação da Comissão Municipal de Folclore de Palmeiras de Goiás por Claudia Carvalho Machado; exposições de artesanato local; concursos de poesia; concursos de música, etc.

A Comissão Municipal de Folclore de Palmeiras de Goiás está vinculada à Comissão Goiana de Folclore que por sua vez está vinculada à UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura). A Comissão Goiana de Folclore é presidida pelo folclorista e escritor Waldomiro Bariani Ortêncio que foi idealizador das comissões municipais de folclore. Segundo a Comissão Goiana de Folclore (2006), essas comissões municipais têm como um de seus objetivos: incentivar e coordenar as pesquisas, os estudos, a promoção, defesa e divulgação do folclore no âmbito do município, principalmente no que tange a missão de preservar a tradição e os costumes.

Sobretudo que o contato da autora da presente dissertação, desde sua infância, com folia de reis e a oportunidade de presidir a Comissão Municipal de Palmeiras de Goiás, além do clima de fomento cultural local, foram fatores de extrema relevância na tomada de decisão em favor da escolha do tema estudado.

Acredita-se que esta pesquisa trará também importantes contribuições para o fortalecimento do trabalho cultural em desenvolvimento na cidade, além disso, concorrerá ser o primeiro registro histórico e científico desta tradição, a folia de reis, no município de Palmeiras de Goiás. A presente dissertação poderá servir como fonte de conhecimento da estrutura e funcionamento da folia de reis para as gerações futuras sendo também valorização e motivação para os foliões e, por fim, inovação e contribuição teórica para o assunto no campo da Psicologia.

A dissertação apresenta-se estruturada da seguinte forma: Capítulo 1 (explanção sobre o conceito de folia de reis, estrutura organizacional, etnografia do assunto, histórico do campo pesquisado); Capítulo 2 (elucidação sobre a variável independente, valores; dividindo-se em: conceito, principais autores e desenvolvimento desta teoria que fundamenta o trabalho). Estes dois primeiros capítulos foram escritos numa linguagem com forte acento poético e literário, posto que a autora há alguns anos escreve crônicas, poesia proseada e poemas. Pretende-se, posteriormente, a partir dos dois primeiros capítulos desta dissertação formular um livro sobre a folia de reis e a linguagem utilizada aqui será de extrema valia na estruturação desse projeto. O Capítulo 3 trata os estudos empíricos, onde se manteve uma linguagem mais objetiva, priorizando o cunho científico do trabalho e que será objeto de posteriores publicações em revistas científicas.

CAPÍTULO 1

FOLIA DE SANTOS REIS

Neste capítulo serão revistos conceitos relativos à Folia de Reis e, para isto, percorre-se a construção conceitual de autores que contribuíram na formatação desta área de estudo. As contribuições desses autores, que serão trabalhados logo abaixo, são indispensáveis na composição do discurso realizado nesta dissertação e, para tanto, escolhe-se como fio condutor do pensamento, o conceito de Folia de Reis preconizado por Jadir de Moraes Pessoa no livro *As Viagens dos Reis Magos*, realizado em parceria com a francesa Madeleine Felix. Revisitar-se-á também as etapas de condução do ritual, funções de cada membro de trabalhadores da equipe de Folia de Reis e versos cantados durante o *giro*. Procurou-se manter nos versos transcritos as falas tais quais colhidas nas entrevistas ou nos *giros* com os foliões. Não foram feitas nos versos alterações gramaticais devidas à Língua Portuguesa, com objetivo de preservar a linguagem popular herdada pelo homem rural de seus antepassados. Considera-se que

“a linguagem tem essa importância na vida de uma nação, ela é de tamanho proveito para a massa da humanidade, que as almas do grupo no mundo deveriam olhar, desenvolver e utilizar como uma individualidade vigorosa de grupo, o seu instrumento de expressão natural do homem” (Sri Aurobindo, 1972, citado por Mattelart, 2005, p. 359).

Assim, ao se manter nos versos transcritos a linguagem popular demonstra-se com naturalidade a vida, a crença, devoção e trabalho. Mantém-se com essa linguagem do sertão goiano a originalidade do povo do Brasil Central.

1. Folia de Reis: conceituação

Para uma aproximação desta temática percorre-se aqui diversos autores que desenvolveram trabalhos de suma importância aos estudos sobre folia de reis. Acredita-se que a escrita e os minuciosos trabalhos destes autores conquistam a construção da possibilidade de preservação deste costume até então sobrevivente como tradição oral. Nada é preservado por um único ato, mas por um levante de vários autores interessados em salvaguardar a cultura imaterial de um povo. Então, faz-se necessário percorrer as marcas criadas a fim de demonstrar a cadeia de avanço conceitual sobre o tema folia de santos reis. Considerar todos os conceitos já criados sobre folia de reis é impossível. Então, fez-se um recorte dentre alguns dos muitos autores que a estudaram, levando-se em consideração aqueles que proporcionam maior possibilidade de aproximação da construção conceitual pretendida nesta dissertação. Segue o percorrido na construção deste campo:

1. “A Folia era no Portugal velho uma dança rápida, ao som do pandeiro ou adufe, acompanhada de cantos” (Cascudo, 1980, p. 336).
2. “A Folia de Reis é um grupo precatório de cantores e de instrumentistas, seguidos de acompanhantes, e viajores rituais, entre casas de moradores rurais, durante um período anual de festejos dos três Reis Santos, entre 31 de dezembro e 6 de janeiro” (Brandão, 1983, p. 4).
3. “A Folia de Reis consiste, basicamente, em um grupo de pessoas (homens, cantores e instrumentistas) que realiza uma peregrinação religiosa por ocasião da festa de Reis. Essa peregrinação é dividida em jornadas diárias, interrompidas nos pousos – onde rezam, tocam e

pedem auxílio para realização da festa de Reis.” (Moreyra, 1983, p.144)

4. “O ponto de partida parece estar na Folia, dança muito popular nos séculos XVI e XVII. [...] A partir do século XVII a dança foi popularizada em toda Europa. [...] A Folia entrou no Brasil como uma dança de fundo religioso, mais uma manifestação paralitúrgica que profana.” (Moreyra, 1983, p. 136)

5. “[...] folia como ritual itinerante do catolicismo popular, de casa em casa, atualizando a memória da narrativa bíblica da visita dos Reis Magos ao Menino Jesus, oferecendo cânticos e preces, e pedindo ofertas para os festejos finais do giro de cada ano. Deixo de lado a localização rural da folia de reis, presente em algumas definições clássicas, pelo evidente fato de que o intenso êxodo rural ocorrido nas décadas de 1960 a 1980 no Brasil provocou um significativo deslocamento dessa prática, de uma localização predominantemente rural, para uma localização que hoje já se pode dizer majoritariamente urbana” (Pessoa, 2005, p. 82).

Acredita-se que a cada conceito trazido se constrói o desenho da folia de reis de outrora e a que nos chega atualmente em pleno século XXI. Cada um dos autores compõe este desenho trazendo palavras essenciais a esta composição: origem portuguesa, advinda de dança espanhola, peditório, grupo de pessoas, catolicismo popular e assim por diante. Somente no percorrer dos conceitos criados e no que com eles foi aprendido pôde-se chegar ao importantíssimo passo dado pelo Dr. Jadir de Moraes Pessoa neste campo. Pessoa, que além de fiel estudioso deste costume, é folião e embaixador da Folia das Lajes em Itapuranga (GO). Na introdução do livro que realizou em parceria com a francesa Madeleine Felix “As Viagens dos Reis Magos” (Pessoa & Felix, 2007), Pessoa diz: “[...] a folia é, na sua essência, o giro, a viagem para Belém, em

cada casa por onde ela passa.” Há aqui um claro avanço conceitual, pois o autor envida esforços por outro caminho que não o da mera descrição do ritual ou a expressão técnica de sua existência. Diz-se “mera” não buscando privilegiar o caráter pejorativo da palavra e/ou desejando o desmerecimento dos autores que antecederam a fala de Pessoa. Os conceitos – cada um deles – são de extrema necessidade, pois se fazem degraus a partir dos quais outros poderão também avançar. E é neste vão que o conceito trazido por Pessoa atua, expressando a alma da folia de reis e sua vocação primeira, a saber, *girar* ou viajar em busca do Deus Menino recém-nascido de casa em casa, por onde a Folia passar. Pessoa eleva, enfatiza, coloca sobre relevo o *giro* equiparando-o a saga primeira. Esta é sua contribuição e à mesma deseja-se como degrau, suporte para dizer melhor sobre folia de reis nesta dissertação.

Este conceito foi sendo construído em outros momentos e seus antecedentes podem ser localizados em recuadas obras de Pessoa, como, por exemplo, no livro “Meu Senhor Dono da Casa – os 50 anos da Folia de Reis das Lajes”. Neste livro o autor diz: “A viagem dos Três Reis não só é a matriz da viagem dos foliões, a partir de 25 de dezembro, como também é geradora de códigos e funções muito precisas ao longo do giro. Belém se atualiza na casa do festeiro” (Pessoa, 1993, 108).

Há clara possibilidade de enxergar as bases da construção do conceito que se traz como norte da presente dissertação. A nova simbologia criada pelo autor nasce de uma metáfora entre a viagem primeira, a de Santos Reis, e a viagem realizada pelos foliões a cada ano. Ele as equipara de tal modo que cabe dizer que cada casinha perdida pelo sertão é Belém reinventada, incluindo, por assim dizer, o sertão palmeirense. Porém, aponta-se aqui uma diferença em relação ao que é trazido por Pessoa referindo-se a imitação. O autor chama de imitação e atualização (fazendo sinonímia entre atualização e semelhança) – na introdução do livro “As Viagens dos Reis Magos” - a

viagem de Santos Reis em busca do Deus-Menino, a esse proceder dos foliões que é a Folia de Reis. Exemplo disto:

“Assim, o verso entoado por inúmeros embaixadores “Os Três Reis e’vem de longe, de muito longe nós e’vem” ganha toda a sua profundidade. Pode ser entendido como uma atualização (uma semelhança) da viagem dos Reis Magos, descrita no Evangelho de Mateus, mas pode significar também que essa viagem feita hoje por cada folião de reis imitando os Três Reis Magos[...]” (Pessoa in Introdução, Pessoa & Felix, 2007, p. 9).

Ao que Pessoa chama de imitação ou atualização/semelhança nomeia-se aqui de reinvenção. Não como mera mudança de palavras, ou jogo semântico. A imitação aponta apenas para a repetição do ritual, sabe-se que os rituais e a simbologia que eles evocam não mudam enquanto prática da essência do costume, mas, antes, perfazem primordialmente a folia de reis. E é necessário que assim seja. Para a manutenção dos costumes é preciso que os rituais sejam realizados com constância (todos os anos) e com semelhança (que os rituais carreguem as mesmas características primordiais à semelhança da viagem dos reis magos). Ocorre que há de se considerar que a realidade não é mais a mesma do tempo em que se deu a viagem primeira. E, exata e antiteticamente, a atual realidade se transforma como se fosse uma viagem para o futuro às avessas; como ao se fazer num hoje, instrumentos e atitudes tal e qual se fazia num ontem. A viagem é atualizada, mas, a realidade mudou e, atual que se faz, sofre nova transformação (reinvenção) na persistência dos atos ao modo da falta de recursos do passado (realidade pretérita).

Uma vez assim estabelecido, passa-se a considerar que a folia de reis é a reinvenção da viagem de santos reis, atualização da peregrinação. Neste contexto,

mantém-se a palavra atualização, não à medida de semelhança como trazido por Pessoa (Pessoa & Felix, 2007), mas como acreditando que os foliões estão recriando-a no tempo atual. Crê-se na necessidade primordial de cada folião possuir em seu cotidiano traços aparentados aos dos reis magos, – observáveis atualmente durante os *giros* dos foliões – seja nos gestos de devoção, na peregrinação, nas palavras de esperança e na fé ou na crença de que há o eterno nascimento de Cristo. A reinvenção pelos foliões da viagem dos reis magos é a atualização do passado.

E novamente recorrer aos caminhos peregrinados por Pessoa (1993) ao apresentar Ecléa Bosi (1987, citada por Pessoa, 1993) dizendo que “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado.”, é que se pode encontrar sustentação para aquilo que aqui se propõe como sendo a reinvenção ao passo que se demonstra, mais uma vez, o quanto é imprescindível valorizar o que já foi dito por outros autores, no caso Pessoa. Chegar ao que pode ser a imitação foi missão contumaz de Pessoa para que se fizesse possível na presente dissertação dizer acerca da Folia de Reis como reinvenção. Através de Pessoa, passando por Bosi, chega-se à questão: E o que é o refazer, repensar, reconstruir senão aderir aos mesmos submetimentos necessários ao momento primeiro de construção? Refazer é dar de novo vigor à coisa feita, é estar operando no campo do ofício, da construção. O repensar não é simples repetição do pensado que, para alguns, pode ser considerado fora de moda ou antiquado. Mas, antes, é poder, a partir da coisa construída aprender com ela e ser novamente o inventor de tal coisa.

Diz-se que a folia de reis é reinventada na vida de cada folião e são eles os Reis Magos acontecendo novamente nestes confins do Mundo Novo e é por meio desta reinvenção que a folia mantém-se viva, perpetua-se. É momento de dizer que o *giro* é a viagem para Belém perpetuada no solo do Brasil Central. Belém é aqui, ali naquele momento único de devoção; a cada casinha simples que se torna a lapinha frente à ânsia

do povo. E os andarilhos- foliões são os próprios Reis Magos trazendo em sua cantoria a mirra, o incenso e o ouro, seguindo a Estrela-Guia.

A folia de reis é uma reinvenção, uma atualização popular sobre o nascimento de Jesus baseada nas escrituras bíblicas. Os foliões² fazem uma releitura, contextualização, uma adaptação das Sagradas Escrituras sobre a viagem dos Reis Magos à Belém em suas próprias vidas, inserindo-a na localidade onde moram, em seus costumes, na alimentação, vestuário e no campo financeiro.

É essencial, antes de recorrer aos escritos bíblicos – que são a base da folia de reis – fazer uma diferenciação entre catolicismo popular, catolicismo rústico³ e catolicismo oficial. Tem o mesmo grau de importância manter uma postura de consideração para com a conceituação realizada por Pessoa, evidenciando que a folia de reis é um “ritual itinerante do catolicismo popular” (Pessoa, 2005, p. 82). Ocorre que, como observado anteriormente, tal conceito formata o desenho do quadro que é a folia de reis, reafirmando o aqui postulado: os conceitos – cada um deles – são de extrema necessidade, pois se fazem degraus a partir dos quais outros estudiosos poderão também avançar.

O catolicismo popular tem suas origens no cristianismo primitivo (Silva, 2006), desde o apóstolo Pedro (conhecido como pescador de almas) até gregos, germânicos e romanos. A conversão ao cristianismo do rei Constantino e sua família há a oficialização do cristianismo, posteriormente a romanização da igreja católica oficial – advento que trouxe inúmeras mudanças, tais como a instituição do latim como língua oficial, uso de vestuário diferenciado e organização eclesiástica com padrões romanos – houveram passos de afastamento do povo deste berço primitivo.

² Folião: pessoa devota a Santos Reis que faz parte da equipe de trabalhadores deste santo. Entoam cantorias em prol de Santos Reis e saem em procissão pelas estradas pregando a Boa Nova. (grifo da autora). Segundo Brandão (1983, 49-50) que este é “o nome [que] aplica-se em termos gerais a todos os integrantes da folia. Constituem o grupo ritual de cantores e de instrumentistas. Cantam durante a jornada. Rezam o terço. São homenageados nas casas e na festa.”

³ Catolicismo rústico é um termo cunhado por Duglas T. Monteiro (1974, citado por Pessoa, 1993) em “Os Errantes do Novo Século”, para especificar o tipo de crença religiosa das gentes zona rural.

Inclusive, a historiadora Shirley Lopes Gomes (2000), – em “As Origens Históricas de Palmeiras de Goiás: os conflitos religiosos no final do século XIX e início do século XX” –, conta que a origem dos primeiros arraiais do estado de Goiás esteve enlaçada a romanização da igreja católica havida na segunda metade do século XIX no Brasil e que Palmeiras de Goiás foi um destes tantos vilarejos. Com o detalhe de que

“ao contrário da maioria dos povoamentos pesquisados pela historiografia local e cuja história encontra-se ligada ao ciclo do ouro, o povoado do Allemão[...] não viveu a fase do ciclo mineratório [estando sua] gênese [...] vinculada aos processos migratórios e às injunções geradas pelo contexto socioeconômico e políticos desses séculos [XIX e XX].”
(Gomes, 2000, p. 9)

Seguindo o percurso da historiadora, as marcas deixadas pela romanização da igreja católica e seus programas de cristianização vigorou na suplantação do “catolicismo popular e suas manifestações, vivenciadas nas procissões, rezas, ladainhas e romarias, [bem como folias de reis⁴], pela implantação do catolicismo litúrgico europeu” (Gomes, 2000, p. 8).

A folia de reis pesquisada é gerada nesse contexto histórico, o que permite dizer que ela, desde os primórdios até a atualidade, vigora neste interstício de mudança. O catolicismo popular, que é a folia de reis, é um sobrevivente, um remanescente originado das mudanças advindas da romanização da igreja católica. A igreja e sua história dão nome e corpo à existência de São Sebastião do Allemão, hoje Palmeiras de Goiás. É importante frisar: Palmeiras de Goiás nasceu do catolicismo tradicional.

Seguindo os passos da romanização da igreja católica, é notório que os jesuítas e franciscanos trouxeram o catolicismo para o Brasil em sua bagagem. Eles vieram vinculados à Coroa Portuguesa e, posteriormente, ficaram ligados ao Estado. Vínculo

⁴ Grifo da autora

que perderam a partir do Segundo Reinado. E, como conta Silva (2006), foi neste momento que tanto o clero quanto o povo sofreram reformas. O clero passou a ter sua formação doutrinária nos seminários e longe do povo. E o povo necessitou trocar as práticas devocionais pelas práticas doutrinárias e sacramentais, fato que contribuiu no afastamento do povo da igreja.

Segundo Silva (2006) as práticas religiosas populares eram vistas pela igreja católica como magia, credice e até mesmo como atos imorais. Por isso, foram combatidas com veemência pela instituição eclesiástica, o que as levou a sobreviver na marginalidade (Oliveira, 1976). As práticas religiosas populares foram desvalorizadas e seus santos de devoção substituídos por outros santos. Mas não prontamente, havia uma estratégia para se alcançar este intento. Os padres não se opunham às práticas populares frontalmente, porém não participavam delas e condenavam aspectos da festa, dizendo-os profanos. Havendo uma espécie de pacto sutil que garante a permanência da Igreja na história: para a instituição e para o povo a estratégia é contraditória, pois exclui ao mesmo tempo que inclui. Exemplo a própria folia não depende do padre, mas os foliões seguem os preceitos religiosos.

O melhor conceito encontrado para expressar a diferença entre catolicismo popular e oficial foi trazido por Pereira (2005, p. 28). Ela diz que

“No catolicismo oficial, percebemos uma ênfase nos sacramentos e no evangelho. O crente está subordinado a Igreja e o sacerdote é o ministro dos sacramentos e, socialmente, reconhecido como detentor do capital religioso. Ao sacerdote é dado o poder da mediação entre os homens e o sagrado. Já no catolicismo popular, percebemos que os aspectos da devoção e da proteção, buscados nos santos, primam sobre os aspectos sacramentais e evangélicos e as pessoas podem ter uma relação direta com o sagrado sem a necessidade de mediação sacerdotal.”

O catolicismo popular nasceu do histórico de desenvolvimento da Igreja Católica Apostólica Romana. Ele é tudo aquilo que se criou no seio popular, na ânsia do povo por práticas devocionais dentro de sua crença. Nasceu não da irreverência e revolta com o poder instituído; nasceu, sim, pela necessidade mais fecunda de estar com o outro e com ele partilhar o sagrado.

A folia de reis é um “ritual itinerante do catolicismo popular” como trazido por Pessoa (2005, p. 82), ela nasce todos os anos nos desejos de cada folião em homenagear santos reis através do sacrifício e do reconhecimento da glória do Menino-Deus. Não buscam mediação sacerdotal para seus feitos, mas não se distanciam de sua origem primeira, a bíblia e, nela se baseiam para desenvolver a cada ano este ritual construído na simplicidade do próprio povo. Os foliões levam a quem desejar sua cantoria e devoção.

No entanto pode-se também dizer que a folia de Reis é um ritual do “catolicismo rústico”, (Monteiro, 1974, citado por Pessoa, 1993, p. 106). No “catolicismo rústico” há uma impregnação religiosa da vida cotidiana. Na vida do folião não há separação entre o sagrado e as realizações diárias. Todos seus afazeres, desde a criação dos filhos, a alimentação, os negócios e até o trabalho, tudo está embrenhado no sagrado.

Como fora dito anteriormente a folia de reis tem como base as Sagradas Escrituras. O evangelho de Mateus, capítulo 2, 1-12, é o único lugar na Bíblia que faz referência aos Reis Magos e sua peregrinação. Em Mateus está escrito:

“Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, vieram uns magos do Oriente a Jerusalém, e perguntavam: onde está aquele que é nascido rei dos judeus? Vimos a sua estrela no Oriente, viemos adorá-lo.

Quando o rei Herodes ouviu isto, alarmou-se e com ele toda Jerusalém. E, convocando todos os principais sacerdotes, e os escribas do povo, perguntou-lhes onde havia de nascer o Cristo. Eles

responderam: em Belém da Judéia, pois foi isto que o profeta escreveu: E tu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum és o menor entre os governantes de Judá; pois de ti sairá um guia que apascentará o meu povo, Israel.

Então, Herodes chamou em secreto os magos, inquiriu deles exatamente acerca do tempo em que a estrela apareceria. E enviando-os a Belém, disse-lhes: Ide e perguntai diligentemente pelo menino. Quando achardes, avisai-me, para que eu também vá e o adore.

Tendo eles ouvido o rei, partiram. E a estrela, que tinham visto no Oriente, ia adiante deles até que, chegando-se deteve sobre o lugar onde estava o menino. Vendo eles a estrela alegraram-se imensamente.

Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe e, prostrando-se, o adoraram. Então, abrindo os seus tesouros, lhe apresentaram suas dádivas: ouro, incenso e mirra.

E, tendo sido por divina revelação avisados em sonhos para que não voltassem a Herodes, regressaram por outro caminho à sua terra.”

Esta é uma narrativa bíblica para o nascimento do Cristo e a única que conta sobre a visita dos reis magos ao recém-nascido, o Deus-menino. Esta versão tornou-se o eixo da folia de reis e rege a vida do ritual e dos foliões. Nela os foliões se respaldam. A partir deste trecho nasce toda a simbologia que perpassa o ritual e seu funcionamento, até o comportamento dos foliões. Este capítulo do evangelho de Mateus é um trecho resumido e curto tal qual uma pequena missiva. Ela não conta detalhes de quem foram os reis magos, apenas cita que vieram do Oriente em visita a um menino profetizado e que foram guiados pela estrela.

Há uma narrativa não bíblica, que consta na Legenda Áurea de Jacopo de Varazze (Franco Júnior, 2006) – livro sobre a vida dos Santos do século XIII – sobre

estes todos estes aconteceres, (mas que, por ironia ou não, se fundamenta em trecho bíblico) e que tornou-se muito popular. Esta versão diz que os Reis Magos vieram do Oriente e descendiam do profeta Balaão que muito tempo antes profetizara sobre a vinda do Deus-Menino: “Vê-lo-ei, mas não agora, contemplá-lo-ei, mas não de perto; uma Estrela procederá de Jacó e um cetro subirá de Israel, que ferirá os termos dos moabitas, e destruirá todos os filhos de Sete” (Nm, 24, 17). Profecia que, segundo esta versão, os Reis Magos perseguiram por séculos (nesta versão contada na Legenda Áurea a cada rei morto havia sua substituição por seu filho), sempre a observar os céus – astrólogos que eram – até o dia de sua realização e, assim, se porem a caminho, em busca do Deus Menino.

A versão de São Mateus não dá nomes aos reis magos, ela conta que eles trouxeram oferendas ao novo rei, a saber, ouro, mirra e incenso. Mas, segundo a versão trazida na Legenda Áurea (Franco Júnior, 2006) os nomes dos três Reis eram: Baltazar (latim) que em grego é Malgalat e em hebraico é Amerio (rei negro que oferta mirra, uma resina aromática, símbolo da mortalidade dos homens); Melquior (latim) que em grego é Sarathin e em hebraico é Damasco (o mais velho, de barbas brancas, que oferece ouro como símbolo da realeza espiritual do menino Jesus) e Gaspar (latim) que em grego é Galgalar e em hebraico é Apelio (o mais jovem e que oferece o incenso, símbolo das orações feitas com devoção).

Padre Antônio Vieira (1608 - 1697), a partir da narrativa bíblica, escreve o Sermão da Epifania que foi pregado para a Rainha Regente e para el Rei em Portugal. Neste sermão Vieira (Pécora, 2003) demonstra a profunda importância dos Reis Magos para a fundação ideológica do mundo tal qual se conhece. Vieira diz que ao adorar o Deus-Menino os reis magos fundam a cristandade. Fundam a cristandade porque foram os primeiros a reconhecer Cristo como senhor e, por isso lhe ofertam ouro; os primeiros a reconhecerem o Deus-menino como Deus e lhe oferecem incenso e os primeiros a o

reconhecerem como homem, carne mortal e, por isso lhe consagram a mirra. Padre Vieira segue dizendo que somente após este primeiro momento com os reis magos vieram os gentios e se renderam, vieram os idólatras e tornaram-se cristãos. Isto é a inauguração da cristandade. São eles, os reis magos, “viajores” (Brandão, 1983, p. 4) e contadores do Mundo Novo que se inicia com o nascimento de Cristo. Os reis magos estão na cena primeira, na primeira Epifania do Senhor, e abrem um novo tempo com sua reverência e adoração a Cristo.

A folia de reis é uma narrativa sobre a Epifania de Cristo transcrita na Bíblia Sagrada e que acima é descrita. Epifania vem da língua grega antiga: “Ἐπιφάνεια” que significa a aparição; um fenômeno miraculoso (Nascimento, 2003). Ela representa a assunção humana de Jesus Cristo, ou seja, quando o filho do Deus deu-se a conhecer ao mundo. Na narração bíblica, Jesus deu-se a conhecer a diferentes pessoas e em diferentes momentos, e o mundo cristão celebra como Epifania estes eventos: a Epifania propriamente dita perante os Três Reis Magos do Oriente (celebrada no domingo mais próximo ao dia 6 de Janeiro); Epifania a João Baptista no rio Jordão; a Epifania a seus discípulos e início de sua vida pública com o milagre de Caná quando começa o seu ministério (Nascimento, 2003). Neste sentido a Folia de Reis é a representação do primeiro momentos de aparição de Jesus ao mundo.

Pode-se dizer que a folia de reis é a Epifania do Senhor no ermo do sertão. É ela uma celebração. Uma forma de manter viva na vida de cada folião, devoto ou seguidor esta história que aponta para a história que a Humanidade carrega. Aparição de Cristo novamente e, agora e sempre, na figura dos foliões a seguir nas estradas cobertas de poeira fina e vermelha no ermo do sertão.

Sim, “Belém se atualiza na casa do festeiro.” (Pessoa, 1993, p.108) e a folia se atualiza também a cada vez que *gira*, ou em cada gesto do folião com a bandeira, na pedicção em ajuda aos santos, na comida oferecida, nas promessas, nas cantorias, nas

rezas de terço, no som da viola, do triângulo e da sanfona e nas estradas silenciosas. A folia de reis traz o nascimento de Cristo de volta de maneira reinventada, acontecendo naquele instante do *giro* e suas rezas. Neste giro levam a Boa Nova, contando em cada casa que passam que o menino-Deus nasceu.

1.2. Traços Históricos da Folia de Santos Reis e o campo de pesquisa

Havia na cidade de Palmeiras de Goiás, no transcorrer do século XX, equipes de Folia de Reis que foram extintas com o passar do tempo e das quais não se obteve registros e nem possibilidade de quantificação, como assevera em entrevista Sônia Maria Germano Mendonça (S. M. G. Mendonça, comunicação pessoal, 2 de fevereiro de 2010), filha mais velha de João Fernandes de Melo, conhecido por Coronel João Germano (*1895 / + 1976). João Germano foi um dos mais influentes embaixadores de Folia de Reis da cidade por volta de 1958. Nasceu em Patrocínio (MG) e migrou para Goiás trazendo consigo a equipe de Folia de Reis: Nelson, João Gordo e tantos outros que tiveram os nomes perdidos. Sua companhia de folia girava na região do Morro Agudo, localidade de sua fazenda, na cidade de Palmeiras de Goiás. Em 1972, aos 77 anos *tirou* sua última folia. Foi realizada uma filmagem que também ficou perdida e da qual não se tem mais notícia, segundo sua filha Sônia disse em entrevista (S. M. G. Mendonça, comunicação pessoal, 2 de fevereiro de 2010). A equipe guiada por João Germano foi extinta após seu falecimento em 1976.

Um dos discípulos e componentes da equipe de folia do Coronel João Germano – como conta Sônia Maria Germano Mendonça (S. M. G. Mendonça, comunicação pessoal, 2 de fevereiro de 2010) –, foi Lauderico Ferreira Carvalho, conhecido como

Seu Baiano⁵ (*1942/+2005), que mais tarde tornou-se também um dos mais influentes embaixadores de folia do seu tempo. Atualmente existem duas equipes em atividade na cidade: a folia de Seu Baiano que descende da folia do Coronel João Germano e a que tem como embaixador de folia Seu Sebastião Carapuça (Sebastião Arantes Pereira) da região da Ponte Nova e que, segundo Seu Sebastião Carapuça, *gira* ininterruptamente há 64 anos (S. Arantes, comunicação pessoal, 12 de julho de 2005).

Após o falecimento de Seu Baiano a equipe de Folia foi assumida por Baia (Eurípedes Correia da Costa). Estas duas equipes de folia de reis têm se fundido em muitos momentos de *giro* ou de pagamento de promessas, tornando-se uma só, prevalecendo a maestria de Seu Carapuça. Segundo observações realizadas pela autora nos últimos 5 (cinco) anos, este fato se deve ao nível de conhecimento sobre o ritual que Seu Carapuça possui, à sua antiguidade e perseverança na realização do ritual (sic). Assim, ele é líder natural nas situações que envolvem folia de reis no município de Palmeiras de Goiás.

A folia de santos reis – pesquisada neste trabalho – teve início com Seu Teófilo Pereira Santana (*1887/+1952), natural de Piracanjuba (GO), que se mudou com a família para Palmeiras de Goiás (GO) em 1944, morando numa fazenda na região da Ponte Nova – localidade onde tradicionalmente, ainda hoje, *gira* a folia de reis guiada pro Seu Carapuça (S. Arantes, comunicação pessoal, 15 de outubro de 2006).

E em 1946, começou *tirar*⁶ e *girar* com a folia em toda a região. Esta tradição familiar foi repassada por Seu Teófilo ao filho mais velho Ademar Arantes Pereira (S. Arantes, comunicação pessoal, 15 de outubro de 2006). Seu Ademar desistiu e tempos depois a repassou a seu irmão, Sebastião Arantes Pereira, – “Seu Tião Carapuça” – que

⁵ Durante o ensaio de Folia de 2005, em Palmeiras de Goiás, Seu Baiano faleceu. Mas durante as observações realizadas em 2004 e parte de 2005 cedeu à autora algumas entrevistas sobre a Folia de Reis.

⁶ Tirar folia significa organizar todos os aspectos da Folia, desde a cantoria, a bandeira, o giro, a comida, etc.

até os dias de hoje a conduz. Esta companhia de reis é considerada a mais tradicional da região (S. Arantes, comunicação pessoal, 15 de outubro de 2006).

Em Palmeiras de Goiás a data da folia de reis foi mudada de 25 de dezembro a 6 de janeiro para o mês julho (sic). Mudança creditada ao êxodo rural acontecido mundialmente. Os foliões fazem parte da população empurrada do campo para a cidade em busca de oportunidades de trabalho e que fazem parte dos números estatísticos que contam sobre o êxodo rural e suas consequências na vida das pessoas. Segundo Estevam (2003), a partir de 1960, a relação urbano-rural foi alterada com nítida redução da população rural; na década de 1970 houve a supremacia do quantitativo populacional urbano sobre o rural e a década de 1980 trouxe reformas (adoção de formas capitalistas de produção na agricultura, apropriação fundiária especulativa e, a mais contundente, a instituição de direitos trabalhistas para antigos colonos) que decidiram definitivamente os rumos do êxodo rural.

Com todos estes ingredientes em ebulição e o *glamour* das cidades que sempre acenaram e acenam com suas intensas luzes e como miragem de melhoria das condições de vida, ninguém pode fugir às consequências do êxodo rural.

Quanto à organização estrutural e social, mantém-se, na folia de reis pesquisada, um formato tradicional, ponto que se trabalhará posteriormente. A equipe conta com treze (13) funcionários ou agentes, quinze (15) seguidores-devotos. As funções desempenhadas são embaixador ou capitão de folia, resposta, alferes da bandeira, instrumentistas e palhaços. Os instrumentos utilizados pela folia de reis são: caixa, sanfona, viola, violão, cavaquinho, triângulo e pandeiro.

Pode-se observar – ao fazer uma comparação com o quantitativo de foliões desta equipe de Santos Reis e seus seguidores-devotos expostos na Tabela 2 – que o número de participantes da pesquisa é diverso da composição da folia de reis descrita. Durante a coleta de dados, lá nos campos das Palmeiras dos Goyazes, uma equipe de foliões da

cidade vizinha – Cezarina - *girava* e manifestou o desejo de participar da pesquisa, permissão concedida pela autora com objetivo de valorizar aqueles que trabalham para santos reis.

O *giro* da folia é organizado com antecedência pelo capitão de folia e visita fazendas, bairros e casas de pessoas que fizeram promessas. Durante o *giro* os versos recitados pelo embaixador de folia são inventados no repente e as vozes da resposta o repetem em cantoria (sic). Esta característica de invenção de versos de imediato, “no repente” é muito significativa, pois o embaixador da folia de reis pesquisada é analfabeto. Segundo Pereira (2005), durante o *giro*, mantêm-se sem mudança somente os pedidos de esmolas e o agradecimento antecipado desta oferta.

Palmeiras de Goiás – campo fértil da Folia de Reis pesquisada – neste século XXI, no ano de 2010, completará 105 anos de emancipação política. Seu primeiro nome foi São Sebastião do Allemão, depois passou a chamar-se Palmeiras, logo em seguida Mataúna e somente no ano de 1947, passa a se chamar Palmeiras de Goiás (Lopes Júnior, 1982).

A fundação de Palmeiras de Goiás deu-se nas terras doadas por Antônio Martins Ferreira de Andrade a seu santo de devoção, São Sebastião. Terras estas que ficavam nas proximidades da casa de Jonas – garimpeiro alemão – que se tornou o primeiro habitante do lugar, lá pelos idos de 1794. Segundo o historiador José Pereira Lopes Júnior (1982), em seu livro “A História de Palmeiras de Goiás”, diz que talvez ele fosse um aventureiro saído das privações européias, numa época de intensas guerras buscando no novo mundo chances de melhoria de vida.

Palmeiras de Goiás está localizada na região Meia Ponte, a 87 km da capital do Estado, Goiânia. Limita-se com os municípios de Turvânia, Nazário, Indiará, Santa Bárbara de Goiás, Varjão, Palminópolis, Jandaia e Cezarina. Sua economia é plural, conta-se com agricultura, pecuária, comércio e indústrias. Esta cidade traz consigo a

folia de santos reis de longa data, um povo solícito a estes aconteceres e está impregnada de histórias a serem contadas.

1.3. Folia de Reis: um pouco de etnografia

Para que haja melhor compreensão da folia de santos reis é necessário fazer-se um levantamento etnográfico, ou seja, descrição desta cultura imaterial do povo e traçar o desenho pormenorizado de todas as funções e etapas nela existentes. A folia de reis possui vários rituais que têm por objetivo chegar ao fim maior, a saber, efetuar a viagem de santos reis.

Estes rituais são investidos de cerimônias e caracterizam a reverência dos foliões mediante santos reis. Em entrevista Seu Carapuça (S.Arantes, comunicação pessoal, 15 de outubro de 2006) disse que os foliões não fazem nada em seus próprios nomes, mas em nome do santo, os Reis Magos. Assim, estes rituais são cerimônias populares, com objetivo de reverência ante a fé e compromisso de cada um que ali está.

Pessoa e Felix contam que Brandão (1981, citado por Pessoa & Felix, 2007, p. 194) fundamentado no “Ensaio sobre a Dádiva” de Marcel Mauss, fez teoria sobre este pacto de compromisso firmado entre os foliões e santos reis, chamaram-no de contrato. O contrato possui a seguinte estrutura: os foliões pedem e recebem bens materiais para si e os outros e devolvem em forma de agradecimentos aos presentes ou pedidos de bênçãos. Todos ‘dão’(doam), tanto os promesseiros como devotos. ‘Dão’ porque faz parte do ritual e, também, porque há simbologia: ser agraciado. Neste sentido, Deus é obrigado a restituir em nome dos Reis Magos e, por consequência, dos foliões, seus legítimos representantes.

Cumprir anualmente a Folia de Reis é em primeira instância um compromisso consigo mesmo. Cada folião dedica sua vida, seus atos e suas emoções na realização da

Viagem. O contrato vigora não somente nos dias de cumprimentos de rituais, mas a cada folião é cobrado diariamente comportamentos coadunantes com sua crença. Faz parte do compromisso de ser folião empenhar sua vida, praticar a cada dia atos que apontem para este compromisso.

Há por parte dos integrantes da Folia e, por parte de quem a recebe, união em prol do vencimento de cada ano. Todos fazem sacrifícios, todos se mobilizam para feitura artesanal deste costume.

Descreve-se a seguir as etapas da Folia de Reis: saída, o giro, o pouso, a entrega e também as funções desempenhadas por cada folião dentro da companhia de Reis. Nesta dissertação acrescenta-se o ensaio de folia, etapa não vista em outras folias estudadas, mas que compõe o ritual da Folia de Reis de Palmeiras de Goiás.

1.3.1. Ensaio de Folia

Seu Tião Carapuça, capitão de folia, em entrevista à autora, diz que o ensaio de folia é o momento em que se explica a origem da Folia de Reis (S.A. Pereira, comunicação pessoal, 18 de outubro de 2006). A cantoria gira em torno do contar os pródromos desta festa e também seus objetivos. O que é muitíssimo interessante e importante, posto ser uma forma de transmissão do saber, e também porque além da equipe da Companhia de Reis está presente público em geral.

O capitão de folia é a pessoa responsável por este momento e ensina a todos através da reza e da cantoria. Durante a entrevista, Seu Tião Carapuça verseja uma cantoria para ensaio de folia. Traz-se aqui um momento vivo, em forma de versos ditos pelo velho capitão Carapuça (S.A. Pereira, comunicação pessoal, 10 de janeiro de 2010):

“Divino Espírito Santo nós vamo começá

uma folia de santos reis vamo ensaiá.

Para sair com uma folia tem que ser bem preparado
enfeitá uma bandeira com santos reis estampado

Quando a caixa bateu me veio na recordação

Arreunimo os companheiro

Arreunimo os folião

Arreunimo os folião com prazer e alegria

Acertamo os instrumento

Pra fazer a cantoria

Aqui está nobre arfer prestando bem atenção

Também tem meus dois máscaras que aqui está presente

É os dois representante dos três reis do oriente

Nobre arfer, tira nossa bandeira do altar do sacramento

Pra santo reis abençoá o seu acompanhamento

Avistamo os treis reis santo

Alegramo o coração

Vamo arreceber a benção

Os meus nobre folião

Amanhã, queremos Deus, santos reis vai viajar

Vai pedir suas oferta pra no dia festejá.

Santo Reis vai viajar abençoando os morador

Vai pedir suas oferta pra levá pro Senhô.

Santo Reis vai viajar, vai correr a freguesia

Vai convidá o pessoal pra entrega da folia.

Arfer vorta nossa bandeira pra esse santíssimo artar

Pelo amor do espírito santo

Sua folia ensaiada está.”

Ou seja, o ensaio carrega a semente essencial da Folia, é um momento carregado de fervor, alegria e transmissão de saber. Um início de sacrifícios e preparativos que os foliões fazem por desejo próprio e em nome de Santos Reis.

1.3.2. Saída: o começo da viagem

A saída diz da decisão de busca e da intencionalidade devocional de cada folião. Necessita-se da concentração, pensamento voltado para sua missão. Ela se inicia com atos, de pedidos de bênçãos nesta empreitada que partem do capitão de Folia. E mediante observação da autora e registros fotográficos e em vídeo (2009) (sic) nota-se que há, também, momentos de descontração, muita música sertaneja, muita cantoria, brincadeiras, risos e conversas.

Em Palmeiras de Goiás, o capitão da Folia Seu Sebastião Carapuça, toca o apito dando o sinal para a finalização da informalidade e início da ritualização. Onde ele diz versos de forma espontânea, como se fosse um repentista fazendo sua obra de arte ao



Figura 1. Descontração dos foliões. Antes do início da etapa de saída. O dono da casa (à esquerda), os foliões Seu Gabriel (à esquerda), Seu João (ao centro) e Baia, capitão de folia (à direita). Fonte: arquivo pessoal da autora

Em todas as Folias de Reis, neste momento de saída, não falta a reza do terço, momento emocionante para todos os participantes, onde o sentimento de estarem referidos à crença e realização de promessas a Deus é priorizado.

Abre-se um parêntese para conceituar o rosário, devido à sua importância como momento de retorno às origens da festa, pois o catolicismo popular aprendeu os rituais com o catolicismo oficial (Pereira, 2005). Reza-se o Terço do Rosário que “[...] são as rosas que oferecemos à Mãe de Deus, o Rosário é uma coroa de rosas [...]” (Rodrigues, 1986, p. 20). O Terço é um conjunto de Aves-Maria e Pai Nossos, são 50 (cinquenta) Ave-Marias rezadas em grupos de 10 (dez) que se chamam mistérios. Rodrigues (1986) confere ainda que os mistérios estão divididos em 3 (três) partes que contam a saga de Jesus:

A - Mistérios gozosos: anunciação do anjo, visita de Maria a Isabel, nascimento de Jesus, apresentação de Jesus no templo e encontro de Jesus entre os doutores;

B - Mistérios dolorosos: agonia de Jesus no horto, flagelação de Jesus, coroação de espinhos, Jesus carregando a cruz e crucificação e morte;

C - Mistérios gloriosos: ressurreição, ascensão, vinda do Espírito Santo, assunção de Maria e coroação de Maria.

O Terço conta passagens da vida de Cristo, sua via cruxis. O que se torna muitíssimo pertinente, já que a Folia de Reis se propõe a anunciar o nascimento de Jesus, então a realização do terço é indispensável. Seu Sebastião Carapuça (2009) disse durante entrevista que:

“No terço não misturo canto de igreja. Terço é terço. Terço é cinco mistéro, é um credo antes de começar, o pai- nosso pra afastá os mau, é a sarve-rainha cantada, ou que seja falada, contemplação do terço, oferecimento do terço.”

Traz-se agora, ao vivo, trechos do oferecimento do Terço realizados por Seu Carapuça (S.A. Pereira, comunicação pessoal, 10 de janeiro de 2009) durante a entrevista acima citada:

“Oh! minha soberana imperatriz,
 Mãe de nosso senhor Jesus Cristo e de nós todos pecador.
 Homilde oferecemos este terço que rezamo(...)
 Nesta hora e nesse dia será oferecido pra Santa Luzia.
 E quer que seja por nosso desejo que Deus faça por bem dela pegar,
 Retirar, levar e gozar destas boas palavras na sua eterna glória
 (Cada pessoa faz um pedido)
 Pedimo a deus pra livrar nós da pestes... morte repentina.
 Pede a Deus pra livrar nossas alma do fogo,
 Do purgatório quando deste mundo for.
 Amém!”

Já na contemplação, a voz de Seu Carapuça continua...

“Louvado seja o poder, louvado sabedoria,
Louvado o amor divino, louvado a virgem Maria
E o santo rosário que ouça minha perdição.
Caminhar minha alma que eu tenho em vossas mão,
Que até agora está a errar tentando aproximar de vosso caminho...
Rainha... dos céus e da terra que diga que sou forte pra dizer:
Jesus, Jesus, Jesus na hora da minha morte.
Amém.”

É muito interessante ver durante a reza do Terço os resquícios da conformação antiga das missas católicas. Assim, mantém-se, na Folia de Reis, um ritual ainda muito próximo dos rituais da liturgia oficial, mas em moldes populares. O ritmo da cantoria do Terço se parece em muito com a missa solene, missa rezada em latim.

A finalização do Terço é momento de alegria, onde o toque da sanfona impõe um ritmo festivo, pois simboliza a finitude dos sacrifícios de Jesus e Ele está à direita do Pai com Maria coroada (sic). Cada folião encerra em seu *giro* pessoal este significado.

Nesse momento, todos, em primeiro lugar os foliões, fazem fila e passam a beijar a bandeira com a figura de Santos Reis estampada. O altar erigido, os santos e o Terço também são reverenciados pelas pessoas ajoelhando-se e fazendo sinal da cruz (sic).



Figura 2. Momento de reverência ante o altar. Capitão de Folia, Seu Carapuça depois do terço.

Fonte: arquivo pessoal da autora

Por isso, não pode-se deixar de citar uma fala de Pessoa e Felix (2007, p. 199) que apontam para este exato momento: “Sair com uma folia é embrenhar-se numa jornada de profundo respeito e sentimento religioso. Começa-se a realizar mais uma vez uma tarefa de interação com o sagrado e com a fé do povo.”

Vamos seguindo viagem, ainda faltam muitas casas a serem visitadas.

1.3.3. O giro: a reinvenção da viagem de Santos Reis

“Fazer o giro” é reinventar a viagem dos Reis Magos. Os foliões são os reis magos atualizados nos estradões do sertão. Belém existe em cada casa visitada e de novo o Menino-Deus está presente e a história se faz viva (Pessoa, 1993). A partir deste princípio, tudo que segue o giro é uma simbologia que atenta para os acontecimentos da infância de Jesus narrada no evangelho de Mateus, como já foi dito anteriormente. Para Brandão (1983, p. 24) o giro é “o nome dado à jornada cumprida pela companhia [...] o nome do trajeto feito entre pousos [...]”. E Seu Carapuça conta durante entrevista que há

duas regras fundamentais no *giro* (S.A. Pereira, comunicação pessoal, 15 de outubro de 2006):

A - “Não pode cruzar” os caminhos a serem percorridos;

B - A Folia de Reis deve sair sempre “às dereitas” das casas que Santos Reis estão visitando.



Figura 3. Folia de Reis em giro pelo chão duro do cerrado. À frente vem o alferes da bandeira e um palhaço seguido pelo restante das gentes. Fonte: arquivo pessoal da autora

Estas regras simbolizam a passagem bíblica (Mateus 2 1-12) em que Herodes sabendo da peregrinação dos Reis Magos e que buscavam encontrar o Menino Deus, o novo rei dos judeus, chamou-os e pediu que assim que o encontrassem, voltassem para contar onde este estava para que ele próprio, Herodes, o adorasse. Mas depois que os Reis Magos encontraram Jesus e o adoraram, oferecendo-lhes presentes, foram avisados em sonho que não voltassem a Herodes. Seguiram outro caminho para suas terras, não cruzaram os caminhos feitos anteriormente.

Assim, a partir desta regra fundamental, os foliões precisam fazer um estratagema geográfico para o giro acontecer, levando em conta as saídas sempre à

direita das casas onde estão visitando e o fato de não poderem cruzar o caminho já trilhado.



Figura 4. Chegada da Folia de Reis em fazenda da região da Ponte Nova.

Fonte: arquivo pessoal da autora

1.3.4. O Pouso: onde descansa o breve sinaleiro

Receber uma Folia de Reis para pousar foi, e ainda é, uma honra e responsabilidade para qualquer família temente e devota de Santos Reis. Este é um momento de receber em casa a presença dos santos e daqueles que os representam.



Figura 5. Chegada da Folia de Reis em fazenda da região do Boqueirão para pouso. Foliões em fila, organização típica, tradicional.

Fonte: arquivo pessoal da autora

As mulheres arrumam tudo com muito esmero, preparando comidas deliciosas: macarronada, almôndegas, arroz branquinho, feijão de caldo, frango ao molho de açafraão, farofa de galinha da angola, como observou-se durante coleta de dados (2009)(sic). Um cardápio extremamente especial, posto que tudo é feito de maneira artesanal. Cozinhar também se torna uma forma de devoção através do trabalho.

Atualmente, devido às novas tecnologias, o pouso perdeu a característica a qual dá nome. O pouso somente se justifica pela bandeira. A bandeira de Santos Reis passa a noite na casa escolhida para o pouso e os foliões seguem para suas casas. Eles voltam no dia seguinte para a alvorada, o agradecimento pela janta, pouso, esmolos e a saída da bandeira para mais um dia de jornada.

O pouso possui algumas etapas (Pessoa & Felix, 2007): chegada ao arco, reza do terço, janta dos foliões e convidados, baile ou catira, descanso dos foliões. Estas etapas foram observadas desde 2005 pela autora e a partir das entrevistas com Seu Carapuça (S.A. Pereira, comunicação pessoal, 15 de outubro de 2006) e foliões dispensa-se conceituação a elas:

A - Chegada ao arco: momento muitíssimo esperado, pois aqui o dono da casa – patrão – carrega o santo da casa para recepcionar Santos Reis. Os palhaços são responsáveis pelo pedido de autorização da chegada da Folia. O arco é colocado na entrada da casa ou fazenda, é feito de folhas ou pedaços de bananeiras, em geral, e enfeitados com flores de papel crepon. Nos arcos o patrão esconde esmolas as quais os palhaços terão que encontrar. Este é momento de descontração e risos, mas não sem objetivo (que será discutido posteriormente).

B - Reza do terço: depois de autorizada a entrada da equipe da Folia, a procissão segue em direção ao altar para a reza do terço, que em Palmeiras de Goiás é cantado;

C - Janta dos foliões e convidados: o patrão coloca uma mesa separada especialmente para os foliões – reverenciando a importância destes como representantes de Santos Reis e sua árdua tarefa – são os primeiros a servirem.

D - Baile ou catira: este momento comparece o lado profano deste ritual que é a Folia de Santos Reis. Em Palmeiras de Goiás, em 2009, na entrega compareceram cerca de 1.000 pessoas. O dono da casa usou, inclusive, o recurso da internet para convidar os interessados (sic). Este momento é a posteriori da reza do terço e janta, há muita música, dança e diversão.

e. Descanso dos foliões: cada um segue para sua casa.

O pouso deve ser um momento de reflexão, o local onde descansa o sinaleiro, a guia dos bravos trabalhadores de Santos Reis, a saber, a Bandeira, símbolo maior da Estrela Guia do Oriente. Ali dorme por uma noite na casa do devoto a marca de Santos Reis para no outro dia, quando a manhã se levanta voltarem à viagem em busca do Menino Deus e a anunciação da Boa Nova.

1.3.5. A Entrega

Em Palmeiras de Goiás é parte constante do ritual. Na entrega da Folia há a “parada” dos instrumentos e da Bandeira. Em alguns lugares, a entrega da Folia acontece em dia diferente da festa final. Em Palmeiras de Goiás as duas etapas coincidem. No mesmo local que se faz a entrega tem-se a festa de encerramento.

Seu Carapuça em entrevista explica a entrega assim (S.A. Pereira, comunicação pessoal, 15 de outubro de 2006):

“A entrega já é diferente. A entrega chegô tem o ‘artar’, tem o rei, tem a rainha, eles vem encontrá no primeiro arco. Ali no primeiro arco o proprietário, festero que se chama imperador. Tem a rainha da festa, tem o rei da festa, eles que chega com a bandeira. O alfer chega de um lado, a esposa chega do outro carregando a bandeira e dois casalinho de criança vem com as mão na bandeira. Aí chego, é saudá, (isso aí é repertório!) de acordo com o que vem de lá pra cá, se é S. Pedro, se é S. João, São Sebastião, Nossa Senhora da Guia, Nossa Senhora Aparecida, se é Divino Pai Eterno. Isso é de acordo com repertório do capitão. Salvá por nome (os santos). Agora, depois que chegô no artar, saudô o artar, saudô todos os santos que tava no artar. Se tivê de cinco santo pra trais, eu saúdo cinco nome por nome, santo por santo. Se tivê mais de 5 eu saúdo diferente. Sendo assim: - Deus salve nobre artar, deus salve os quatro cantos, deus que salve todas estampas, deus te salve todos os santos.”



Figura 6. Chegada da Folia de Reis no arco. Os donos da casa recepcionando a Folia de Reis. Em sinal de reverência, a dona da casa traz Santa Luzia para receber Santos Reis.
Fonte: arquivo pessoal da autora

Seu Carapuça (S.A. Pereira, comunicação pessoal, 15 de outubro de 2006) ainda diz que às vezes o dono da casa, por inexperiência ou falta de conhecimento, coloca no altar uma quantidade grande de santos então, o embaixador é obrigado a conduzir a equipe da sua folia a rezar para todos os santos postos no altar. Abre-se este momento para alguns versos de Seu Carapuça (S.A. Pereira, comunicação pessoal, 18 de julho de 2009) feitos para entrega e cedidos por ele em entrevista:

“Veja que estampa é aquela, é os treis reis, santo irmão,
Santo Reis vai agradecê a todos seus folião

Na frente do artar a bandeira levanto,
Santo Reis tá agradecendo
a todos que com ele ando.

Na frente do artar a bandeira tá erguida,
ali está santos reis fazendo sua despedida.
Amanhã queremos deus, os folião vai esparramar
e aqui os Santo Reis por um ano vai morá.

Os folião vai pra suas casa,
santo reis vai pra Belém,
ele ta dizendo adeus, adeus, até no ano que vem.

Alfere coloca a bandeira nesse santíssimo artar
que em louvor do espírito santo sua folia entregue está.”

A entrega da Folia é um momento que conta com a ampla participação de pessoas que não têm conhecimento de Folia de Reis. Os momentos de fé e devoção, bem como de giro, geralmente são seguidos por foliões, devotos e festeiros da região por onde a Folia está realizando o giro. Já o encerramento é um momento do povo em geral, onde se canta e se alegra.

1.4. Funções da Folia de Reis: composição interna e externa do ritual

A Folia de Reis possui uma estrutura funcional organizativa baseada na antiguidade e experiência, bem como no desejo de cada um em servir a Santos Reis. A renovação das funções passa pela exigência destes requisitos na vida de quem deseja exercê-las e da submissão de buscar a aprendizagem a cada ano. Pode-se citar o exemplo de troca de embaixador. O próximo embaixador é aprendiz do atual e o substitui somente após a morte do mais antigo. Passa-se a partir de agora a descrever estas funções: embaixador, resposta e requinta ou baixão, instrumentistas, palhaços, decoradoras e cozinheiras.

1.4.1. Embaixadores de Folia: missão para uma vida inteira

Ser embaixador, capitão ou mestre de Folia é ser portador de um saber adquirido através de herança. E segundo Goethe citado por Freud “*O que há herdado de teus pais adquire, para que o possuas*” (Goethe, 1749 – 1832, citado por Freud, (1940 [1938]), p. 237). Toda herança necessita ser tomada, e realizada na vida de cada herdante. O capitão de folia é gerado durante toda a vida, em geral são iniciados pelos próprios pais desde a infância e percorrem seu aprendizado durante os incessantes anos de Folia de Reis, como conta S. Carapuça (S.A. Pereira, comunicação pessoal, 15 de outubro de 2006), capitão de folia em Palmeiras de Goiás, em entrevista. Ele próprio exemplifica a questão dizendo:

“Meu pai começou a tirar folia em Palmeiras em 1946 quando ele veio de Piracanjuba, estado de Goiás. E eu desde menino segui meu pai, mas meu irmão Ademar, era o mais ‘vei’, e ficou sendo capitão quando meu pai morreu. Mas não deu certo e eu assumi. Desde dessa época nunca ‘faiei’ de tirar folia nenhum ano.”



Figura 7. Chegada da Folia de Reis em uma casa na cidade. Capitão de Folia, Seu Carapuça durante o giro.
Fonte: arquivo pessoal da autora

Em geral, o sentimento do capitão de Folia em relação à Folia é de recebimento de missão, uma saga que terá de enfrentar para honrar o nome do pai e não deixar morrer o costume, tudo isto realizado em nome de Santos Reis e em reverência aos santos. Segundo Pessoa e Felix (2007, p. 208) “O embaixador é a memória viva da crença [...]”. O capitão de folia é o guardião dos saberes sobre todos os rituais da Folia de Reis e das passagens bíblicas nas quais ela se fundamenta.

Em cada saída, pouso, entrega e durante todo o giro é o embaixador quem faz os versos. Algumas vezes, dá o lugar a outro, ao escolhido, aquele que o capitão toma

como herdeiro de seu saber. Estes versos em geral são inventados em cada um dos momentos levando em conta, como disse anteriormente, as sagradas escrituras.

O capitão de folia centraliza em si todas as etapas que englobam a Folia de Reis. É um “especialista religioso, conhecedor dos fundamentos da Folia e das regras do ritual, o folião ainda é responsável pela disciplina, organização e manutenção do grupo” (Chaves, 2003, p. 29). É no embaixador que a essência da Folia de Reis vive, é ele um guardião dos saberes deste ritual, é ele o guardador das bases que operam a existência da Folia de Reis, é através dele que o significado de cada procedimento do ritual é repassado. O embaixador de folia é uma espécie de antigo guardião para quem é ensinado, pelas tramas da vida, o sentido profundo da Folia.

Resumindo, funções de embaixador:

1. Posicionar de vozes
2. Afinar vozes e instrumentos
3. Guardar conteúdo estruturante do ritual
4. Direcionar o giro
5. Esclarecer dúvidas sobre os fundamentos da devoção aos Reis Magos
6. Deter os conhecimentos bíblicos
7. Embaixar a folia
8. Cuidar do comportamento dos trabalhadores da Folia
9. Cuidar dos gastos financeiros da Folia e das esmolos recebidas



Figura 8. Seu Carapuça e Claudia Carvalho durante *giro* pela região do Bouqueirão.

Fonte: arquivo pessoal da autora

Portanto, o embaixador de Folia deve trazer em sua própria vida aquilo que canta em seus versos, o seu saber passa pelo fazer. Sua fama não deve restringir-se ao grupo de folia, mas resplandecer na sociedade, pois ele está à frente da companhia.

Seu Carapuça, capitão de Folia em palmeiras de Goiás, a exemplo disto, além de respeitado embaixador em toda a redondeza, é rezador de grande fama, sendo procurado por inúmeras pessoas com variadas doenças, problemas pessoais ou financeiros ou conflitos. Detém conhecimento sobre ervas curativas e receita aos sofredores a cura para seus males (sic).

1.4.2. Resposta e a requinta ou baixão

A resposta é formada por foliões cantadores, que no momento de cantoria fazem o acompanhamento com seus violões, repetindo os versos criados pelo embaixador de folia com vozes seqüenciadas. Formam um coro, são as vozes da cantoria. Como se fossem um acento, dando grau de importância às falas do capitão de folia. A resposta é seguida pela requinta ou baixão, sendo estes cantadores que fazem no final da resposta o ‘oiaaaaaaaaaaaa’.



Figura 9. Seu Carapuça cantando versos de Folia e seguido pela resposta e requinta.

Fonte: arquivo pessoal da autora

A requinta é chamada vulgarmente de “o grito” (Chaves, 2003), é uma oitava acima da nota dada pelo capitão de folia. Em algumas Folias de Reis a função do baixão é desempenhada por crianças, já em outras por homens (Pessoa & Felix, 2007). Em Palmeiras de Goiás há participação de mulheres nessa função.

O posicionamento da Folia durante a cantoria estabelece-se assim, o capitão da folia à frente de modo que cante para os donos da casa e veja a Bandeira, atrás dele fica a resposta e depois a requinta e baixão.

Os versos “embaixados” pelo capitão e seguidos pela resposta, requinta e baixão formam uma finalização muito bem coordenada de vozes.

1.4.3. Alferes da bandeira

O alferes é a pessoa responsável por carregar a bandeira. Ele é quem vai à frente da procissão das gentes, ele leva a Estrela do Oriente, a Estrela Guia. É sempre o primeiro a chegar às casas no momento em que é dada a permissão, pelo dono da casa aos palhaços para que entrem no local a ser visitado. E é responsabilidade do alferes puxar a saída.



Figura 10. Chegada da Folia de Reis em apresentação na Fazenda Boa Esperança. À frente os palhaços, depois o alferes da bandeira.

Fonte: arquivo pessoal da autora

Outra função do alferes da bandeira é o recolhimento das ofertas, como acontece na maioria das Folias de Uberaba (MG) (Pessoa & Felix, 2007). Mas, isso somente acontece caso na Folia de Reis não haja palhaços que cumpram a tarefa.



Figura 11. Alferes da bandeira e palhaço. Momento de descanso antes do pouso

Fonte: arquivo pessoal da autora

1.4.4. Palhaços: guardiões do Menino Jesus

Os palhaços são a representação simbólica mais lembrada da Folia de Reis. Sua responsabilidade – segundo Seu Carapuça, capitão de folia, durante entrevista (S.A. Pereira, comunicação pessoal, 18 de outubro de 2006) – é distrair os que estão recebendo a Folia, devotos e convidados e assim retirar a atenção da bandeira para que ela possa adentrar nas casas despercebida.

Seu Carapuça conta durante entrevista (S.A. Pereira, comunicação pessoal, 18 de outubro de 2006) que os palhaços eram soldados que serviam Herodes e que se converteram ao cristianismo. Por isso, protegeram o Menino Deus e avisaram os Reis Magos sobre a matança planejada por Herodes e para burlar a perseguição se disfarçavam. Assim pode ser visto ainda na Folia de Palmeiras de Goiás. Hoje os palhaços distraem as pessoas com temor que no meio delas, simbolicamente, se escondam os soldados ou vigias de Herodes.



Figura 12. Palhaços da Folia de Reis.

Fonte: arquivo pessoal da autora

Os palhaços são o tom da Folia, o seu ritmo e alegria. São eles as cores, o embelezamento e a vida da Folia de Reis. Divertem as crianças, os adultos que se recordam de suas épocas de criança, os velhos, as mulheres, enfim, divertem a todos. Exibem façanhas, como ‘dançar em cima do chicote’ ou entre si. Suas falas são sempre em direção ao cômico.

Durante o giro vários foliões se vestem de palhaços e destes é requerida experiência anterior e conhecimentos bíblicos que fundamentam a Folia. Caso haja necessidade precisam saber responder questionamentos. E é vetado às demais pessoas saberem a verdadeira identidade da pessoa que se veste de palhaço.



Figura 13. Chegada da Folia de Reis em fazenda. Os palhaços são os únicos com permissão para seguirem à frente da bandeira.

Fonte: arquivo pessoal da autora

A farda, como é chamada a roupa dos palhaços, em geral é um macacão feito de chita em cores bem chamativas e alegres. Os próprios componentes da Folia fazem a máscara, que na Folia de Palmeiras de Goiás possui um dado de diferenciação das demais: trazem, no chapéu ou capacete usados, uma boneca com vestidinhos a compor este chapéu. Junto com a farda carregam o chicote, que é um pedaço de madeira fina enfeitada com os componentes da Folia: flores, fitas e uma espécie de chocalho.

Carregam uma capanga, espécie de bolsa, repleta de mimos oferecidos às crianças: balinhas e pirulitos. Mimos distribuídos na chegada às casas que têm crianças.

1.4.5. Instrumentistas: acompanhamento discreto de todas as horas

São aqueles componentes da Folia que sabem tocar algum tipo de instrumento. Os instrumentos mais comuns na Folia são: violão, sanfona, caixa. Em algumas Folias,

como a de Palmeiras de Goiás, são utilizados também: triângulo, cavaquinho e ainda há outras que utilizam reco-reco, rabeca ou chocalho.



Figura 14. Instrumentistas com cavaquinho, triângulo e caixa.

Fonte: arquivo pessoal da autora

1.4.6. Cozinheiras e decoradoras

Segundo Pessoa e Felix (2007) estas funções – cozinheiras e decoradoras – são funções externas à cantoria e, acrescenta-se, a parte feminina da festa. Pessoas que ficam nos bastidores da festa organizando a alimentação e enfeites da festa em oferta à Santos Reis.



Figura 15. As cozinheiras e o fogão à lenha ao fundo.

Fonte: arquivo pessoal da autora

As cozinheiras praticam seus dotes culinários fazendo comidas deliciosas para oferecer àqueles que representam os Reis Magos e vêm de tão longe, vêm do oriente. Pratos deliciosos servidos na festa: arroz branco, feijão, carne cheia (espécie de carne recheada com carne), carnes cozidas, almôndegas, frango ao molho de açafrão, saladas, macarronada, farofa de galinha d'angola (sic).

As decoradoras desempenham um papel importantíssimo no ritual, pois são elas que erigem os altares, enfeitam a casa com flores de papel crepom, flores que, em geral, elas mesmas fazem. Constroem o arco que fica à entrada a casa e onde a chegada acontece. Elas fazem todos os enfeites que comporão os instrumentos, refazem a bandeira para mais um ano de giro, bem como a coroa do festeiro, as correntes para bloquear a entrada que fica em cada arco colocado.

Procurou-se formatar um desenho da Folia de Reis neste capítulo 1 e no capítulo 2 se perfaz a variável valor por ser ela o amparo necessário para se discutir a manutenção dos costumes sob o enfoque da Psicologia.

CAPÍTULO 2

VALORES: REVISÃO TEÓRICA

Este capítulo versa sobre o histórico de desenvolvimento do constructo teórico chamado valores que tem sua origem no século XX e se tornou objeto de estudo da ciência nos últimos trinta anos (Gouveia, Martinez e Meira & Milfont, 2001). Levantase esse percurso desde a Filosofia, matriz da Psicologia, a atuais pesquisadores da área da psicologia. Os autores aqui trazidos desenvolveram a temática dos valores e a tomaram como objeto de estudo e arcabouço teórico que possui universalidade e estabilidade em qualquer cultura onde sejam pesquisados, como demonstra Shalom Schwartz através de suas pesquisas transnacionais. Autor também utilizado para fundamentar este trabalho e do qual tomar-se-á o conceito e demais pesquisas sobre valores para nortear esta dissertação.

2. Filosofia: o princípio

Quando se deseja pensar, ou estudar sobre uma temática, em primeira instância pensa-se numa busca principiada na origem do objeto de estudo. Busca-se sua origem, sua evolução ao longo do tempo, sua inserção na história, como foi e está sendo estudado, e assim por diante. Falar de valores não é diferente, principalmente pelo modo como tem servido de provocação às pessoas e pela variação e constância com que tem sido usado ao longo do tempo. Valores é um termo tão antigo quanto a Humanidade e traz consigo variadas conceituações e aplicações.

Este interesse tem se expandido pelas mais variadas áreas do conhecimento humano. Estudam valores a Psicologia, Antropologia, Filosofia, Sociologia, Economia, e até mesmo o senso comum se arvora em construções. No senso comum, valores são

utilizados quase como uma obviedade, tratados na direção daquilo que é primordial para alguém ou até mesmo para respaldar a moralidade ou ainda quando são emitidas opiniões e avaliações sobre determinados assuntos. O vernáculo (Lisboa, 1999, p. 663) está repleto de significações para a palavra valores, em variados aspectos e que demonstram a importância desta construção na vida das pessoas. Consta, portanto, que valor é: “o que uma coisa vale, preço, importância, qualidade inerente a um bem ou serviço, qualidade daquele ou daquilo que tem força, estimação, valia, valentia, coragem, mérito, préstimo” (Lisboa, 1999, p. 663).

O dicionário (Lisboa, 1999) traz também o que valores significam filosoficamente: o sentido que atribui regras à conduta das pessoas; caráter do que corresponde às normas idealizadas para o tipo referente àquela pessoa, por isso, pode ser desejado ou desejável. Significam tudo que é verdadeiro, belo e bom. Aquilo que é dependente de um tipo de juízo moral pessoal e que, em geral, se adequa ao da sociedade e época.

Portanto, no sentido em que aponta o vernáculo, os valores estão ligados à moralidade, à conduta, ao juízo feito pelos indivíduos frente a alguma situação, a qualidade conferida a outrem e que o distingue dos demais, isto é, um diferencial.

A Filosofia se dedicou ao estudo dos valores, isto desde que indagações permearam a mente humana. A começar com o grego Platão - considerado o filósofo de tradição ocidental que deixou considerável obra escrita - passando por Scheler (1956), Ortega Y Gasset (1952) até o francês existencialista Louis Lavelle (1951; 1955), a saber, este último um filósofo contemporâneo, século XX.

Filósofos iniciaram estudos sobre valores oferecendo então possibilidade posterior dos valores serem tomados como categoria independente de estudo (Gonçalves Júnior, 2004). Os filósofos foram antecessores de um movimento de criação de uma teoria de valores. É possível observar que mostras anteriores de sua compreensão,

aspiravam a reduzi-los ao esfera econômica, como fora primeiramente delineado por Adam Smith, Hutchenson e Shaftesbury, e em uma perspectiva científica por Herbart, Beneke e Lotze (Ortega Y Gasset, 1952 citado Gonçalves Júnior, 2004).

Então, traçaremos uma linha do pensamento destes filósofos intencionando tê-los como origem do pensamento sobre valores e posterior base para seguir em outros teóricos. Sabendo que a aproximação de um tema de estudo atual passa por seu delineamento ao longo dos estudos feitos pela Humanidade.

Platão identifica os valores como o Bem até a raiz dos mesmos no desejo humano e ainda não se diferencia os valores da moralidade, e o autor os coloca na ordem do desejo humano. Não como algo que o humano possui, mas, sim, como algo que tem o humano. Portanto, Platão parte do princípio que os valores são provocados nos humanos pelos objetos e que eles são o próprio bem.

Scheler (1956) trabalha uma contrapartida, ele faz a diferenciação entre bens e valor, baseia seu pensamento em Kant que acreditava no apriorismo emotivo. Apriorismo emotivo, sendo o conceito que toda escolha estaria baseada no sentimento de cada pessoa em primeira instância. Tese contrária a posição platônica. Para Scheler bens são “coisas” valiosas enquanto os valores são levantados enquanto qualidades independentes e sem mutabilidade, seguindo uma hierarquia: de sensoriais a valores religiosos. Levando em consideração que os valores sofrem hierarquia escalonada e a priori cumprida através do ato de preferência

É preciso reiterar que estes filósofos estão falando em movimentos conscientes, nos quais as pessoas conseguem discernir seus gostos, opções e escolhas, ou seja, senhores de seus pensamentos. Scheler (1956) avançou também no que tange a esclarecer como se forma a hierarquia axiológica dos valores. Ele cria cinco critérios: durabilidade (não se alude aos bens, mas ao eterno); divisibilidade (quanto maiores os valores menos divididos podem ser); fundação (um valor se esteia em outro já fundado,

portanto há valores mais altos por fundarem outros); profundidade da satisfação (quanto mais alto o valor, mais intensa a satisfação, clarificando que satisfação é aquilo que aponta para a existência do realização de um valor); relatividade (quanto mais alto o valor menos relativo ele é).

Assim, Scheler diz que a manutenção de sua teoria está no severo objetivismo axiológico e no extremismo ético, ou seja, há neste filósofo a necessidade de superação do subjetivismo e relativismo éticos. Colocando o seu pensamento como um terceiro *modus operandis*, a saber, a ordem do coração.

De acordo com Mendonça (2003, p. 93),

“[...] a história dos valores humanos remete à Filosofia Antiga, que estabeleceu indagações em termos éticos, estéticos e morais relacionados aos valores humanos” [são] “[...] como axiologias, termo que vem do grego *axios*, e significa aquilo que é precioso e digno de ser estimado.”

A raiz do pensamento sobre valores esteve difusa na busca humana pelo entendimento de si mesma. Os filósofos tornaram possível o estudo mais efetivo dos valores, fazendo um rastro histórico e tratando-os como axiologias.

Assim, Ortega Y Gasset (1952), dizem que durante séculos

“a idéia de bom foi a que aproximou mais o pensamento à idéia do valioso. Mas, [...], o Bem não é senão, o substrato do valor, ou uma classe de valores, uma espécie do gênero valor. Ocorre que quando não se possui a verdadeira idéia genérica a espécie se converte em um falso gênero, do qual conhecemos só a nota específica.”

Ortega Y Gasset dissociam o bem de valores, buscam a compreensão deste último tratando-o com passível de objetividade, inclusive absoluto e de ordem matemática. Assim, fica estabelecido um gancho para o estudo dos valores objetivando-se tabular uma teoria.

É preciso diferenciar a classificação das qualidades das coisas para se chegar ao entendimento desta fala acima citada que aponta para o entendimento do que sejam valores. As qualidades são: próprias (dizem respeito a si mesmas), relativas (só pode ser percebida de intelectualiva), subjacentes (são captadas intuitivamente em forma de estimação).

Ortega Y Gasset (1952, p. 331) diz ainda sobre coisas e valores:

“As coisas, as realidades são por natureza opacas a nossa percepção [...] Nossa experiência do número, do corpo geométrico, do valor, é pois absoluta. Pois bem: a Estimativa ou ciência dos valores será deste modo um sistema de verdades evidentes e invariáveis, de tipo semelhante à matemática.”

Os valores operam baseados nas coisas, e não como parte ou identificados com elas. Podendo ser medidos e tratados como objeto de estudo objetivo.

Outro filósofo que compõe, este estudo sobre os pródromos dos valores com fonte inspiradora, é Lavelle (1951). Ele diz que valores são essenciais a uma atividade seletiva que atua em diversas contornos do real, de acordo com seu grau de afinidade e ou parentesco conosco.

Isto é, os valores levam o homem a operar sobre o que deseja, sobre como conduzir sua vida, suas escolhas. Os valores são definidos de acordo com nossas preferências, “grau de afinidade ou parentesco conosco” (Lavelle,1951, p. 186). Lavelle pontua que toda motivação axiológica reside nos desejos.

Segundo Tamayo e Schwartz (1993), o pensamento de Lavelle aponta que coisas são neutras ou indiferentes e se desejadas transformam-se em metas. O desejo é a

pujança de transformação. Assim, a origem dos valores está em um desejo admitido e assumido, isto é, um desejo que, através da razão, é modificado em querer. Os valores caracterizam-se exatamente pelo fato de que o indivíduo quer uma coisa com vontade absoluta, à qual ele está disposto a sacrificar todo o resto.

Aqui se vê uma proposição muito próxima do que hoje se tem atualmente nos estudos sobre valores, principalmente no que tange dizer que o desejo coloca valor nos objetos. E, que isto acontece à luz da consciência de cada pessoa propensa a valorar.

E Brei (2001) ainda diz sobre valores: somados às normas, crenças compartilhadas, símbolos e rituais, os valores formam os elementos da cultura de uma sociedade ou de uma empresa. A cultura se constitui como uma somatória de fatores. Estes fatores têm comportamentos interligados e é nesta rede que se forma a cultura. Os valores fazem parte da formação da cultura que o homem inventa ao viver e, que num momento dialético o reinventa.

Assim, valores, quer sejam estudados em áreas do comportamento humano quer sejam ditos pelo senso comum, estão presentes nos momentos decisórios, acirram os amores e dão graça as escolhas.

Diante da importância dos valores, reconhece-se neste trabalho, que são eles que exercem influência para manutenção da cultura, para as escolhas, atitudes, ações e comportamentos e como motor propulsor das ações humanas. Agora passaremos a discutir autores da área da Psicologia que se notabilizaram por contribuírem com a formação do arcabouço teórico sobre valores.

2.1. Valores

A história do estudo dos valores, dentro da Psicologia Social, tem em Rokeach seu princípio. Esse psicólogo trabalhou a definição conceitual dos valores – colocada

logo abaixo – medidas empíricas e articulação dos pressupostos básicos sobre a origem, função, hierarquia, natureza fenomenológica e poder preditivo dos valores. (Feather, 1995, Schwartz & Bilsky, 1990; Smith & Bond, 1998).

Devido à sua importância, nos pródromos dos estudos sobre valores, faz-se primordial trazer o conceito de valores por Rokeach desenvolvido (1973, p.5): “Uma crença duradoura que um modo específico de conduta ou estado-final da existência é pessoalmente ou socialmente preferível para um modo contrário ou oposto da existência”.

Neste primeiro momento Rokeach (1973) delimita o espaço significativo dos valores. Os coloca como crenças duradouras, modo de condução ou estado-fim da existência, concepções do desejável e concepções de algo que é desejável pessoal e socialmente. Rokeach coloca de forma didática a formatação do conceito de valores e assim fornece subsídios plausíveis para posteriores avanços conceituais e de pesquisa.

O autor foi responsável por desenvolver, a partir de pesquisas, um Inventário de Valores como um modo de operacionalizar os valores. Neste inventário constam 36 itens distribuídos em 2 (duas) listas de 18 (dezoito) valores cada uma. A primeira lista com valores terminais (liberdade, igualdade) e a segunda com valores instrumentais (independente, leal). Esta escala é do tipo ordinal, pois as pessoas devem ordenar os valores por ordem de importância. O Inventário de Valores de Rokeach foi muito utilizado, mas os critérios utilizados por Rokeach eram pouco adequados para uma amostra representativa (Tamayo, 2007).

Para Rokeach (1973) os valores significam uma resposta específica a uma necessidade específica. Além de significar também todo material que serve como início para estímulo de repostas predizíveis e replicáveis. O autor os tratava como valores únicos, sem correlação entre si. Ele não os tinha como um sistema.

Deve-se, apesar das críticas, considerar as contribuições realizadas por Rokeach, pois foi a partir delas e com elas que outros estudos puderam acontecer e com

isso haver um avanço na teoria dos valores. Logicamente as diversas contribuições apresentadas na literatura trouxeram os limites de sua época, mas é inegável que vestiram a história com os resultados de suas pesquisas. Assim, os valores dão base à vida, fazendo-a girar e continuar a existir. Por isso, são extremamente importantes para o desvelar cultural de um povo.

Geert Hofstede (1994) – professor e primeiro diretor do Institute for Research on Intercultural Cooperation (IRIC) – trabalhou justamente o ponto de vinculação dos valores e da cultura. Hofstede afirma em seu livro “Cultures and Organizations – Intercultural Cooperation and Its Importance for Survival, Software of the Mind” que a cultura é sempre um fenômeno coletivo aprendido e não herdado, portanto derivada do envolvimento social de cada um e não dos genes. O autor ainda diz que a cultura é uma espécie de “software mental” (Hofstede, 1994, p. 4) cuja programação coletiva distingue os membros de um grupo ou categoria de outros grupos.

Hofstede propôs um modelo que demonstra que a cultura se manifesta através de práticas organizacionais (Siqueira, 2008): símbolos, heróis, rituais e valores. Símbolos são palavras, gestos, pintura ou objetos com definição peculiar; são originados em um grupo cultural e copiado por tantos outros grupos. Os heróis são personagens vivos ou mortos, reais ou imaginários que possuem características enaltecidas na cultura e que servem como modelo de comportamento. Os rituais são atividades coletivas, tecnicamente dispensáveis, mas socialmente fundamentais; e os valores são as primeiras coisas que as crianças aprendem de forma implícita, inconsciente (Hofstede, 1994). Os valores formam o núcleo do diagrama criado por Hofstede para explicar o conceito de cultura, Diagrama da Cebola ou Onion Diagram. Neste diagrama observa-se que os valores estão no centro daquilo que se chama de essência da cultura. Este diagrama possibilita a verificação dos diferentes níveis de manifestação da cultura.

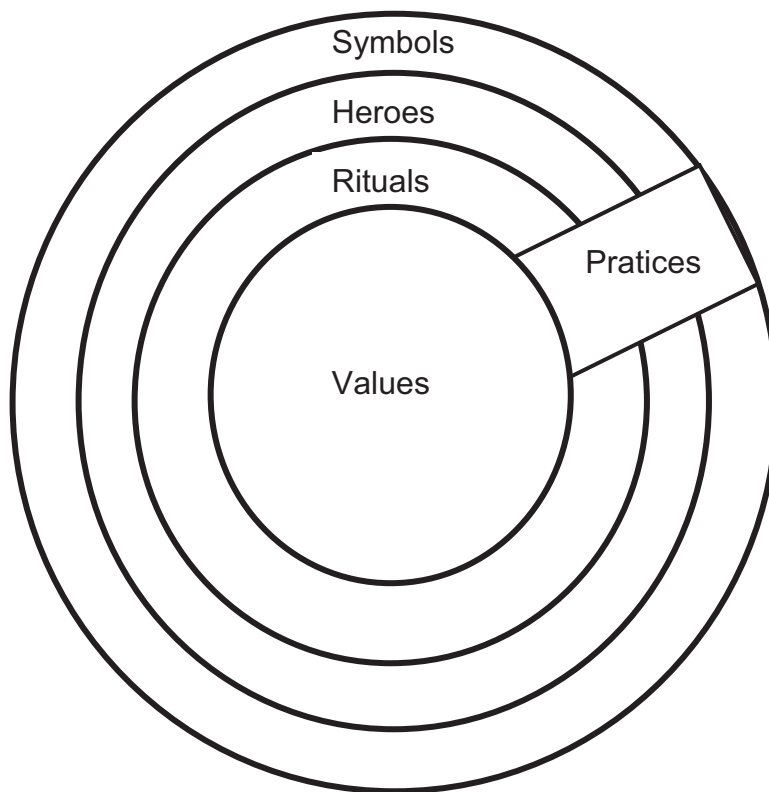


Figura 16. Onion Diagram (Hofstede, 1994, p. 9)

As práticas organizacionais se contrapõem aos valores, posto que estes são inconscientes e com possibilidade de serem conhecidos somente por meio de inferência. Já as práticas organizacionais “podem ser objeto de mudanças planejadas” (Siqueira, 2008, p. 127) e conscientes. Estas práticas organizacionais nascem dos valores dos fundadores e são estes valores que moldam a cultura (Hofstede, 1994). Enfim, a cultura é um cenário maior em que se inserem os valores e que proporciona a cada um o sentimento de pertença.

Estes autores trazidos formam um desenho conceitual dos valores; formatam o desenvolvimento, a partir de árduas pesquisas, da temática dos valores. Aqui nesta dissertação considera-se este desenrolar como de fundamental importância para o delineamento do assunto escolhido, valores. Assim, basear-se-á nos pressupostos e conceitos sobre valores pesquisados e desenvolvidos por Shalom Schwartz, professor da Universidade Hebraica de Jerusalém.

Shalom Schwartz foi um influente pesquisador deste campo que se baseou na construção conceitual de Rokeach (1973) e em seu Inventário de Valores para desenvolver seu próprio método de estudos dos valores. Esse autor trouxe significativas contribuições para avanços da Teoria dos Valores, transformando-se em referência indispensável sobre esta temática.

A Teoria de Valores desenvolvida por Schwartz e Bilsky (1987) unifica, organiza e respalda as diferentes conceituações sobre o que motiva o homem para suas ações. Schwartz cria um campo comum onde se pode aproximar das motivações humanas utilizando-se os valores como instrumentos desta aproximação e, principalmente, utilizando-o como objeto de estudo objetivo.

Seus primeiros estudos estão remetidos as pesquisas realizadas em busca da estabilidade e universalidade no funcionamento dos valores. Schwartz (2005) diz que a teoria de valores propõe facetas da estrutura psicológica humana que além de fundamentais, são comuns a toda humanidade, bem como aplicáveis a todas as culturas.

Schwartz buscou identificar uma possível estrutura universal de valores. E, a partir de 1987 começou buscar pesquisadores em todos continentes para participar de sua equipe, inclusive o colombiano, “[...] grande pesquisador latino-americano [...]” (Porto, 2007) e professor da Universidade de Brasília Álvaro Tamayo (2007).

Para formar uma teoria com fundamentação em estabilidade e universalismo, Schwartz e Bilsky (1987) basearam-se no fato de valores terem um aspecto motivacional inerente a cada valor, ou seja, implicado no desejo. Schwartz foi o primeiro pesquisador a imaginar uma estrutura de valores baseada na motivação inerente a cada um. Como foi possível demonstrar no quadro que se segue:

Tipo Motivacional	Metas e valores que as Representam	Interesses a que Servem
Hedonismo	Prazer e gratificação sensual para si mesmo	Individuais
Realização	Sucesso pessoal obtido através de uma demonstração de competência. Formada pelos valores: sucesso, capacidade, ambição e influência.	Individuais
Poder Social	Controle sobre pessoas e recursos, prestígio	Individuais
Autodeterminação	Independência de pensamento, ação e opção	Individuais
Estimulação	Excitação, novidade, mudança, desafio	Individuais
Conformidade	Controle de impulsos e ações que podem violar normas sociais ou prejudicar aos outros	Coletivos
Tradição	Respeito e aceitação das metas e dos costumes da sociedade	Coletivo
Benevolência	Promoção do bem-estar das pessoas íntimas	Coletivos
Segurança	Integridade pessoa, estabilidade da sociedade, do relacionamento e de si mesmo	Mistos
Universalismo	Tolerância, compreensão e promoção do bem-estar de todos e da natureza	Mistos

Tabela 1. Tipos motivacionais de valores (Tamayo & Porto, 1996, 179)

O que diferencia um valor do outro é, justamente, o tipo de motivação que expressa e os interesses a que servem (Tamayo, 2007). Schwartz os define também como crenças duradouras (como já foi visto em Rokeach) que estão organizadas num sistema que leva em conta a hierarquia dos valores. “São concepções do desejável, que guiam a maneira como os atores sociais (líderes, políticos, pessoas comuns) selecionam ações, avaliam pessoas e eventos e explicam suas ações e avaliações” (Schwartz, 1999, p.24).

A vida humana é intensamente dinâmica, a cada momento, a cada nova situação há a prevalência de escolhas, tomadas de decisão, arrefecimento de amores. Assim, Schwartz partiu do princípio de que os valores possuem como fonte e se estruturam a

partir três exigências universais na vida do ser humano: necessidades biológicas do organismo, necessidades sociais relativas à regulação das interações interpessoais, necessidades sócio-institucionais relacionadas à sobrevivência e bem-estar dos grupos. O que, logicamente, pode ser a estrutura basal para a composição dos tipos motivacionais.

Os valores atendem as necessidades intrínsecas a todo ser humano, necessidades que funcionam em diferentes culturas ou etnias. Pois o homem precisa interagir uns com outros (intragrupo) e com outros que convivem em diferentes grupos (intergrupo), sendo esta necessidade fonte dos valores.

Buscar estabelecer tais princípios, dentro do estudo de valores, pressupõe que estes valores funcionem dentro de uma hierarquia de importância para cada pessoa. Já que valores apontam para as preferências, as escolhas das pessoas entre o que é importante ou não; eles mostram como cada ser humano lida com a vida. Tamayo (2007) assevera que a essência de todo e qualquer valor é permitir a sua hierarquização. Pois, isto impõe a visão do homem como ser ativo, partícipe do mundo e não um mero observador de acontecimentos.

Uma das inovações neste campo é, justamente, a idéia de graus dentro dos valores. E, a partir daí, permitir a comparação inter, intra-indivíduos, grupos sociais e culturais. Esta idéia de graus de valor mantém sua base, segundo Tamayo (2007) nas seguintes relações: valores e tempo: o tempo é fundamental no desenvolvimento dos valores; valores e desejo: é o desejo que impõe ordem e primazia aos valores; valores e esforço: o esforço envida a obtenção de metas transituacionais.

Mas, para melhor dizer os valores e especificá-los, Schwartz (2005) identifica as principais características dos valores:

1. Valores são crenças: segundo o vernáculo, crença significa fé, lei religiosa, convicção, pendor para certa pessoa, desejo amoroso. Então, este conceito aponta para o fato de crenças serem ligadas à emoção;
2. Valores são construtos motivacionais: referem-se às metas que as pessoas desejam e buscam alcançar;
3. Valores transcendem situações e ações específicas: não precisam existir literalmente, fazem parte das convicções da pessoa;
4. Valores guiam a seleção e avaliação de ações, políticas, pessoas e eventos: as pessoas fazem escolhas a partir dos valores que possuem.

Lembrando que estas características valem para todos os valores humanos. Baseados nas necessidades universais humanas e nas características dos valores se apresentaram dentro vários tipos motivacionais. Tipos que basearão suas diferenças em objetivos ou metas, assim estabelecendo os valores que pertencerão a cada tipo motivacional.

Schwartz manteve-se firme no propósito de pesquisar a universalidade e estabilidade da estrutura de valores e para tanto em 1994 traz os resultados de seus novos estudos. Utilizou na pesquisa 97 amostras de 44 países, contando no total com 25.863 pesquisados. Usou como meio de análise Smallest Space Analysis – SSA, demonstrando que a estrutura dos valores é universal, mas nem todos os valores o são.

Portanto, os valores vêm sendo pesquisados e utilizados como instrumento eficiente no entendimento daquilo que move o homem. Principalmente, no que tange aos desejos, aquilo sem o qual o homem não pode viver. O homem valoriza tudo o que o leva a uma aproximação do desejo e o leva a alcançá-lo.

Na busca de provar a estabilidade e universalidade da estrutura de valores foram desenvolvidos estudos transculturais. Primeiramente, Schwartz e Bilsky (1987) utilizaram uma escala tipo Likert (Escala de sete pontos) e buscaram testar

empiricamente uma estrutura para valores nas quais os sujeitos comparam pares de valores. Os pesquisados eram direcionados a dizer o quanto um valor era mais importante que outro. Schwartz e Bilsky utilizaram a SSA (Smallest Space Analysis) para agrupar os valores em domínios motivacionais verificando em quais domínios os valores se incluíam.

Neste estudo os valores únicos foram agrupados em sete domínios motivacionais, a saber: prazer, segurança, realização, autodireção, conformidade restritiva, prósocial, maturidade.

Como fora dito anteriormente, esta foi a primeira tentativa de formar uma estrutura de valores, uma busca para encontrar um formato que pudesse ser utilizado na pesquisa. Então, Schwartz e Bilsky (1990) continuaram as pesquisas por acreditarem que teorias que ambicionam universalidade devem ser testadas em grandes amostras e em culturas diferentes. Os autores aplicaram a escala de valores de Rokeach em sete países. Alemanha, Israel, Austrália, Estados Unidos, Hong Kong, Espanha e Finlândia. Em sua maioria os questionários foram aplicados em grupos de professores e estudantes. Com exceção dos Estados Unidos, onde a aplicação foi realizada de forma individual. Desta pesquisa foi concluído existir fortes evidências de universalidade de valores com a presença de sete domínios motivacionais observados nas amostras dos países estudados.

Posteriormente, fez uma nova pesquisa utilizando 20 países com 40 amostras. Então, a partir desta pesquisa, os autores passaram a nomear os domínios motivacionais como tipos motivacionais de valores. Nesta pesquisa Schwartz utilizou novamente a escala Likert. A escala variava de sete (suprema importância) a - 1 (oposto aos meus valores), sendo mediada ainda por “muito importante”, “importante”, “não importante”. Foi observada a presença de valores negativos e, dos 36 valores da escala de Rokeach, 21 destes foram mantidos e 35 foram acrescentados, totalizando 56.

E, ainda uma terceira pesquisa onde foram pesquisadas 88 amostras de 40 países, neste momento os tipos motivacionais foram ampliados, passando de sete (7) para dez (10) tipos motivacionais. Enfim, todo este percurso de Schwartz será utilizado para nortear este trabalho, bem como seu conceito de valores. A Folia de Santos Reis é um evento cultural que se deseja com este trabalho pesquisar, registrar e compreender. Então, reconhece-se que os valores são componentes de um cenário maior que é a cultura.

Schwartz, (Schwartz, 1992; 1994; Schwartz e Bilsky, 1987; 1990) depois de estudos empíricos e pesquisas, definiu dez tipos motivacionais dando ênfase aos objetivos que eles encerram em si. Presumindo a abrangência destes tipos a todas as culturas, pois por sua vez estão baseados em requisitos básicos à existência humana.

É importante lembrar que Tamayo (2007) ressalta que um tipo motivacional é um fator combinado por diferentes valores que demonstram semelhança do ponto de vista do conteúdo motivacional. Todos os tipos motivacionais carregam metas, interesses que agregam em suas adjacências determinados valores que se identificam entre si. Estão em um espaço multidimensional. Os tipos motivacionais estudados empiricamente são (Schwartz, 1993):

- a. Autodeterminação (AD):META: independência de pensamento, ação;
- b. Estimulação(ES): a realização das metas são aparentemente necessárias para satisfação do funcionamento. META: excitação, novidade e mudança;
- c. Hedonismo (HE): gratificação de necessidades físicas pessoais. META: prazer ou gratificação social;
- d. Auto -Realização (AR): META: a sucesso pessoal através da competência;
- e. Poder (PO): a sociedade exerce influência de forma a ser sentida como exigência a estratificação social, por exemplo, a existência de grupos onde as relações são

estabelecidas através de dominação e satisfação. META: *status* social e prestígio, controle ou domínio sobre pessoas e recursos;

f. Segurança(SE): META: segurança, harmonia e estabilidade da sociedade e pessoal;

g. Conformidade(CO): META: a restrição de ações, inclinações e impulsos que tendem a chatear ou prejudicar os outros, contenção;

h. Tradição(TR): as sociedade cria usos e costumes que precisam ser transmitidos, pois representam sua manutenção. META: respeito, compromisso e aceitação dos costumes e idéias que a cultura e religião do indivíduo fornecem;

i. Benevolência (BE): META: preservar e fortalecer o bem-estar daqueles com que o contato social do indivíduo é mais freqüente

j. Universalismo ou filantropia (FI): META: compreensão, agradecimento, tolerância e proteção do bem-estar de todas as pessoas e da natureza.

Os tipos motivacionais formam uma “estrutura motivacional universal dos valores” (Tamayo e Schwartz, 1993, 332) uma espécie de “matriz de tipo motivacional”. Assim, todos os valores encontrados podem ser colocados nesta matriz ou estrutura, quer sejam eles de interesses individuais ou coletivos.

Os valores se relacionam de forma dinâmica dentro da “estrutura motivacional de valores” (Tamayo & Schwartz, 1993, p. 332). Os valores que trabalham para o interesse individual conflitam como aqueles que buscam os interesses coletivos. O relacionamento básico entre valores pode ser de dois tipos: compatibilidade e conflito. Sendo de compatibilidade para os valores adjacentes entre si e conflitantes para valores opostos. A compatibilidade entre valores significa que as suas metas são semelhantes, ou seja, apresentaram altos níveis de correlação nas metas. Por exemplo: os valores autodeterminação, estimulação, hedonismo, realização e poder social estão localizados dentro da estrutura, contiguamente. Pois, os interesses a que servem são os interesses individuais. Já os tipos motivacionais: benevolência, tradição, conformidade e

segurança tem metas opostas, isto é, conflitantes com os tipos autodeterminação, estimulação, hedonismo, realização. Já que os primeiros trazem em si metas coletivas e os últimos metas individuais.

Há também os tipos motivacionais considerados como fronteiros, segurança e universalismo. São tipos que mantêm interesses coletivos e individuais.

Ainda há outros exemplos simples desses acontecimentos supracitados: a manutenção dos costumes exigida pelo tipo motivacional tradição é conflitante com poder social, pois os interesses da tradição buscam respeito, coletividade, aceitação de ideais e o tipo Poder Social busca a resolução de interesses individuais que exigem dominação, a manutenção do status social, prestígio.

Schwartz adicionou a este formato estrutural dos tipos motivacionais duas dimensões bipolares, a saber, “abertura à mudança versus conservação” e “autopromoção versus autotranscendência”. O que caracterizou pólos que traduzem as tendências dos tipos motivacionais inseridos em cada um. Sendo esta a relação básica existentes entre os tipos motivacionais (Tamayo, 2007):

1. Abertura à mudança versus conservação: possui valores com base no desejo da própria pessoa de seguir os seus interesses intelectuais e afetivos por caminhos incertos e ambíguos;
2. Autopromoção versus auto-transcendência: hierarquiza valores que tem por base a motivação da pessoa na promoção de seus próprios interesses, mesmo à custa dos outros, ao mesmo tempo em que contraria suas preocupações egoístas e até a promoção do bem-estar dos outros e da natureza.

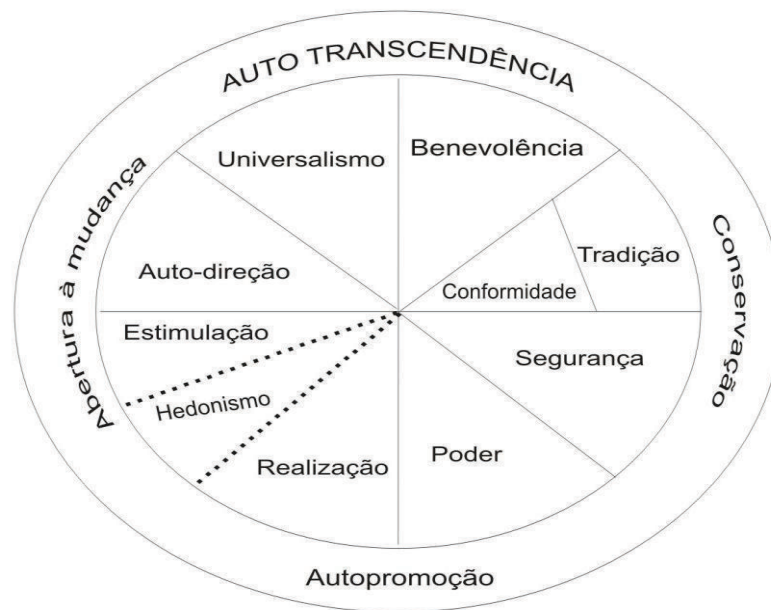


Figura 17. Representação Espacial dos Valores de Schwartz (Pasquali e Alves, 2004, p. 76)

Enfim, este construto teórico – valor - reverbera o ponto de apoio no qual se tornou, sendo uma referência. Os valores são formas de expressar o que é importante para o indivíduo e para o grupo, bem como promover a ação. São critérios de avaliação que se pode lançar mão em determinadas situações vividas, pois os valores expressam o desejável segundo a ordem de importância que ocupam na vida da pessoa, assim orientam as decisões do indivíduo. Portanto, valores são formas conceituais das crenças das pessoas que as insere na sociedade e que precisa de um vocabulário para ser expresso.

As pesquisas de Schwartz sobre valores eram realizadas através do SVS (Survey de Valores de Schwartz), instrumento que foi traduzido em 46 línguas. A tradução deste instrumento para o português foi a primeira contribuição de Tamayo para as pesquisas transculturais de Schwartz. SVS era um método simples de pesquisa, mas que exigia dos pesquisados alto grau de abstração nas respostas requeridas. O SVS é semelhante ao Inventário de Valores de Rokeach, mas o supera ao colocar valores que

constituem uma amostra mais representativa dos valores; ao utilizar uma escala do tipo intervalar e não ordinal como em Rokeach; ao apresentar uma estrutura do tipo fatorial e ao avaliar os valores de acordo com o tipo motivacional.

O SVS (Survey de Valores de Schwartz) sugere que muitas pessoas podem facilmente relatar os valores com sucesso e que vários estudos realizados a partir deste instrumento têm validado muitas hipóteses sobre valores. Entretanto, o nível de pensamento abstrato exigido pelo SVS pode ser sobremaneira demasiado para algumas populações.

Schwartz, Melech, Lehmann, Burgess e Harris, bem como Schwartz, Lehmann e Rocas (1999, citados Tamayo, 2001) criaram o PVQ (Portrait Value Questionnaire). Esse é um novo instrumento para pesquisa de valores que visa aferir os 10 tipos motivacionais e transpor esta dificuldade do SVS. O PVQ foi traduzido para o português e validado por Álvaro Tamayo (2002, não publicado) e seus colaboradores. Tamayo o nomeou de QPVP (Questionário de Perfis de Valores Pessoais). Os resultados da sua validação ainda não foram publicados, mas o instrumento QPVP tem sido utilizado nas pesquisas em diversos lugares do país (Porto, 2005).

Segundo Tamayo (2007) O PVQ é menos abstrato que o SVS e mais fácil adaptação às crianças, adolescentes e pessoas com baixo nível de escolaridade. O instrumento PVQ foi criado com objetivo de simplificar as atividades requeridas dos pesquisados com o SVS. O PVQ possui 40 questões e procura avaliar os 10 tipos motivacionais de Schwartz (1992), nestas questões cada um dos tipos motivacionais é explicado.

Nesta dissertação utilizou-se os resultados da validação realizada no Brasil por Pasquali e Alves (2004) tomando por base a psicologia do consumidor. Eles chamaram o PVQ (Portrait Values Questionnaire), numa simplificação, de PQ (Portrait Questionnaire). Utilizaram para a validação do instrumento uma amostra 4.000 usuários

de telefonia celular, selecionados aleatoriamente em todos os estados brasileiros. Dividiram as pessoas da amostra em várias profissões, em diferentes níveis de instrução e com renda familiar média de R\$ 1.500,00.

O PQ é composto por 40 itens, afirmativas que cobrem os 10 tipos motivacionais de Schwartz, como fora dito anteriormente, e estes itens são respondidos numa escala de 6 pontos que varia da seguinte forma: se parece muito comigo (6), se parece comigo (5), se parece mais ou menos comigo (4), se parece pouco comigo (3), não se parece comigo (2), não se parece nada comigo (1).

A aplicação do PQ por Pasquali e Alves foi realizada em 2002 pela ANATEL através do uso de celular. Os usuários foram escolhidos aleatoriamente, 2.000 clientes de celulares pré-pagos e 2.000 clientes de celulares pós-pagos. Os parâmetros psicométricos encontrados na aplicação do PQ no Brasil são favoráveis, o que demonstra a utilidade do instrumento para aferir as motivações dos consumidores brasileiros.

A análise fatorial mostrou a existência de quatro (4) fatores de primeira ordem e dois (2) de segunda ordem (Pasquali & Alves, 2004). Os fatores de primeira ordem são:

1. Pacifismo - que engloba as dimensões criadas por Schwartz: universalismo, benevolência e segurança;
2. Dominação - engloba as seguintes dimensões schwartzianas: poder e realização;
3. Tradicionalismo – engloba as seguintes dimensões schwartzianas: tradição e conformidade;
4. Dinamismo hedônico - engloba as dimensões hedonismo e estimulação.

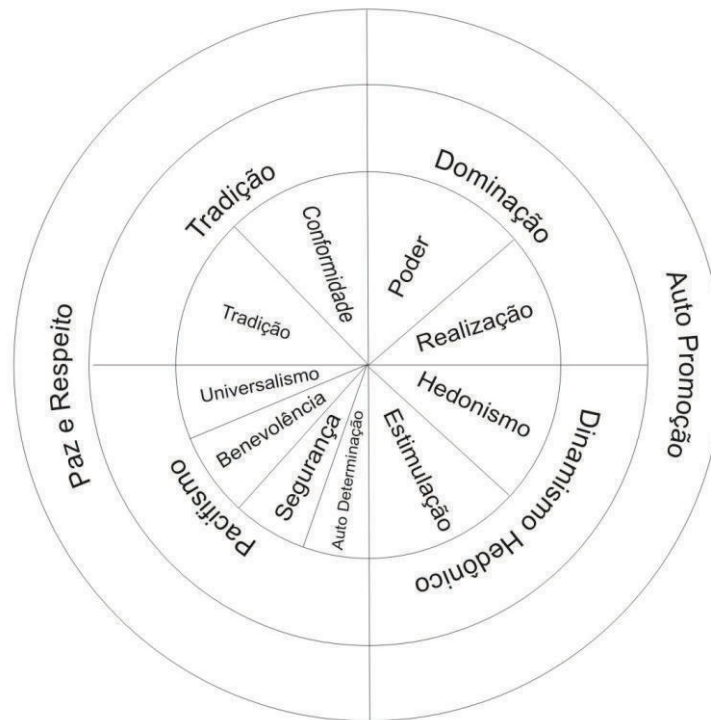


Figura 18. Representação Espacial dos Valores de Schwartz, baseado na distribuição da escala validada por Pasquali e Alves (2004).

Os dois fatores de segunda ordem perfazem:

1. Paz e respeito: sobrepõem as dimensões schwartzianas, a saber, autotranscendência e conservação. Engloba os valores do fator I, a saber: universalismo, benevolência e segurança;
2. Autopromoção: sobrepõe as dimensões autopromoção e abertura à mudança. Congrega os seguintes valores: dominação, realização e hedonismo.

Desta base desenvolvida por Schwartz validada para o Brasil por Pasquali e Alves (2004) que este trabalho partirá. Lembrando que, como foi dito anteriormente, este trabalho está dividido em três diferentes capítulos: capítulo 1 que versa sobre Folia de Santos Reis, capítulo 2 onde o assunto desenvolvido são os valores e o próximo, capítulo 3 no qual se traz o artigo empírico. Ressalta-se ainda que os dois primeiros capítulos possuem uma mescla de linguagem poética e literária e neste último se manteve o uso de linguagem mais formal seguindo os preceitos científicos.

2.2. Valores, Religiosidade e Cultura: contribuições empíricas

Este tópico apóia-se em algumas pesquisas realizadas sobre religiosidade, cultura e valores. Num recorte, traz-se resultados de pesquisas que funcionam como aporte teórico desta dissertação.

Leva-se em conta que a folia de Santos Reis é, como fora dito, um aspecto da cultura e do folclore brasileiros; ela é um ritual itinerante da religiosidade popular. Mas a folia de santos reis é, antes de qualquer coisa, uma organização. Uma organização que apresenta claramente papéis pré-definidos, funções outorgadas, procedimentos ou rituais, presidência, diretorias e metas a serem cumpridas. Possui também uma cultura interna bem incorporada e no núcleo desta cultura encontram-se os valores que a norteia.

Segundo Kanaane (1994) a organização é um sistema que se estabelece através dos valores expressos dos indivíduos que a compõe que são assimilados e transmitidos sucessivamente as novas gerações. Há diferença entre organizações e organizações sociais, estas últimas estão no campo empresarial e trazem conjuntos mais amplos de relacionamentos e processos (Hall, 1984).

Assim, dentro deste contexto pode-se trazer Tamayo e Porto (1996) em estudo que possui como objetivo investigar as prioridades axiológicas e cultura brasileira como preditores de civismo nas organizações. Esta pesquisa foi publicada como artigo nomeado “Prioridades Axiológicas e Cultura Brasileira: preditores de civismo nas organizações”. Segundo os autores o comportamento de civismo é viabilizado dentro das próprias organizações e, é justamente o civismo que favorece a existência destas mesmas organizações. A espontaneidade dos trabalhadores em seu meio de trabalho demonstra a efetividade do civismo nas organizações. E para caracterizá-lo há cinco (5) fatores preconizados: sugestões criativas, autotreinamento, cooperação com colegas, proteção ao sistema, criação de clima favorável à organização em ambiente externo.

Participaram da amostra pesquisada 963 funcionários de uma empresa estatal que trabalha com processamento de dados e possui sede em Brasília e mais 10 filiais no Brasil. A composição da amostra obteve os seguintes resultados com relação a: sexo - 50.8% do sexo feminino; nível de escolaridade - 42.8% com 3º Grau completo, 38,6% com 2º Grau completo; estado civil - 66,1% de pessoas casadas; idade - maioria dos respondentes com 40.32 anos; média do tempo de serviço - 17.13 anos; porcentagem de participantes por estado de moradia - variou entre 8.2 a 11.8%.

Os instrumentos utilizados na pesquisa foram Inventário de Valores de Schwartz e Escala de Civismo nas Organizações. Os resultados apresentados demonstram que as prioridades axiológicas das pessoas predizem significativamente o comportamento de civismo nas organizações e que as prioridades axiológicas são variáveis importantes na análise e compreensão dos comportamentos humanos.

Outra pesquisa interessante, publicada como artigo, envolvendo as variáveis religiosidade e valores é “A Função da Religião nos Valores Humanos de Moçambicanos” de Costa e Goodwin (2006). A pesquisadora impõe os seguintes objetivos dentro de sua temática: testar se em um país com diferentes religiões dentro de uma mesma região apresenta valores diferentes; avaliar como a teoria de Schwartz pode ser útil para a compreensão de diferentes abordagens religiosas dentro de uma única configuração cultural; avaliar se uma combinação de valores de Schwartz com valores individuais e coletivos é possível.

O instrumento utilizado na pesquisa foi uma adaptação do SVS (Survey dos Valores de Schwartz). Participaram 144 sujeitos, sendo 71 jovens e 73 adultos, de religiões mulçumana (49 %) e cristã (50,7 %).

A partir dos resultados encontrados nessa pesquisa Costa e Goodwin (2006) pode observar que parece possível haver uma coerência geral nos valores nacionais e que isto não impede diferenças individuais relacionadas à religião. A pesquisadora diz

que contextos religiosos parecem ser fatores determinantes nas diferenças encontradas nos valores; os tipos motivacionais e as dimensões de Schwartz também se revelaram importantes na compreensão das diferenças baseadas na religião. Além disso, os resultados indicaram que os valores de Schwartz são ferramentas úteis na compreensão de diferenças de valor em comunidades divergentes em relação à religião.

As variáveis religiosidade, valores e cultura têm sido muito pesquisadas na atualidade. Elas envolvem a vivência humana e são relevantes na compreensão do funcionamento humano e das maneiras do próprio homem lidar com o mundo em que vive. Neste sentido, Pereira e colaboradores (2005) desenvolveram uma pesquisa que colabora na atualização e desenvolvimento dos valores. Participaram da pesquisa 406 estudantes universitários de sexos masculinos e femininos, no estado da Paraíba. Os participantes contavam com idade variando entre 17 e 57 anos. A pesquisa transformou-se em um artigo chamado “Um Estudo Sobre a Integração dos Níveis de Análise dos Sistemas de Valores”, o qual possuía dois objetivos a serem atingidos: averiguar a efetividade de um possível sistema de valores hedonistas e enunciar níveis de análises individuais e sociais dos valores por meio de estudo de intercâmbios entre sistemas de valores e tipos motivacionais.

Para esta pesquisa os autores utilizaram como instrumento o QVP (Questionário de Valores Psicossociais) somando a ele três valores distintos (sexualidade, sensualidade e uma vida excitante). A escala combinou os valores: alegria, amor, auto-realização, autoridade, competência, conforto, dedicação ao trabalho, fraternidade, igualdade, liberdade, lucro, justiça, realização profissional, responsabilidade, religiosidade, riqueza, salvação da alma, sensualidade, sexualidade, *status*, temor a Deus e uma vida excitante. Os autores também utilizaram na pesquisa o instrumento SVS (Survey de Valores de Schwartz) em versão validada no Brasil por Tamayo e Schwartz (1993). Esse instrumento possui 61 valores que perfazem 10 tipos motivacionais, a

saber: poder, realização, hedonismo, estimulação, autodireção, universalismo, benevolência, tradição, conformidade e segurança.

Os resultados dessa pesquisa desenvolvida por Pereira e Colaboradores demonstram a constituição de quatro aglomerações de valores (materialista, hedonista, pós-materialista e religioso). O sistema de valores materialistas é formado pelos valores de *status*, riqueza, lucro e autoridade; o sistema hedonista constitui-se de valores como uma vida excitante, sensualidade, prazer e sexualidade; o sistema de valores pós-materialista forma-se pelos valores do bem-estar social (igualdade, liberdade, fraternidade e justiça), do bem-estar individual (conforto, auto-realização, alegria e amor) e por valores do trabalho (realização profissional, dedicação ao trabalho, competência e responsabilidade). E o sistema religioso congrega os valores temor a Deus, religiosidade e salvação da alma.

Considera-se, a partir desta pesquisa, que os estudantes organizam seus valores com base nos quatro sistemas encontrados: o materialista, o religioso, o hedonista e o pós-materialista e que a inclusão de três valores (sensualidade, sexualidade e uma vida excitante) ao *QVP* consente aos estudantes organizarem sua adesão a esses valores a partir de um sistema hedonista. Esse sistema hedonista verifica-se em contraposição aos valores religiosos, bem como o sistema materialista encontra-se em oposição ao sistema pós-materialista.

Como hipotetizado, os próprios sistemas possuem valores com os quais têm correlação. Por exemplo, o sistema materialista possui relação com os valores do poder social, enquanto que o sistema pós-materialista se correlaciona mais fortemente com os valores do universalismo. Os valores benevolência e autodireção, conformidade e segurança relacionam mais fortemente com o sistema pós-materialista. Os tipos motivacionais do hedonismo e da estimulação correlacionam-se com o sistema

hedonista, sendo que o sistema religioso se correlaciona com os valores da tradição, da benevolência e da conformidade.

Pereira e Colaboradores (2005) demonstram com essa pesquisa que as correlações existentes entre os sistemas de valores do *QVP* e os tipos motivacionais de ordem superior tornaram-se mais esclarecedoras. Estes resultados demonstraram que o sistema materialista possui relação com os valores da autopromoção, enquanto que o sistema pós-materialista relaciona-se com os valores da autotranscendência e o sistema religioso com os valores de conservação. O sistema hedonista correlaciona-se com os valores de abertura à mudança ao que valores de conservação demonstram correlação alta com o sistema pós-materialista. Há assim a confirmação da aproximação de conceito estabelecida por Pereira e colaboradores entre os sistemas de valores do *QVP* e os tipos motivacionais do *SVS*.

Tamayo (2007) desenvolveu uma pesquisa com 419 pessoas dos sexos masculinas e femininas, divididas entre professores de escola de segundo grau e estudantes universitários. Pesquisa essa publicada em 2007 e nomeada de “Hierarquia de Valores Transculturais e Brasileiros”. A pesquisa possui os seguintes objetivos: situar, a partir de uma amostra brasileira, a hierarquia de valores transculturais; verificar se os quatro valores identificados como peculiares aos brasileiros são considerados como valores e se estes se associam à hierarquia axiológica; averiguar diferenças ocorridas na estrutura bidimensional e na hierarquia dos tipos motivacionais de valores de homens e mulheres, de professores de escola secundária e de estudantes universitários.

O instrumento utilizado foi preparado por Schwartz (1992), uma escala para pesquisa multicultural que possui 56 valores, sendo 30 terminais e 26 instrumentais. Os terminais foram ordenados como substantivos e oferecidos na primeira parte do questionário; enquanto que na segunda parte do questionário foram colocados os valores instrumentais em formas de agir. Tamayo incluiu além dos 56 valores já existentes mais

quatro valores (dois terminais: trabalho e vaidade; dois instrumentais: esperto e sonhador). Estes valores incluídos foram considerados peculiares à cultura brasileira e foram distribuídos no questionário em intervalos iguais.

A importância dos valores como “princípios que norteiam a minha vida” foi avaliada por meio de uma escala de 0 a 6. Os mais números mais altos demonstravam o maior grau de importância que o valor ocupa na vida da pessoa. Também utilizou-se a variação -1 e 7. O primeiro (-1) significa que o valor opõe aos princípios que norteiam a vida da pessoa e o segundo (7) significa que o valor é de suprema importância como um princípio orientador em sua vida; considerou-se que em geral as pessoas não possuem mais do que dois desses valores.

Os resultados mostraram que a hierarquia foi estabelecida em dois planos, o de valores individuais e no dos tipos motivacionais de valores. As diferenças entre os subgrupos da amostra foram observadas no nível dos tipos motivacionais e da estrutura bidimensional dos valores. Os valores encontrados (que possuíam nível mais alto) são aqueles de suprema importância para os participantes da pesquisa e considerados como valores terminais (harmonia interior; amizade verdadeira; liberdade e trabalho) e valores instrumentais (saudável; honesto). Os valores terminais com nível mais baixo encontrados na pesquisa de Tamayo (2007) foram riqueza (posses materiais, dinheiro), segurança nacional (proteção da minha nação contra inimigos), respeito pela tradição (preservação de costumes vigentes há longo tempo) e autoridade (direito de liderar ou de mandar) e mais três valores instrumentais, também com nível mais baixo: audacioso (procurar a aventura, o risco), influente (exercer impacto sobre pessoas e eventos) e devoto (apegar-me fortemente à fé religiosa).

Na hierarquia dos valores observaram-se cinco níveis bem diferenciados de valores. Os valores peculiares aos brasileiros encontrados foram: trabalhador, sonhador, vaidade e esperto. Os valores de autodeterminação ocuparam o primeiro lugar, sob a

ótica motivacional. As mulheres destacaram mais do que os homens os valores a serviço de interesses coletivos e de autotranscendência de seus interesses egoístas em benefício do bem-estar dos outros. Os estudantes universitários, de acordo com o resultado da pesquisa, apresentaram mais do que os professores valores relativos à autopromoção e à abertura à mudança.

Em relação à Folia de Reis existe uma pesquisa realizada na cidade de Montes Claros (MG) onde analisou-se a forma de experiência socio-cultural e os procedimentos de transmissão dos conhecimentos no Terno de Folia de Reis do Mestre Joaquim Poló. Igor Kimo (2005) conta que o grupo repete a viagem dos três Reis Magos vindos do Oriente, para saldar o Menino Jesus. Este estudo mostra estratégias de manutenção do ritual, efetuadas pelas relações de troca, relações de parentesco, transformação do ritual, sistemas rotativos de prática performática. O autor diz ainda que estas estratégias especiais, norteadas pelo respeito sincrético do sagrado, fortalecem a identidade do grupo, em meio aos muitos sotaques viventes em grupos de tradição oral.

Em relação ao direito de descendência, na Folia de Reis o comando é repassado, quando possível, aos filhos ou irmãos, sobrinhos, enfim parentes do capitão ou embaixador de folia. Kimo diz que dificilmente encontra-se esta escolha feita por mulheres. O autor ressalta que no Terno pesquisado, Terno do senhor Joaquim Poló, as mulheres se presentificam ou como instrumentistas, ou dançam, ou cantam ou levam o quadro de Santos Reis. A escolha do sucessor é realizada com base em valores hierarquizados pelo grupo (vivência e identificação com o ritual).

A transmissão dos saberes dos rituais do Terno está presente na forma de ouvir, gesticular, criar, tocar, dançar, cantar e louvar. Essas as ações pronunciam as trocas, os parentesco e demonstram um processo de transformação e reinterpretação dos saberes. Kimo diz que mediante esta perspectiva pode se dizer que não há, no Terno pesquisado, uma pessoa responsável pela função de ensinar a prática musical este processo é

coletivo. Mas a figura do capitão é considerada como fundamental neste processo. Pois, os capitães de folia ou foliões mais experimentados balizam a transmissão. Assim, cabe estes detentores do saber popular a missão primordial de preparar e estimular a sensibilidade dos futuros foliões. O autor ressalta que caso não haja esta atitude o ciclo de transmissões pode quebrar-se, e assim chegar-se ao fim da tradição.

Todas estas pesquisas corroboram a importância dos valores na compreensão do funcionamento humano. Podem também esclarecer os valores que influenciam na preservação de costumes como a Folia de Reis.

CAPÍTULO 3

ARTIGO EMPÍRICO

A FOLIA DE SANTOS REIS: Valores e Manutenção de Costumes

RESUMO

Machado, C.C. (2010). A Folia de Santos Reis: Valores e Manutenção dos Costumes. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás.

A Folia de Reis é considerada um ritual cultural do folclore brasileiro que tem sofrido conseqüências de mudanças significativas ocorridas na atualidade. No desenrolar de tantas transformações ao longo dos últimos séculos, se deve agir, valorizar, preservar as invenções humanas. Assim, torna-se imprescindível, sob o enfoque da psicologia, desenvolver estudos que relacionem a folia com os valores pessoais e com o significado da folia em diferentes grupos religiosos e participantes da folia. Participaram da pesquisa 300 pessoas. Utilizaram-se como instrumentos de medida: Escala Fatorial de Atitude (Osgood, Suci & Tannenbaum, 1957), para mensurar o significado da Folia de Reis e o Portrait Questionnaire (Pasquali e Alves, 2004) para avaliar os valores pessoais. Para análise dos resultados foi utilizado a análise descritiva e a Anova, com o suporte do programa SPSS-14. Constatou-se que os valores como pacifismo e tradição, paz-e-respeito aliados ao significado positivo da Folia de Reis influenciam na preservação da mesma.

Palavras-chave: valores, folia de reis, significado da folia

ABSTRACT

Machado, C. C. (2010). *The Folia de Santos Reis: Values and Conservation of Manners*. Dissertation of Masters degree. Department of Psychology Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás.

The Folia de Reis is considered a cultural ritual of Brazilian folklore that has suffered the consequences of significant changes occurring today. In the course of many transformations over the past centuries, one should act, enhance, preserve human inventions. Therefore, it becomes essential, from the standpoint of Psychology, the development of studies correlating the Folia with personal values and the meaning of the Folia in different religious groups and participants. 300 people participated in the study. The instruments of measurement were: Factorial Attitude Scale (Osgood, Suci & Tannenbaum, 1957), to measure the significance of Folia de Reis and the Portrait Questionnaire (Pasquali and Alves, 2004) to assess personal values. For data analysis, descriptive analysis and Anova, with the support of SPSS-14, was used. It was found that the values of pacifism and tradition, peace-and-respect coupled with the positive meaning of Folia de Reis influence in preserving it.

Keywords: values; Folia de Reis; meaning of the Folia

INTRODUÇÃO

É fato que o mundo tem vivido inúmeras mudanças ao longo dos três últimos séculos, a saber, XVIII, XIX e XX. Grande aumento populacional, revolução industrial, êxodo rural e urbanização, globalização, novos meios de comunicação, duas grandes guerras e inúmeros conflitos atuais. Mudanças físicas, estruturais, de relacionamento com o próprio mundo e com as pessoas. O mundo muda e muda o homem e, assim, o homem precisa mudar o mundo e o mundo o muda, num contínuo ciclo dialético.

O mundo mudou. A relação do homem com o mundo também mudou. Entra-se no século XXI pela porta da transformação. E, por causa de mudanças tão significativas e, ao mesmo tempo dialéticas, torna-se importante estudar, compreender e registrar os costumes que resistiram a tais mudanças.

A folia de santos reis é um costume, parte fundamental da cultura que atravessou inúmeras gerações enquanto tradição oral. Os foliões viviam – como grande maioria da população brasileira até o início do século XX – na zona rural e não possuíam acesso à escola. O desenvolvimento das funções dos foliões nas companhias de folia esteve vinculado ao aprendizado com as pessoas mais velhas da comunidade; aprendiam as regras e fundamentação da Folia de Reis com seus próprios pais ou anciões durante o desenrolar da Folia de Reis a cada ano.

Este artigo tem como objeto de estudo a folia de reis de Palmeiras de Goiás, cidade que também não escapa às intensas mudanças sofridas no mundo. A folia de reis que lá acontece é secular (segundo informações colhidas através de entrevistas com foliões) e, ao longo deste tempo, contou com equipes/companhias de folia de reis que hoje estão extintas em sua grande maioria sem o devido registro. E, é fato que a folia de reis palmeirense não conta com registros oficiais e análises científicas ou quaisquer estudos em áreas do conhecimento humano. Assim, é um privilégio pesquisar o objeto

de estudo vivo, *in loco*, em movimento e colher os dados para pesquisa através de entrevistas com foliões e pessoas envolvidas na Folia de Reis.

O mundo realmente mudou, e mudou com vigor nunca visto em outros tempos. O homem opera no mundo incríveis mudanças em busca de alcançar seus desejos e promover a rapidez de suas realizações. O homem deseja ser global, as pessoas desejam estar conectadas a todos os lugares em tempo real, desejam agilidade em seus contatos e no acesso facilitado ao conhecimento. Universalismo, globalização, mundialização são expressões que traduzem muito bem o desejo humano de agilidade e conhecimento facilitado e em rede. O mundo deseja atentar-se para si mesmo como plano único pautado no sentimento de ‘progresso infinito’ (Mattelart, 2005, p. 9); apesar das diferenças humanas, climáticas e geográficas. Tornar-se uma aldeia global é um objetivo e fim a serem alcançados permanentemente e cada vez mais.

Mudar é condição *sine qua non* à sobrevivência humana e do planeta. É inegável que o homem é atingido por toda e qualquer mudança havida no mundo externo e que isto reverbera no campo mental dialeticamente. Toda mudança traz ganhos importantíssimos, inclusive no que tange a salvar vidas, mas toda mudança é também, inegavelmente, perdas, e que se configuram em mortes operadas em cada um.

Este movimento dialético é o contexto em que nasce o mundo contemporâneo: num tempo de ganhos e perdas; inícios e fins; vida e morte. E é nesse movimento, no desenrolar de tanta transformação ao longo dos últimos séculos, onde se deve agir, valorizar, preservar as invenções culturais humanas. Neste tão importante momento – momento de interstício - os homens não devem ser privados de suas origens, não devem esquecê-las ou traí-las.

Este artigo não deixa de ser uma lida com as mudanças e suas consequências, com as perdas e mortes; com todas as transformações de um mundo globalizado, com as possibilidades constantes de guerra, com as grandes cidades, com o êxodo rural e com a

pressa cotidiana do novo tempo. Para tanto, visa-se observar, compreender, pesquisar e estudar a folia de santos reis que é um costume, cultura, parte do folclore que o Brasil recebeu como herança portuguesa e que aqui se modelou dentro dos costumes do país. Busca-se também compreender a relação dos valores pessoais e do significado da Folia de Reis com a manutenção e preservação da folia de santos reis.

Em Palmeiras de Goiás – campo em que ocorre a Folia de Reis pesquisada –, apesar da destruição das características urbanas do passado, demolição de construções antigas, a extinção de práticas culturais como a Procissão do Encontro e antigas equipes de folia de reis – há fomento cultural intenso e um despertar para a necessidade de preservação das tradições. O ano de 2005 foi um passo momentoso neste contexto, pois promoveu a fundação da Academia Palmeirense de Letras e Artes (APLA), – pela artista plástica Maria Júlia Franco; a fundação da Comissão Municipal de Folclore de Palmeiras de Goiás por Claudia Carvalho Machado; exposições de artesanato local; concursos de poesia; concursos de música, etc.

Sobremodo que o contato da autora do presente artigo, desde sua infância, com folia de reis e a oportunidade de presidir a Comissão Municipal de Folclore de Palmeiras de Goiás, além do clima de fomento cultural local, foram fatores de extrema relevância na tomada de decisão em favor da escolha do tema estudado.

Acredita-se que esta pesquisa trará também importantes contribuições para o fortalecimento do trabalho cultural em desenvolvimento na cidade de Palmeiras de Goiás, além disso, concorrerá ser primeiro registro histórico e científico desta tradição, a folia de reis, no município de Palmeiras de Goiás. O presente artigo fornece fonte de referência para o conhecimento da estrutura e funcionamento da Folia de Reis às gerações futuras. Galgando potência teórico-documental, o presente artigo agrega também valorização e motivação aos foliões e, por fim, inovação teórica sobre o assunto no campo da Psicologia.

A partir daqui, traça-se os seguintes objetivos: identificar as raízes motivacionais que influenciam na manutenção da Folia de Reis; identificar as prioridades axiológicas do grupo distinto: foliões, seguidores-devotos e pessoas da comunidade pesquisada sem conhecimento sobre Folia de Reis; identificar as prioridades axiológicas do grupo religioso: católicos, evangélicos e espíritas; pesquisar o significado da Folia de Reis para o grupo distinto (foliões, seguidores-devotos e pessoas da comunidade pesquisada sem conhecimento sobre Folia de Reis) e para grupo religioso (católicos, evangélicos e espíritas).

Para alcançar estes objetivos foram determinadas as seguintes hipóteses: 1) quando o conjunto de valores (tradicionalismo e pacifismo) estiver aliado ao significado positivo da Folia de Reis pode-se dizer que ficam reconhecidas as raízes motivacionais que mantêm este costume; 2) os católicos atribuem maior significado à folia de reis do que os evangélicos e espíritas; 3) os evangélicos atribuem significado negativo à folia de reis; os espíritas atribuem maior significado à folia de reis do que os evangélicos; 5) os católicos apresentam como prioridade axiológica tradicionalismo e pacifismo enquanto evangélicos apresentam dominação, tradicionalismo e dinamismo hedônico e os espíritas o pacifismo; 6) os foliões e seguidores-devotos apresentam como prioridades axiológicas tradicionalismo e pacifismo. As pessoas sem conhecimento de folia apresentam como prioridades axiológicas dominação e dinamismo hedônico.

Então, o que mais se pretende neste trabalho é verificar a relação dos valores pessoais e do significado da Folia de Santos Reis na manutenção, preservação de costumes, levando-se em conta que a cultura é um cenário maior onde se guarda o passado, posto ser esta a única possibilidade de mantê-lo vivo.

FOLIA DE SANTOS REIS

A folia de santos reis é parece partir da Folia que era uma dança muito popular em Portugal e chegou ao Brasil com os jesuítas (Moreyra, 1983). No Brasil a folia é um grupo de pessoas que visitam casas de pedintes comprometidos com promessas feitas a Santos Reis ou com herança advinda de seus antepassados. A Folia de Reis é um festejo itinerante do catolicismo popular (Pessoa, 2005).

Autores das mais variadas áreas do conhecimento humano escreveram, estudaram e pesquisaram sobre folia de santos reis e assim construíram um percurso que possibilitou a manutenção deste costume que sobreviveu como tradição oral. Acredita-se que a cada conceito trazido do percurso feito por cada autor se constrói o desenho da Folia de Reis de outrora e a que nos chega atualmente em pleno século XXI.

Somente a partir do percurso dos conceitos já criados e no que com eles foi aprendido pôde-se chegar ao importantíssimo passo dado pelo Dr. Jadir de Moraes Pessoa neste campo. Na introdução do livro que realizou em parceria com a francesa Madeleine Felix “As Viagens dos Reis Magos”, o autor diz: “[...] a folia é, na sua essência, o giro, a viagem para Belém, em cada casa por onde ela passa” (Pessoa, 2007, p. 8) Há aqui um claro avanço conceitual, em relação a outros conceitos existentes. O autor envida esforços por outro caminho que não o da mera descrição do ritual ou a expressão técnica de sua existência. Diz-se “mera” não buscando privilegiar o caráter pejorativo da palavra e/ou desejando o desmerecimento dos autores que antecederam a fala de Pessoa. Cada conceito é de extrema necessidade, pois se fazem degraus a partir dos quais outros poderão também avançar. O conceito trazido por Pessoa (2007) atua, expressando a alma da Folia de Reis e sua vocação primeira, a saber, *girar* ou viajar em busca do Deus Menino recém-nascido de casa em casa, por onde a Folia passar. Pessoa eleva, enfatiza, coloca sobre relevo o giro equiparando-o a saga primeira. Esta é sua contribuição e à mesma deseja-se como degrau, suporte para dizer melhor, para aproximar-se da temática Folia de Reis neste artigo.

A nova simbologia criada pelo autor nasce de uma metáfora entre a viagem primeira, a de Santos Reis, e a viagem realizada pelos foliões a cada ano; ele as equipara. De tal modo que cabe dizer que em cada casinha perdida no ermo do sertão é Belém reinventada, incluindo, por assim dizer, a folia de reis que acontece na cidade de Palmeiras de Goiás. Porém, nisto há uma diferença em relação ao que é trazido por Pessoa, pois o autor chama de imitação ou atualização (fazendo sinonímia entre atualização e semelhança) a viagem de Santos Reis em busca do Deus-Menino, a esse proceder dos foliões que é a Folia de Reis. Exemplo disto:

“Assim, o verso entoado por inúmeros embaixadores “Os Três Reis e’vem de longe, de muito longe nós e’vem” ganha toda a sua profundidade. Pode ser entendido como uma atualização (uma semelhança) da viagem dos Reis Magos [...]”. (Pessoa& Felix, 2007, p. 9)

Ao que Pessoa chama de imitação ou atualização/semelhança nomeia-se aqui de reinvenção. Não como mera mudança de palavras, ou jogo semântico. A imitação aponta apenas para a repetição do ritual, sabe-se que os rituais e a simbologia que eles evocam não mudam enquanto prática da essência do costume, mas, antes, perfazem primordialmente a folia de reis. E é necessário que assim seja. Para a preservação do costume é preciso que os rituais sejam realizados com constância (todos os anos) e com semelhança (os rituais carreguem as mesmas características primordiais à semelhança da viagem dos Reis Magos). Ocorre que há de se considerar que a realidade não é mais a mesma do tempo em que se deu a viagem primeira. E, exata e antiteticamente, a atual realidade se transforma, como se fosse uma viagem para o futuro às avessas, ao se fazer num hoje, instrumentos e atitudes tal e qual se fazia num ontem. A viagem é atualizada, mas, a realidade mudou, sofre novas transformações (reinvenção) na persistência dos atos ao modo da falta de recursos do passado (realidade pretérita). Neste contexto, mantém-se a palavra atualização, não à medida de semelhança como trazido por Pessoa

(Pessoa & Felix, 2007), mas como acreditando que os foliões estão recriando-a no tempo atual. Crê-se na necessidade primordial de cada folião possuir em seu cotidiano traços aparentados aos dos reis magos, seja nas atitudes de devoção, na peregrinação, nas palavras de esperança, na fé ou na crença. A reinvenção pelos foliões da viagem dos reis magos é a atualização do passado.

Uma vez assim estabelecido, passa-se a considerar que a folia de reis é a reinvenção da viagem de santos reis, atualização da peregrinação. Considera-se também que a reinvenção é um refazer, reviver da folia à medida da viagem de santos reis para adorar o Deus-menino. E novamente recorre-se aos caminhos peregrinados por Pessoa (1983) ao apresentar Ecléa Bosi (1987, citada por Pessoa, 1983) dizendo que “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado.”, é que se pode encontrar sustentação para aquilo que aqui se propõe como sendo a reinvenção ao passo que se demonstra, mais uma vez, o quanto é imprescindível valorizar o que já foi dito por outros autores, no caso Pessoa. Chegar ao que pode ser a imitação foi missão contumaz de Pessoa para que se fizesse possível na presente dissertação dizer acerca da Folia de Reis como reinvenção. Através de Pessoa, passando por Bosi, chega-se à questão: E o que é o refazer, repensar, reconstruir senão aderir aos mesmos submetimentos necessários ao momento primeiro de construção? Refazer é dar de novo vigor à coisa feita, é estar operando no campo do ofício, da construção. O repensar não é simples repetição do pensado que, para alguns, pode ser considerado fora de moda ou antiquado. Mas, antes, é poder, a partir da coisa construída aprender com ela e ser novamente o inventor de tal coisa.

Diz-se que a folia de reis é reinventada na vida de cada folião e são eles os reis magos acontecendo novamente nestes confins do Mundo Novo e é por meio desta reinvenção que ela mantém-se viva, perpetua-se. É momento de dizer que o giro é a viagem para Belém perpetuada no solo do Brasil Central. Belém é aqui, ali naquele

momento único de devoção; a cada casinha simples que se torna a lapinha frente à ânsia do povo. E os andarilhos- foliões são os próprios Reis Magos trazendo em sua cantoria a mirra, o incenso e o ouro, seguindo a Estrela-Guia.

É essencial, antes de recorrer aos escritos bíblicos – que são a base da folia de reis – fazer uma diferenciação entre catolicismo popular, catolicismo rústico⁷ e catolicismo oficial. Tem o mesmo grau de importância manter uma postura de consideração para com a conceituação realizada por Pessoa ao evidenciar que a folia de reis é um “ritual itinerante do catolicismo popular” (Pessoa, 2005, p. 82). Ocorre que, como observado anteriormente, tal conceito formata o desenho do quadro que é a folia de reis, reafirmando o aqui postulado: os conceitos – cada um deles – são de extrema necessidade, pois se fazem degraus a partir dos quais outros estudiosos poderão também avançar.

A folia de reis pesquisada é gerada num contexto histórico mudança. O catolicismo popular, que é a folia de reis, é um sobrevivente, um remanescente originado das mudanças advindas da romanização da igreja católica. A igreja e sua história dão nome e corpo à existência de São Sebastião do Alemão, hoje Palmeiras de Goiás.

A folia de reis é um ritual do catolicismo popular, ele nasce todos os anos nos desejos de cada folião de homenagear santos reis pelo sacrifício e pelo reconhecimento da glória do Menino-Deus. Não buscam mediação sacerdotal para seus feitos, mas não se distanciam da bíblia e nela se baseiam para desenvolver a cada ano este ritual

⁷ Catolicismo rústico é um termo cunhado por Duglas T. Monteiro em *Os Errantes do Novo Século*, São Paulo, Duas Cidades, 1974, p. 83-84, fato contado por Pessoa, em *Meu Senhor Dono da Casa – Os 50 anos da Folia das Lajes*, 1993, para especificar o tipo de crença religiosa das gentes zona rural. O catolicismo popular tem suas origens no cristianismo primitivo (Silva, 2006), desde o apóstolo Pedro (conhecido como pescador de almas) até gregos, germânicos e romanos. O catolicismo popular nasceu deste histórico de desenvolvimento da igreja católica apostólica romana. É tudo aquilo que se criou no seio popular, na ânsia do povo por práticas devocionais, nasceu não da irreverência e não da revolta com o poder instituído. Nasceu pela necessidade mais fecunda de estar com outro e com ele partilhar o sagrado.

construído na simplicidade do povo. Buscam levar, a quem desejar, sua cantoria e devoção.

A folia de reis encerra sua maior importância no *giro*, momento em que homens e mulheres devotos saem em viagem de casa em casa (Pessoa, 2007), no ermo do sertão, a levar a Boa Nova, a saber, o nascimento, a epifania do Menino-Deus, trazendo como base para este ritual o trecho do evangelho de Mateus, Bíblia Sagrada, capítulo 2, 1-12.

A Epifania representa a assunção humana de Jesus Cristo, quando o filho do Deus deu-se a conhecer ao Mundo. Neste sentido a folia de reis comemora um dos momentos de aparição de Jesus ao mundo. É uma celebração. Uma forma de manter viva na vida de cada folião, devoto ou seguidores esta história que a Humanidade carrega. Então, neste momento, pode-se dizer que a folia de reis é a Epifania do Senhor no ermo do sertão. A aparição do Cristo novamente e agora recomposta pelos foliões a seguir nas estradas cobertas de poeira fina e vermelha.

“Belém se atualiza na casa do festeiro.” (Pessoa, 1993, p. 108) e a folia é atualizada a cada vez que gira, em cada gesto do folião com a bandeira, na pedição em ajuda ao Santo, na comida oferecida, nas promessas, nas cantorias, nas rezas de terço, no som da viola, do triângulo e da sanfona, nas estradas silenciosas. A folia de reis traz o nascimento de Cristo de volta de maneira reinventada, acontecendo naquele instante do giro e suas rezas. No giro levam a Boa Nova, contam em cada casa onde passam que o Menino-Deus nasceu.

No calendário oficial, seguido pelas equipes de folia de reis, o *giro* tem seu início em 25 de dezembro e vai até 6 de janeiro. Em Palmeiras de Goiás, entretanto, a folia acontece durante o mês de julho como mostra das conseqüências exercidas pelo forte êxodo rural que ocorreu mundialmente, em Goiás, principalmente entre as décadas de 1960, 1970 e 1980 (Estevam, 2003). Fato que se pode aliar à miragem de melhoria da

qualidade de vida oferecida pelos grandes centros urbanos e a necessidade de oferecer estudos aos filhos.

A folia de reis possui uma estrutura social hierarquizada, composta por: embaixador (responsável pelo funcionamento da folia de reis e mantenedor dos conhecimentos bíblicos que a sustentam), resposta (acompanhantes durante a cantoria, respondem às falas do embaixador) e instrumentistas (aqueles que possuem conhecimento técnico/prático de instrumentos utilizados na folia de reis), palhaços (responsáveis por disfarçar o caminho da bandeira e pedir licença para entrada da equipe de foliões nas casas), alferes da bandeira (responsável por carregar e guardar a bandeira e quando a folia não possui palhaços recebe o ofertório), requinta ou baixão (vozes que fazem o chamado “grito”, oiiiiiaaaaááááá (Chaves, 2003), cozinheiras (responsáveis pela alimentação), decoradoras (responsáveis pelos enfeites dos arcos, instrumentos e altares).

Neste ritual do catolicismo popular são utilizados os instrumentos: violão, tambor, pandeiro, triângulo e sanfona. A folia de reis segue basicamente as seguintes etapas a serem desenvolvidas pelos trabalhadores da equipe de folia de reis: ensaio (momento de transmissão do saber sobre as origens da folia a todos os foliões e público em geral), saída (início do giro, saindo-se sempre a direita das casas), giro (momento de atualização da viagem de Santos Reis desde o Oriente até Belém levando a Boa Nova, o nascimento de Menino-Deus), pouso (momento de parada das obrigações diárias, sendo que atualmente somente a bandeira “posa” na casa, pois com as novas tecnologias e distancias encurtadas os foliões voltam às suas casas) e entrega (momento de finalização dos trabalhos, agradecimentos por mais uma ano concedido e de promessas ao “Santo Trinário” (Brandão, 1983).

No evangelho de Mateus 2, 1-12 está a versão bíblica para o nascimento do Cristo; é a única referência bíblica à visita dos Reis Magos ao recém-nascido, o Deus-

menino. Esta versão tornou-se o eixo da folia de reis e rege a vida do ritual e dos foliões. Nela os foliões se respaldam. A partir deste trecho nasce toda a simbologia que perpassa o ritual e seu funcionamento, até o comportamento dos foliões. Este capítulo do evangelho de Mateus é um trecho resumido e curto tal qual uma pequena missiva. Ela não conta detalhes de quem foram os reis magos. Apenas cita que vieram do Oriente em visita a um menino profetizado e que foram guiados pela estrela.

Há uma versão não bíblica, que consta na *Legenda Áurea* – livro sobre a vida dos Santos do século XVIII – sobre estes todos estes acontecimentos, (mas que, por ironia ou não, se fundamenta em trecho bíblico) e que tornou-se muito popular. Esta versão (Franco Júnior, 2006) diz que os reis magos vieram do Oriente e descendiam do profeta Balaão que muito tempo antes profetizara sobre a vinda do Deus-Menino: “Vê-lo-ei, mas não agora, contempla-lo-ei, mas não de perto; uma Estrela procederá de Jacó e um cetro subirá de Israel, que ferirá os termos dos moabitas, e destruirá todos os filhos de Sete.” (Nm, 24, 17). Profecia que, segundo esta versão, os Reis Magos perseguiram por séculos (nesta versão contada na *Legenda Áurea* a cada rei morto havia sua substituição por seu filho), sempre a observar os céus – astrólogos que eram – até o dia de sua realização e, assim, se porem a caminho, em busca do Deus Menino.

A versão de São Mateus não dá nomes aos reis magos, ela conta que eles trouxeram oferendas ao novo rei, a saber, ouro, mirra e incenso. Mas, segundo a versão trazida na *Legenda Áurea* (Franco Júnior, 2006) os nomes dos três Reis eram: Baltazar (latim) que em grego é Malgalat e em hebraico é Amerio (rei negro que oferta mirra, uma resina aromática, símbolo da mortalidade dos homens); Melquior (latim) que em grego é Sarathin e em hebraico é Damasco (o mais velho, de barbas brancas, que oferece ouro como símbolo da realeza espiritual do menino Jesus) e Gaspar (latim) que em grego é Galgalar e em hebraico é Apelio (o mais jovem e que oferece o incenso, símbolo das orações feitas com devoção).

Padre Antônio Vieira (1608 - 1697) com o sermão pregado para a Rainha Regente e para el Rei em Portugal, Sermão da Epifania, delimita a profunda importância dos Reis Magos para a fundação ideológica do mundo tal qual se conhece. Vieira (Pécora, 2003) diz que ao adorar o Deus-Menino os Reis Magos fundam a cristandade. Eles foram os primeiros a reconhecerem Cristo como senhor e, por isso lhe ofertam ouro; os primeiros a reconhecerem o Deus-menino como Deus e lhe oferecem incenso e os primeiros a o reconhecerem como homem, carne mortal e, por isso lhe consagram a mirra. Isto é a inauguração da cristandade. São eles, os Reis Magos, “viajores” (Pessoa & Felix, 2007, p. 8) e contadores do Mundo Novo que se inicia com o nascimento de Cristo. Os Reis Magos estão na cena primeira, na primeira Epifania do Senhor, e abrem um novo tempo com sua reverência e adoração a Cristo.

Enfim, a Folia de Reis, em todas as funções e etapas, reúne o profano e o religioso, buscando a devoção e o sacrifício ao mesmo tempo em que libera o sentimento de prazer pelo dever cumprido.

VALORES

Os filósofos foram os primeiros a estudarem os valores, estudos que foram de suma importância para trazer este assunto para o centro das discussões. A Psicologia se origina da Filosofia então neste novo campo de estudo – os valores – Rokeach (1973) foi o pioneiro. Este autor foi o primeiro pesquisador a trabalhar com mensuração de valores na história do estudo dos valores dentro da Psicologia Social. Propôs um conceito, medidas empíricas e articulação dos pressupostos básicos sobre a origem, função, hierarquia, natureza fenomenológica e poder preditivo dos valores. (Feather, 1995, Schwartz & Bilsky, 1990; Smith & Bond, 1998).

A grande contribuição de Rokeach (1973) foi a construção de um instrumento de medida de valores e a criação do método de confrontação de valores. Ele delimita o espaço significativo dos valores, os colocando como crenças duradouras; modo de condução ou estado-fim da existência; concepções do desejável ou concepções de algo que é desejável pessoal e socialmente.

Os valores são intrínsecos à construção de *modus operandis* de vida, e por isso, perfazem a cultura. Os valores, portanto, são extremamente importantes para desvelar a cultura de um povo. Geert Hofstede (1994), – professor e primeiro diretor do IRIC (Institute for Research on Intercultural Cooperation) – trabalhou justamente o ponto de vinculação dos valores e da cultura. Hofstede (1994) afirma em seu livro “*Cultures and Organizations – Intercultural Cooperation and Its Importance for Survival, Software of the Mind*” que a cultura é sempre um fenômeno coletivo aprendido e não herdado, portanto derivada do envolvimento social de cada um e não da herança genética. O autor ainda diz que a cultura é uma espécie de “software mental”, cuja programação coletiva distingue os membros de um grupo ou categoria de outros grupos.

Hofstede propôs um modelo que demonstra que a cultura se manifesta através de práticas organizacionais (Siqueira, 2008): símbolos, heróis, rituais e valores. Símbolos são palavras, gestos, pintura ou objetos com significado particular; são originados em um grupo cultural e copiado por outros grupos. Os heróis são personagens vivos ou mortos, reais ou imaginários que possuem características louvadas na cultura e que servem como modelo de comportamento. Os rituais são atividades coletivas, tecnicamente supérfluas, mas socialmente essenciais; e os valores são as primeiras coisas que as crianças aprendem – não de forma consciente –, mas de forma implícita (Hofstede, 1994). Os valores formam o núcleo da cultura, ou seja, eles estão no centro daquilo que se chama de essência da cultura.

As práticas organizacionais se contrapõem aos valores, posto que, estes são inconscientes e com possibilidade de serem conhecidos somente por meio de inferência. Já as práticas organizacionais “podem ser objeto de mudanças planejadas” (Siqueira, 2008, p. 127). Estas práticas organizacionais nascem dos valores dos fundadores e são estes valores que moldam a cultura (Hofstede, 1994).

Shalom Schwartz, autor com significativa contribuição para a Teoria dos Valores, baseia-se na construção de Rokeach e somente a partir destes estudos ele pode criar seu próprio método. A Teoria de Valores desenvolvida por Schwartz e Bilsky (1987), Schwartz (1992, 1994, 1996) unifica, organiza e respalda as diferentes conceituações sobre o que motiva o homem para suas ações. Schwartz cria um campo comum onde se pode aproximar das motivações humanas utilizando-se os valores como instrumentos desta aproximação e, principalmente, utilizando-o como objeto de estudo objetivo.

Schwartz (2005) diz que a teoria de valores mostra aspectos da estrutura psicológica humana que são fundamentais, aspectos certamente comuns a toda humanidade. Assim, as proposições devem se aplicar a todas as culturas. Seus primeiros estudos estão remetidos a pesquisas realizadas em busca da estabilidade e universalidade no funcionamento dos valores.

Então, dizendo melhor, Schwartz e Bilsky (1992) tomaram como base a teoria de Rokeach (1973), sendo que Schwartz preocupou-se em encontrar universalidade dentro de um sistema de valores e numa abordagem que os tratasse não como variáveis isoladas e, assim, passou a pesquisá-la como parte integrante de um sistema (Pereira, 1999).

Buscar estabelecer tais princípios, dentro do estudo de valores, pressupõe que estes valores funcionem dentro de uma hierarquia de importância para cada pessoa. Já que valores apontam para as preferências, as escolhas das pessoas entre o que é

importante ou não; eles mostram como cada ser humano lida com a vida. Tamayo (2007) assevera que a essência de todo e qualquer valor é permitir a sua hierarquização. Pois, isto impõe a visão do homem como ser ativo, partícipe do mundo e não um mero observador de acontecimentos.

As análises empíricas, realizadas por Schwartz (1992), demonstraram que os valores únicos se agruparam em 10 espaços multidimensionais, ou seja, 10 tipos motivacionais:

- a. Autodeterminação (AD):META: buscam independência de pensamento, ação.
- b. Estimulação(ES): META: procura de excitação, novidade e mudança
- c. Hedonismo (HE): META: prazer ou gratificação social
- d. Auto -Realização (AR): META: a sucesso pessoal, com permissão para satisfação através da competência, gerando assim um reconhecimento social.
- e. Poder (PO): META: status social e prestígio, controle ou domínio sobre pessoas e recursos;
- f. Segurança (SE): META: segurança, harmonia e estabilidade da sociedade e pessoal;
- g. Conformidade (CO): META: a restrição de ações, inclinações e impulsos que tendem a chatear ou prejudicar os outros, contenção;
- h. Tradição(TR): META: respeito, compromisso e aceitação dos costumes e idéias que a cultura e religião do indivíduo fornecem;
- i. Benevolência (BE): META: preservar e fortalecer o bem-estar daqueles com que o contato social do indivíduo é mais freqüente
- j. Universalismo ou filantropia (FI): META: compreensão, agradecimento, tolerância e proteção do bem-estar de todas as pessoas e da natureza.

Assim, a abordagem Schwartiana dos valores aponta para a influência das motivações nos valores, sabendo-se que os valores possuem dinamicidade por ora

estarem congruentes, ora em conflito. E que esta confluência de fatores trabalham ativamente nos valores das pessoas.

Schwartz validou em suas pesquisas duas dimensões de ordem superior que englobam os tipos motivacionais: abertura à mudança versus conservação e auto-promoção versus auto-transcendência. Os tipos motivacionais relativos à primeira dimensão são: estimulação, autodeterminação, segurança, conformidade e tradição. E os valores relativos à segunda dimensão são: poder, auto-realização, hedonismo, filantropia e benevolência.

As pesquisas desenvolvidas por Schwartz sobre valores eram realizadas através do SVS (Survey de Valores de Schwartz), instrumento que foi traduzido em 46 línguas. A tradução deste instrumento para o português foi a primeira contribuição de Álvaro Tamayo (2007) para as pesquisas transculturais de Schwartz. SVS era um método simples de pesquisa, mas que exigia dos pesquisados alto grau de abstração nas respostas requeridas. O SVS é semelhante ao Inventário de Valores de Rokeach, mas o supera ao colocar valores que constituem uma amostra mais representativa dos valores; ao utilizar uma escala do tipo intervalar e não ordinal como em Rokeach; ao apresentar uma estrutura do tipo fatorial e ao avaliar os valores de acordo com o tipo motivacional.

O SVS (Survey de Valores de Schwartz) sugere que muitas pessoas podem facilmente relatar os valores com sucesso e que vários estudos realizados a partir deste instrumento têm validado muitas hipóteses sobre valores. Entretanto, o nível de pensamento abstrato exigido pelo SVS pode ser sobremaneira demasiado para algumas populações.

Schwartz, Melech, Lehmann, Burgess e Harris (2001) e Schwartz, Lehmann e Roccas (1999) criaram o PVQ (Portrait Value Questionnaire), um novo instrumento para pesquisa de valores que visa aferir os 10 tipos motivacionais e transpor esta dificuldade do SVS. O PVQ foi traduzido para o português e validado por Álvaro Tamayo (2002,

não publicado) e seus colaboradores. Tamayo o nomeou de QPVP (Questionário de Perfis de Valores Pessoais). Os resultados da sua validação ainda não foram publicados, mas o instrumento QPVP tem sido utilizado nas pesquisas em diversos lugares do país (Porto, 2005).

Segundo Tamayo (2007) O PVQ é menos abstrato que o SVS e mais fácil adaptação às crianças, adolescentes e pessoas com baixo nível de escolaridade. O instrumento PVQ foi criado com objetivo de simplificar as atividades requeridas dos pesquisados com o SVS. O PVQ possui 40 questões e procura avaliar os 10 tipos motivacionais de Schwartz (1992), nestas questões cada um dos tipos motivacionais é explicado.

Neste artigo utilizou-se os resultados da validação deste instrumento realizada no Brasil por Pasquali e Alves (2004). Que para executar a validação tiveram como base a psicologia do consumidor. Os autores chamaram o PVQ (Portrait Values Questionnaire), numa simplificação, de PQ (Portrait Questionnaire). Utilizaram para a validação do instrumento uma amostra 4.000 usuários de telefonia celular, selecionados aleatoriamente em todos os estados brasileiros. Dividiram as pessoas da amostra em várias profissões, em diferentes níveis de instrução e com renda familiar média de R\$ 1.500,00.

O PQ é composto por 40 itens, afirmativas que cobrem os 10 tipos motivacionais de Schwartz, como fora dito anteriormente, e estes itens são respondidos numa escala de 6 pontos que varia da seguinte forma: se parece muito comigo (6), se parece comigo (5), se parece mais ou menos comigo (4), se parece pouco comigo (3), não se parece comigo (2), não se parece nada comigo (1).

Pasquali e Alves constataram, através da análise fatorial, existir quatro (4) fatores de primeira ordem: pacifismo, dominação, tradicionalismo e hedonismo

hedônico – e dois (2) de segunda ordem: paz-e-respeito e autopromoção. Estes fatores englobam os 10 tipos motivacionais de Schwartz.

Este instrumento, PQ (Portrait Questionnaire), foi escolhido para ser utilizado na coleta de dados deste trabalho, visando alcançar os seguintes objetivos: identificar as raízes motivacionais que influenciam na manutenção da Folia de Reis; identificar as prioridades axiológicas do grupo distinto: foliões, seguidores-devotos e pessoas da comunidade pesquisada sem conhecimento sobre Folia de Reis; identificar as prioridades axiológicas do grupo religioso: católicos, evangélicos e espíritas; pesquisar o significado da Folia de Reis para o grupo distinto (foliões, seguidores-devotos e pessoas da comunidade pesquisada sem conhecimento sobre Folia de Reis) e para o grupo religioso (católicos, evangélicos e espíritas).

E para alcançar estes objetivos foram determinadas as seguintes hipóteses: quando o conjunto de valores (tradicionalismo e pacifismo) estiver aliado ao significado da Folia de Reis pode-se dizer que ficarão assim reconhecidas as raízes motivacionais que mantêm este costume; os católicos atribuirão maior significado à Folia de Reis do que os evangélicos e espíritas; os evangélicos atribuirão significado negativo à Folia de Reis; os espíritas atribuirão maior significado à Folia de Reis do que os evangélicos; os católicos apresentarão como prioridade axiológica tradição e pacifismo enquanto evangélicos apresentarão dominação, tradição e dinamismo hedônico e os espíritas o pacifismo; os foliões e seguidores-devotos apresentarão como prioridades axiológicas tradicionalismo e pacifismo. As pessoas sem conhecimento de Folia apresentarão como prioridades axiológicas dominação e dinamismo hedônico.

Valores, Religiosidade e cultura: contribuições empíricas

Este tópico traz algumas contribuições de pesquisas realizadas sobre as variáveis religiosidade, cultura e valores. Como foi dito anteriormente é impossível trazer todas as contribuições levando-se em conta a importância de todos os trabalhos para os avanços científicos, então foi feito um recorte e procurou-se trazer contribuições pertinentes e relevantes para a discussão desta dissertação.

Leva-se em conta que a folia de santos reis é, como fora dito anteriormente, um aspecto da cultura e do folclore brasileiros; ela é um ritual itinerante da religiosidade popular que se inspira no catolicismo e nas Sagradas Escrituras. Mas a folia de santos reis é, antes de qualquer coisa, uma organização. Uma organização que apresenta claramente papéis pré-definidos, funções outorgadas, procedimentos ou rituais, presidência, diretorias e metas a serem cumpridas. Possui também uma cultura interna bem incorporada e no núcleo desta cultura encontra-se os valores que a norteia.

Segundo Kanaane (1994) a organização é um sistema que se estabelece através dos valores expressos dos indivíduos que a compõe que são assimilados e transmitidos sucessivamente as novas gerações. Há diferença entre organizações e organizações sociais, sendo que estas últimas estão no campo empresarial e trazem conjuntos mais amplos de relacionamentos e processos (Hall, 1984).

Assim, dentro deste contexto pode-se trazer Tamayo e Porto (1996) em estudo que possui como objetivo investigar as prioridades axiológicas e cultura brasileira como preditores de civismo nas organizações. Esta pesquisa foi publicada como artigo nomeado “Prioridades Axiológicas e Cultura Brasileira: preditores de civismo nas organizações”. Segundo os autores o comportamento de civismo é viabilizado dentro das próprias organizações e, é justamente o civismo que favorece a existência destas mesmas organizações. A espontaneidade dos trabalhadores em seu meio de trabalho demonstra a efetividade do civismo nas organizações. E para caracterizá-lo há cinco (5)

fatores preconizados: sugestões criativas, autotreinamento, cooperação com colegas, proteção ao sistema, criação de clima favorável à organização em ambiente externo.

Participaram da amostra pesquisada 963 funcionários de uma empresa estatal que trabalha com processamento de dados e possui sede em Brasília e mais 10 filiais no Brasil. Os instrumentos utilizados na pesquisa foram “Inventário de Valores de Schwartz e Escala de Civismo nas Organizações”.

Os resultados apresentados demonstram que as prioridades axiológicas das pessoas predizem significativamente o comportamento de civismo nas organizações e podem dizer que as prioridades axiológicas são variáveis importantes na análise e compreensão dos comportamentos humanos.

Outra pesquisa interessante, publicada como artigo, envolvendo as variáveis religiosidade e valores é “A Função da Religião nos Valores Humanos de Moçambicanos” de Costa e Goodwin (2006). A pesquisadora impõe os seguintes objetivos dentro de sua temática: testar se dentro de um país com diferentes religiões dentro de uma mesma região apresentam valores diferentes; avaliar como a teoria de Schwartz pode ser útil para a compreensão religiosa de diferentes abordagens dentro de uma única configuração cultural; avaliar se uma combinação de valores se Schwartz com valores individuais e coletivos é possível, ou melhor abordagem dado o contexto.

O instrumento utilizado na pesquisa foi uma adaptação do SVS (Survey dos Valores de Schwartz). Participaram 144 sujeitos, sendo 71 jovens e 73 adultos, de religiões muçumana (49 %) e cristã (50,7 %).

A partir dos resultados encontrados nessa pesquisa Costa e Goodwin (2006) pode observar que parece possível haver uma coerência geral nos valores nacionais que não impedem diferenças individuais relacionadas à religião. A pesquisadora diz que contextos religiosos parecem ser fatores determinantes de importância nas diferenças encontradas nos valores; os tipos motivacionais e as dimensões de Schwartz também

revelaram-se importantes na compreensão das diferenças baseadas na religião. Além disso, os resultados indicaram que os valores de Schwartz são ferramentas úteis na compreensão de diferenças de valor em comunidades divergentes em relação à religião.

As variáveis religiosidade, valores e cultura têm sido muito pesquisadas na atualidade. Elas envolvem a vivência humana e se caracterizam relevantes na compreensão do funcionamento humano e das maneiras do próprio homem lidar com o mundo em que vive. Neste sentido – de colaboração com a pesquisa científica e atualização das teorias que buscam a compreensão humana –, Pereira e colaboradores (2005) desenvolveram uma pesquisa com 406 estudantes universitários de sexos masculinos e femininos, no estado da Paraíba. Os participantes contavam com idade variando entre 17 e 57 anos. A pesquisa transformou-se em um artigo chamado “Um estudo sobre a integração dos níveis de análise dos sistemas de valores”, o qual possuía dois objetivos a serem atingidos: averiguar a efetividade de um possível sistema de valores hedonistas e enunciar níveis de análises individuais e sociais dos valores por meio de estudo de intercâmbios entre sistemas de valores e tipos motivacionais.

Para esta pesquisa os autores utilizaram como instrumento o QVP (Questionário de Valores Psicossociais) somando a ele três valores distintos (sexualidade, sensualidade e uma vida excitante). Os autores também utilizaram na pesquisa o instrumento SVS (Schwartz Values Survey) em versão validada no Brasil por Tamayo e Schwartz (1993).

Os resultados dessa pesquisa desenvolvida por Pereira e Colaboradores demonstram a constituição de quatro aglomerações de valores (hedonista, religioso, materialista e pós-materialista). O sistema de valores materialistas é formado pelos valores de *status*, riqueza, lucro e autoridade; o sistema hedonista constitui-se de valores como uma vida excitante, sensualidade, prazer e sexualidade; o sistema de valores pós-materialista forma-se pelos valores do bem-estar social (igualdade, liberdade,

fraternidade e justiça), do bem-estar individual (conforto, auto-realização, alegria e amor) e por valores do trabalho (realização profissional, dedicação ao trabalho, competência e responsabilidade). E o sistema religioso congrega os valores temor a Deus, religiosidade e salvação da alma.

Considera-se, a partir desta pesquisa, que os estudantes organizam seus valores com base em quatro sistemas: o materialista, o religioso, o hedonista e o pós-materialista e que a inclusão de três valores (sensualidade, sexualidade e uma vida excitante) ao *QVP* consente aos estudantes organizarem sua adesão a esses valores a partir de um sistema hedonista. Esse sistema hedonista verifica-se em contraposição aos valores religiosos, bem como o sistema materialista encontra-se em oposição ao sistema pós-materialista.

Como hipotetizado, os próprios sistemas possuem valores com os quais têm correlação. Por exemplo, o sistema materialista possui relação com os valores do poder social, enquanto que o sistema pós-materialista se correlaciona mais fortemente com os valores do universalismo, benevolência e autodireção, conformidade e segurança. Os tipos motivacionais do hedonismo e da estimulação correlacionam-se com o sistema hedonista, sendo que o sistema religioso se correlaciona com os valores da tradição, da benevolência e da conformidade.

Pereira e Colaboradores (2005) demonstram com essa pesquisa que as correlações existentes entre os sistemas de valores do *QVP* e os tipos motivacionais de ordem superior tornaram-se mais esclarecedoras. Estes resultados demonstraram que o sistema materialista possui relação com os valores da autopromoção, enquanto que o sistema pós-materialista relaciona-se com os valores da autotranscendência e o sistema religioso com os valores de conservação. O sistema hedonista correlaciona-se com os valores de abertura à mudança ao que valores de conservação demonstram correlação alta com o sistema pós-materialista. Há assim a confirmação da aproximação de

conceito estabelecida por Pereira e colaboradores entre os sistemas de valores do *QVP* e os tipos motivacionais do *SVS*.

Tamayo (2007) desenvolveu uma pesquisa com 419 pessoas dos sexos, masculino e feminino, sendo estes professores de escola de segundo grau e estudantes universitários. Pesquisa essa publicada em 2007 e nomeada de “Hierarquia de Valores Transculturais e Brasileiros”. A pesquisa possui os seguintes objetivos: situar, a partir de uma amostra brasileira, a hierarquia de valores transculturais; verificar se os quatro valores identificados como peculiares aos brasileiros são considerados como valores e se estes se associam à hierarquia axiológica; averiguar diferenças ocorridas na estrutura bidimensional e na hierarquia dos tipos motivacionais de valores de homens e mulheres, de professores de escola secundária e de estudantes universitários.

O instrumento utilizado foi preparado por Schwartz (1992), uma escala para pesquisa multicultural. Os valores terminais foram ordenados como substantivos e oferecidos na primeira parte do questionário; enquanto que na segunda parte do questionário foram colocados os instrumentais. Tamayo incluiu na escala mais quatro valores (dois terminais: trabalho e vaidade; dois instrumentais: esperto e sonhador). Estes valores incluídos foram considerados peculiares à cultura brasileira e foram distribuídos no questionário em intervalos iguais.

A importância dos valores como “princípios que norteiam a minha vida” foi avaliada por meio de uma escala de 0 a 6. Os mais números mais altos demonstravam o maior grau de importância que o valor ocupa na vida da pessoa. Também utilizou-se a variação -1 e 7. O primeiro (-1) significa que o valor opõe aos princípios que norteiam a vida da pessoa e o segundo (7) significa que o valor é de suprema importância como um princípio orientador em sua vida; considerando que em geral as pessoas não possuem mais do que dois desses valores.

Os resultados mostraram que a hierarquia foi estabelecida em dois planos, o de valores individuais e no dos tipos motivacionais de valores. As diferenças entre os subgrupos da amostra foram observadas no nível dos tipos motivacionais e da estrutura bidimensional dos valores. Os valores encontrados e, que possuíam nível mais alto, são aqueles de suprema importância para os participantes da pesquisa e considerados como valores terminais (harmonia interior; amizade verdadeira; liberdade e trabalho) e valores instrumentais (saudável; honesto). Os valores terminais com nível mais baixo encontrados na pesquisa de Tamayo (2007) foram riqueza (posses materiais, dinheiro), segurança nacional (proteção da minha nação contra inimigos), respeito pela tradição (preservação de costumes vigentes há longo tempo) e autoridade (direito de liderar ou de mandar) e mais três valores instrumentais, também com nível mais baixo: audacioso (procurar a aventura, o risco), influente (exercer impacto sobre pessoas e eventos) e devoto (apegar-me fortemente à fé religiosa).

A hierarquia dos valores observou-se cinco níveis bem diferenciados de valores, sendo que os valores peculiares aos brasileiros encontrados foram trabalhador, sonhador, vaidade e esperto. Os valores de autodeterminação ocuparam o primeiro lugar, sob a ótica motivacional. As mulheres destacaram mais do que os homens os valores a serviço de interesses coletivos e de autotranscendência de seus interesses egoístas em benefício do bem-estar dos outros. Os estudantes universitários apresentaram os valores relativos à autopromoção e à abertura à mudança mais do que os professores.

Em relação à Folia de Reis existe uma pesquisa realizada na cidade de Montes Claros (MG) onde analisou-se a forma de experiência socio-cultural e os procedimentos de transmissão dos conhecimentos no Terno de Folia de Reis do Mestre Joaquim Poló. Igor Kimo (2005) conta que o grupo repete a viagem dos três Reis Magos vindos do Oriente, para saudar o Menino Jesus. Este estudo mostra estratégias de manutenção do ritual, efetuadas através das relações de troca, relações de parentesco, transformação do

ritual, sistemas rotativos de prática performática. O autor diz ainda que estas estratégias especiais, norteadas pelo respeito sincrético do sagrado, fortalecem a identidade do grupo, em meio aos muitos sotaques viventes em grupos de tradição oral.

Em relação ao direito de descendência, o autor diz que na Folia de Reis o comando é repassado, quando possível, aos filhos ou irmãos, sobrinhos, enfim parentes do capitão ou embaixador de folia. Kimo diz que dificilmente encontra-se esta escolha feita por mulheres. O autor ressalta que no Terno pesquisado, Terno do senhor Joaquim Poló, as mulheres se presentificam como instrumentistas, dançarinas, cantoras ou levam o quadro de Santos Reis. A escolha do sucessor é realizada com base em valores hierarquizados pelo grupo (vivência e identificação com o ritual).

A transmissão dos saberes dos rituais do Terno está presente na forma de ouvir, gesticular, criar, tocar, dançar, cantar e louvar. Essas as ações pronunciam as trocas, os parentesco e demonstram um processo de transformação e reinterpretação dos saberes. Kimo diz que mediante esta perspectiva pode se dizer que não há, no Terno pesquisado, uma pessoa responsável pela função de ensinar a prática musical, este processo é coletivo. Mas a figura do capitão é considerada como fundamental neste processo. Pois, os capitães de folia ou foliões mais experimentados balizam a transmissão. Assim, cabe estes detentores do saber popular a missão primordial de preparar e estimular a sensibilidade dos futuros foliões quanto ao exercício da transmissão. O autor ressalta que caso não haja esta atitude o ciclo de transmissões pode quebrar-se, e assim chegar-se ao fim da tradição.

Todas estas pesquisas corroboram a importância dos valores na compreensão do funcionamento humano. Podem também esclarecer os valores que influenciam na preservação de costumes como a Folia de Reis.

Método

Participantes

Participaram desta pesquisa 30 foliões de Santos Reis, 60 seguidores-devotos de Santos Reis e 214 pessoas de grupos da comunidade e que não possuíam conhecimento sobre a folia de santos reis (tabela 1). Essas 210 pessoas pertenciam as seguintes religiões: 44, 9% católicas (N=96), 44,9% evangélicos (N=96) e 10, 3% espíritas (N=22). 51,3% dos participantes eram mulheres (N=112) e 48,8% homens (N=102). A idade dos pesquisados variou de 15 a 80 anos, sendo que a maior concentração de participantes esteve entre 31 a 60 anos (N=107), resultando em 51,5% dos participantes.

Todos os participantes da pesquisa eram de Palmeiras de Goiás, tanto do grupo distinto quanto de grupos religiosos. A equipe de santos reis pesquisada é composta por treze (13) foliões e trinta (30) seguidores-devotos. Na época da pesquisa foliões e seguidores-devotos da cidade vizinha – Cezarina – estavam *girando* nos campos palmeirenses e participaram da pesquisa. A companhia de Reis de Cezarina é composta por dezessete (17) foliões e trinta (30) seguidores-devotos.

Instrumentos

Foram utilizados para este estudo o PQ – Portrait Questionnaire – (Pasquali e Alves, 2004) e o Escala de Significado da Folia de Reis, instrumento adaptado para este trabalho a partir da Estrutura Factorial de Atitude do Significado de Vinte Palavras-Estímulo (Osgood, Suci & Tannenbaum, 1957).

O Portrait Questionnaire foi criado por Schwartz (1992), traduzido por Tamayo (2002, não publicado), adaptado para o Brasil e aqui validado por Pasquali e Alves (2004). A análise fatorial realizada mostrou a existência de quatro (4) fatores de primeira ordem: pacifismo ($\alpha = 0,77$), dominação ($\alpha = 0,72$), tradicionalismo ($\alpha = 0,58$)

e dinamismo hedônico ($\alpha = 0,71$). Estes fatores englobaram as dimensões criadas por Schwartz: universalismo, benevolência, segurança, poder, realização, tradição, conformidade, hedonismo e estimulação. Constatou-se também dois (2) fatores de segunda ordem: paz-e-respeito ($\alpha = 0,79$) – que englobou as dimensões de auto-transcendência e conservação –; e o fator auto-promoção ($\alpha = 0,81$) que englobou as dimensões de autopromoção e abertura a mudança.

Utilizou-se a Escala de Significado da Folia de Reis, a partir da Estrutura Factorial de Atitude do Significado de Vinte Palavras-Estímulo de Osgood, Suci e Tannenbaum (1957) com finalidade de mensurar o significado da Folia de Reis. Segundo Lima (1993) este tipo de escala nasceu na década de 50 com estudos dos psicólogos da Universidade de Illinois. Os psicólogos tentavam esclarecer o processo de aprendizagem, mais especificamente, o processo de atribuição de significados. Neste instrumento foi feita adaptação específica para possibilitar sua aplicação. Essa escala de atitude evocou as respostas a partir de diferenciais semânticos do significado de folia de reis.

No primeiro momento de observação realizada pela autora foram realizadas entrevistas com a finalidade de conhecimento do ritual. Nestas entrevistas perguntou-se aos foliões seu histórico com a folia de reis e pediu-lhes que dissessem a primeira palavra que lhes viesse à mente ao ser pronunciada a expressão: folia de reis. Do conjunto de respostas de 30 foliões foram escolhidas as palavras que mais se repetiram nessas respostas e que denotavam importância na constituição do ritual. Assim, se fez a adaptação da Estrutura Fatorial posteriormente aplicada em todos os pesquisados ($\alpha = 0,96$).

Os autores partiram do pressuposto de que o significado de cada palavra “é um ponto semântico (a n dimensões num espaço euclidiano) definido por dimensões bipolares (adjetivos antagônicos)” (Lima, 1993, p. 179). Segundo as análises efetuadas

detectaram que o significado pode se apresentar em três dimensões: uma avaliativa - explica a maioria da variância de resposta; outra de potência – composta por pares de adjetivos como grande-pequeno, forte-fraco; e a última: de atividade. No caso da presente pesquisa optou-se por utilizar a dimensão por pares de adjetivos para obter a potência do significado da folia de reis para os grupos pesquisados.

Procedimentos

A partir de 2005 a autora manteve contato constante com componentes das equipes de Folia de Santos Reis de Palmeiras de Goiás e os acompanhou nos períodos de *giro*. A autora entrou em contato num primeiro momento com Seu Baiano e, posteriormente com Seu Carapuça, ambos são capitães de folia da localidade, pedindo autorização para seguir com observações.

Em 2009, seguiu-se as normas propostas pelo Comitê de Ética e foram realizadas as aplicações dos questionários PQ e Escala de Significados da Folia de Reis. As aplicações aconteceram em dois momentos distintos: durante o giro da folia e em igrejas católicas e evangélicas, bem como no Centro Espírita.

A aplicação dos questionários foi realizada juntamente com a assinatura do Termo Livre de Consentimento. A todos foi explicado o caráter acadêmico e confidencial da pesquisa, momento em que se deixou claro que os participantes possuíam a liberdade de abandonar a pesquisa quando lhes aprouvesse. A aplicação dos questionários foi realizada pela autora e por quatro entrevistadoras previamente treinadas. Duas delas estudantes do curso de psicologia, a outra estudante de ciências biológicas e a última com graduação em administração de empresas. A idade das entrevistadoras variou entre 20 e 40 anos, sendo todas do sexo feminino. Esta aplicação dos questionários em foliões, seguidores-devotos e católicos foi realizada individualmente, a partir da leitura de cada questão e pedindo-lhes a resposta escolhida.

Esse procedimento deve-se ao fato de que esses participantes, em sua maioria, possuíam dificuldades de leitura e interpretação de texto.

Evangélicos e espíritas responderam os questionários em suas respectivas igrejas ou onde as entrevistadoras os encontraram. Esses participantes responderam aos questionários livremente, pois possuem um grau de escolaridade mais elevado do que os católicos, foliões e seguidores-devotos (Tabela 2).

Foram entregues a 350 pessoas os questionários da pesquisa dos quais 300 foram devolvidos em condição de aproveitamento na pesquisa, ou seja, com todas as questões respondidas e sem rasura, o que equivaleu a 91,42% de aproveitamento da distribuição realizada.

Resultados

Primeiramente foi realizada a análise descritiva dos grupos participantes da pesquisa com a finalidade de verificar frequência, porcentagem, moda e mediana dos grupos em relação às variáveis sociodemográficas. Esta análise possibilitou obter uma visão de como ficou a distribuição da amostra em relação à idade, ao sexo, à escolaridade e à religião, no grupo distinto e no grupo religioso.

Observou-se (Tabela 2) que a maior concentração dos participantes do grupo distinto se encontrava respectivamente entre as idades de 51 a 60 (26,7%), de 41 a 50 (26,3%), e de 21 a 30 (30,8%) anos. Estes dados demonstraram que houve ligação entre idade e a proposta de ser folião, enquanto ocorreu diminuição na idade no caso de seguidores-devotos que funcionam como apoio para foliões. As pessoas sem conhecimento sobre a folia de reis apresentam idade bem diferente da idade dos foliões. A concentração da idade demonstra que os foliões são pessoas idosas e que possuem maior liberdade e flexibilidade em relação à disponibilidade de tempo.

Observou-se também que existiram mais homens no grupo de foliões (76,7%) do que nos grupos de seguidores-devotos (38,6%) e pessoas sem conhecimento da folia de

reis (47,7%). Estes dados demonstraram que homens participam mais da Folia de Reis como foliões e as mulheres como seguidores-devotos ou como pessoas sem conhecimento de folia. Não houve diferença significativa nos resultados entre mulheres participantes do grupo seguidores-devotos e do grupo participante pessoas sem conhecimento.

Nos foliões e seguidores-devotos a concentração de nível de escolaridade esteve entre educação básica (43,86% foliões; 43,9% seguidores devotos) e ensino médio (47,37% foliões; 47,4% seguidores devotos), não houve diferença significativa entre eles; enquanto que as pessoas sem conhecimento da folia de reis concentraram-se mais entre ensino médio (41,1%) e ensino superior (21,5%). Destacou-se o aumento considerável em relação à educação superior no grupo distinto (8,77% foliões; 8,8% seguidores-devotos; 21,5% pessoas sem conhecimento da folia de reis).

As pessoas sem conhecimento sobre Folia de Reis se dividiram entre as religiões católica (44,9), evangélica (44,9) e espírita (10,3), enquanto que os foliões e seguidores-devotos eram todos católicos (100%). Este fato deve ser discutido, posto ser fato impressionante a participação unanime de católicos no ritual.

Tabela 2. Frequências, porcentagens, moda e mediana da amostra do grupo distinto (foliões, seguidores devotos e sem conhecimentos) em relação às variáveis sociodemográficas (idade, sexo, escolaridade e religião)

Variáveis	FOLIÕES (N=30)				SEGUIDORES-DEVOTOS (N=57)				SEM CONHECIMENTOS (N=214)			
	Frequência	%	Moda	Mediana	Frequência	%	Moda	Mediana	Frequência	%	Moda	Mediana
Idade												
Até 20 anos	2	6,7		4,00	8	14			33	15,4		
21-30	5	16,7			5	8,8			66	30,8		
31-40	2	6,7			6	10,5			49	22,9		
41-50	4	13,3			15	26,3			40	18,7		
51-60	8	26,7	4		13	22,8	3	3,00	18	8,4	1	2,00
61-70	3	10,0			8	14			7	3,3		
71-80	6	20,0			2	3,5			1	0,5		
Sexo												
Feminino	7	23,3		2,00	35	61,1			112	52,4		
Masculino	23	76,7	2		22	38,6	1	1,00	102	47,7	1	1,00
Escolaridade												
de	25	43,8			25	43,9			79	36,9		
Educ. básica	27	6			27	9			88	41,1		
Ensino médio	5	47,3			5	47,4	2	2,00	46	21,5	2	2,00
Superior		8,77	1	1,00		4						
Religião												
Católica	30	100			57	10			96	44,9		
Espírita	0	0	1	1,00	0	0	1	1,00	22	10,3	1	2,00
Evangélico	0	0			0	0			96	44,9		
						0						

Como fora dito anteriormente, para se verificar as prioridades axiológicas do grupo distinto, assim como do grupo religioso foi realizado o teste estatístico Anova. Esta análise possibilitou verificar se existiram diferenças estatísticas significativas em relação aos valores de ambos os grupos e apontar quais foram as prioridades axiológicas de cada grupo. O resultado referente à prioridade dada e a valores (Tabela 2 e 3) apontou diferença significativa em ambos os grupos (Teste Scheffé).

O valor de primeira ordem pacifismo apresenta diferença significativa [$F = 6,623$; $p < 0,005$] em relação aos seguidores-devotos ($M=5,31$) e pessoas sem conhecimento ($M=5,08$). No que se refere ao valor tradicionalismo houve diferença significativa [$F = 6,077$; $p < 0,005$] entre foliões ($M=5,08$) e seguidores-devotos ($M=4,97$) com as pessoas sem conhecimento ($M=4,72$). No que se refere aos valores de segunda ordem (paz-e-respeito) apresentou diferença significativa [$F = 6,623$; $p < 0,001$] para foliões ($M=5,02$) e o seguidores-devotos ($M=5,00$) em relação às pessoas sem conhecimento ($M=4,75$) (Tabela 3).

Tabela 3. Médias, desvio padrão (entre parênteses) e teste estatístico dos grupos distintos (foliões, seguidores devotos e pessoas sem conhecimento sobre folia) em relação às prioridades axiológicas e ao significado da folia de Reis

	Grupos Distintos			Teste Estatístico	
	<i>Foliões</i>	<i>Seguidores devotos</i>	<i>Pessoas sem conhecimento</i>	<i>F</i>	<i>p<</i>
Pacifismo	5,288 (0,48)	5,31_a (0,39)	5,08_b (0,52)	6,623	0,005
Tradição	5,08_a (0,58)	4,97_b (0,53)	4,72_{ab} (0,71)	6,077	0,005
Dominação	3,87 (0,74)	3,92 (0,86)	4,20 (1,08)	2,56	n.s.
DH	4,63 (0,72)	4,62 (0,85)	4,44 (0,96)	1,258	n.s.
FI(paz e respeito)	5,02_a (0,46)	5,00_b (0,36)	4,75_{ab} (0,51)	8,774	0,001
FII(auto-promoção)	4,41 (0,50)	4,45 (0,61)	4,49 (0,81)	0,173	n.s.
Significado	6,14_a (0,44)	6,11_b (0,63)	4,51_{ab} (1,58)	43,208	0,001

Nota: As médias que não compartilham o mesmo subscrito possuem diferença significativa, $p < 0,05$, no teste *Scheffé*.

A hipótese que propôs que os foliões e seguidores-devotos apresentariam como prioridade axiológica os valores tradicionalismo e pacifismo confirmou-se parcialmente. A sua continuação dizia que as pessoas sem conhecimento sobre a Folia de Reis apresentariam como prioridade axiológica os valores dominação e dinamismo hedônico foi refutada, pois eles apresentaram os valores: pacifismo, tradicionalismo e o fator de segunda ordem: paz-e-respeito. A outra hipótese que foi parcialmente refutada dizia que foliões e seguidores-devotos apresentariam como prioridades axiológicas os valores tradicionalismo e pacifismo, enquanto as pessoas sem conhecimento apresentariam os valores dominação e dinamismo hedônico. Os resultados demonstraram que foliões e seguidores-devotos apresentaram os valores tradicionalismo e pacifismo, como a

hipótese previa e a pesquisa ainda revelou o comparecimento do fator de segunda ordem (paz-e-respeito). As pessoas sem conhecimento de folia de reis também apresentaram os valores de pacifismo, tradição e o fator de segunda ordem (paz-e-respeito), refutando a hipótese de que apresentariam os valores dominação e dinamismo hedônico.

Com relação ao grupo de religiosos foi observada a existência de diferença significativa estatisticamente em relação aos valores de primeira ordem (dominação, tradicionalismo e dinamismo hedônico) e de segunda ordem (autopromoção). Os resultados apontaram que o valor dominação apresentou diferença significativa [$F = 54,510$; $p < 0,001$] entre os participantes do grupo religioso: católicos ($M=3,94$), evangélicos ($M=2,78$) e espíritas ($M=4,75$). Em relação ao valor tradicionalismo as diferenças significativas [$F = 12,612$; $p < 0,001$] apareceram para os evangélicos ($M=4,20$) na relação entre católicos ($M=4,79$) e espíritas ($M=4,97$); enquanto que em relação ao valor dinamismo hedônico as diferenças significativas [$F = 25,990$; $p < 0,001$] apresentaram-se em relação aos participantes do grupo religioso: católicos ($M=4,43$), evangélicos ($M=3,42$) e espíritas ($M=4,84$). Quanto ao fator de segunda ordem – autopromoção – também os participantes do grupo religioso apresentaram diferenças significativas [$F = 42,639$; $p < 0,001$] estatisticamente entre eles: católicos ($M=4,39$), evangélicos ($M=3,48$) e espíritas ($M=4,86$).

Tabela 4. Médias, desvio padrão (entre parênteses) e teste estatístico do grupo religioso (católicos, evangélicos e espíritas) em relação às prioridades axiológicas e ao significado da folia de Reis

	Grupos Religiosos			Teste Estatístico	
	<i>Católicos</i>	<i>Evangélicos</i>	<i>Espíritas</i>	<i>F</i>	<i>p</i> <
Pacifismo	3,16 (0,51)	5,03 (0,53)	5,14 (0,48)	0,689	n.s.
Tradição	4,79_a (0,63)	4,20_{ab} (0,91)	4,97_b (0,63)	12,612	0,001
Dominação	3,94_a (0,89)	2,78_b (1,12)	4,75_c (0,78)	54,510	0,001
DH	4,43_a (0,90)	3,42_b (0,98)	4,84_c (0,69)	25,990	0,001
FI	4,83 (0,49)	4,60 (0,57)	4,87 (0,48)	2,554	n.s.
FII	4,39_a (0,67)	3,48_b (0,74)	4,86_c (0,63)	42,639	0,001
Significado	5,94_a (0,80)	4,76_b (1,25)	3,16_{ab} (0,93)	315,13	0,001

Nota: As médias que não compartilham o mesmo subscrito possuem diferença significativa, $p < 0,05$, no teste *Scheffé*.

Os resultados (Tabela 4) mostram que algumas hipóteses levantadas foram parcialmente refutadas. Exemplo disto: católicos apresentariam como prioridade axiológica os valores tradicionalismo e pacifismo, enquanto evangélicos apresentariam os valores dominação, tradicionalismo e dinamismo hedônico e os espíritas pacifismo. Neste caso os resultados demonstraram que houve confirmação da hipótese somente em relação aos evangélicos que apresentaram os valores: dominação, tradição, dinamismo hedônico e o fator de segunda ordem (autopromoção); católicos e espíritas apresentaram resultado diverso do levantado na hipótese. Os católicos e os espíritas apresentaram os mesmos valores que os evangélicos: dominação, tradicionalismo, dinamismo hedônico e autopromoção.

Em relação ao significado positivo da folia de reis, o grupo distinto (foliões, seguidores-devotos e pessoas sem conhecimento) e o grupo religioso (católicos, evangélicos e espíritas) apresentaram diferenças estatísticas significativas. Os foliões,

seguidores-devotos e pessoas sem conhecimento de folia apresentaram diferença estatística significativa [$F = 43,208$; $p < 0,001$] entre si: os foliões ($M=6,14$), os seguidores-devotos ($M=6,11$) e as pessoas sem conhecimento ($M=4,51$). Da mesma forma o grupo religioso apresentou diferença significativa [$F = 315,131$; $p < 0,001$] entre seus participantes em relação ao significado da folia de reis: católicos ($M=5,95$), evangélicos ($M=4,76$) e espíritas ($M=3,16$).

Quanto ao significado da Folia de Reis para o grupo religioso (católicos, evangélicos e espíritas) os resultados demonstraram que os católicos apresentaram maior escore do que espíritas e evangélicos, ou seja, os católicos atribuem significado positivo à Folia de Reis. Dados que comprovam a seguinte hipótese: católicos atribuiriam maior importância à folia de reis do que evangélicos e espíritas. Os evangélicos e espíritas apresentaram neutralidade em relação ao significado da folia. A partir destes resultados refutou-se a hipótese que presumia que evangélicos apresentariam significado negativo em relação à folia. Também, tomando como base os resultados trazidos pela pesquisa, refutou-se a hipótese de que os espíritas atribuiriam maior significado à folia do que os evangélicos.

A hipótese de que os valores tradicionalismo e pacifismo, aliados ao significado positivo da folia de reis, seriam as raízes motivacionais que influenciariam na manutenção da folia de reis está confirmada. Os resultados mostraram que os participantes do grupo distinto possuem os valores previstos na hipótese, comparecendo também o fator de segunda ordem (paz-e-respeito). Ser folião, ser católico, possuir os valores de tradicionalismo, pacifismo, paz-e-respeito somados a atribuição de significado positivo à Folia de Reis são as raízes motivacionais que podem influenciar na manutenção da Folia de Reis.

Apenas o valor tradicionalismo comparece no grupo religioso (católicos, evangélicos e espíritas) e no grupo distinto (foliões, seguidores-devotos e pessoas sem

conhecimento de folia). Os resultados demonstraram que participantes do grupo religioso (católicos, evangélicos e espíritas) atribuem maior significância à folia e apresentam prioridade axiológica como dominação, tradicionalismo, dinamismo hedônico e autopromoção enquanto que participantes do grupo distinto (foliões, seguidores-devotos e pessoas sem conhecimento de folia) apresentaram o valor pacifismo em primeiro lugar, seguido do valor tradicionalismo e paz-e-respeito. Todos estes resultados são discutidos no próximo tópico, assim é possível trazer maiores contribuições quanto ao resultado obtido na pesquisa.

Discussão e Conclusão

O mundo mudou, soa diverso, de tudo que o homem viveu por séculos, como foi dito, buscou-se a partir desta dissertação discutir o ritual Folia de Reis como cultura sobrevivente a estas intempéries. A Folia de Reis é uma reinvenção da história do reconhecimento feito pelos Reis Magos da importância do Cristo, e esta é a boa Nova que ela e seus devotos foliões carregam pelos estradões e em cada casa por onde passam. Posto que, a Folia de Reis, também é um ritual do catolicismo rústico e se embrenha nas crenças, na cultura e nos valores do povo.

E a partir dos resultados obtidos é possível traçar um perfil sociodemográfico e de prioridades axiológicas de grupos (grupo distinto: foliões, seguidores-devotos e pessoas sem conhecimento de folia e grupo religioso: católicos, evangélicos e espíritas) envolvidos no ritual.

Pergunta-se, neste mundo contemporâneo, um verdadeiro complexo “universo de redes” (Matterlart, 2005), uma aldeia global de conhecimentos e informações: quem são os foliões, estes trabalhadores de santos reis que numa viagem se embrenham nas estradas, currutelas, cidades ou ermos? Os resultados apontam em primeiro plano

(Tabela 2), que os foliões, em sua maioria, são homens (76,7%), com idade entre 51 e 60 anos (26,7%), católicos (100%) e que possuem escolaridade entre ensino básico (43,8%) e ensino médio (47,3%).

O que pensam estes foliões, o que motiva esses reinventados reis magos a peregrinar pelas estradas, pontes e avenidas sempre em busca da visita primeira, a saber, o nascimento do Deus-Menino e sempre contando a Boa Nova? Em quais valores baseiam sua escolha de ser folião? Quais valores perfazem o núcleo da cultura (Hofstede, 1994)? Os valores dos foliões (Tabela 3) são, em primeiro lugar, o pacifismo ($M=5,28$), tradicionalismo ($M=5,08$) e o fator de segunda ordem: paz-e-respeito ($M=5,02$).

Os valores são variáveis importantíssimas para a análise e compreensão dos comportamentos humanos (Tamayo e Porto, 2002) e importantíssimos também para atender a demanda causada por estas tantas perguntas. Pode-se dizer que os foliões - a partir dos valores realçados pela pesquisa, ou seja, a partir dos resultados colhidos sobre suas prioridades axiológicas - são pessoas que possuem como meta para suas vidas o sentimento de respeito e comprometimento com as pessoas e com tudo quanto assumem sob sua responsabilidade. Possuem aceitação dos costumes instituídos, das idéias da cultura e da religião; buscam a contenção de impulsos agressivos, violentos e da transgressão de normas sociais. Buscam também o entendimento do outro, a compreensão e tolerância, a preservação dos costumes, da natureza e do bem-estar próprio e das pessoas com as quais tem contato. Os foliões ainda defendem a harmonia, a estabilidade da sociedade, das relações e de si mesmos (Tamayo e Schwartz, 1993).

O que pode estar mantendo a Folia de Reis num mundo moderno e que possui intrinsecamente a ânsia de mudar são os valores aliados a um significado positivo atribuído pelos devotos. Os resultados mostram que os fatores de primeira ordem (tradicionalismo e pacifismo), o significado (positivo) da folia, somados ao fator de

segunda ordem (paz-e-respeito) são partes fundamentais no movimento de manutenção da Folia de Reis. Ser folião e manter o ritual vivo a cada ano carrega a necessidade desta “crença duradoura” (Rokeach, 1973) que são os valores. Eles são o núcleo da cultura (Hofstede, 1994), o guia da maneira como as pessoas participantes do ritual selecionam suas ações, seu modo de vida e explicam suas ações ou tomadas de decisão (Schwartz, 1999).

De acordo com os resultados da pesquisa desenvolvida por Pereira (2005) há aglomeração de quatro sistemas de valores: materialista, hedonista, pós-materialista e religioso. Cada um dos sistemas possui valores que se correlacionam com os tipos motivacionais e dimensões de Schwartz. Ao levar em conta os valores dos foliões, pode-se dizer que eles estão dentro do sistema religioso, pois o sistema religioso possui valores como temor a Deus, religiosidade e salvação da alma que se correlacionam com os tipos motivacionais tradição, benevolência e conformidade, bem como com a dimensão de conservação. Estes resultados aproximados dos de Schwartz oferecem a possibilidade de aproximação com a estrutura validada Pasquali e Alves (2004) e utilizada como instrumento da pesquisa desta dissertação. Eles reuniram estes últimos valores, após análises estatísticas, como fatores de primeira ordem (pacifismo e tradicionalismo) e o de segunda ordem (paz-e-respeito), que são, justamente, os valores encontrados no grupo distinto (folião, seguidores-devotos e pessoas sem conhecimento de folia) pela pesquisa.

Quanto ao perfil sociodemográfico de dois participantes do grupo distinto, os seguidores-devotos e pessoas sem conhecimento sobre Folia de Reis, o resultado serve como equivocação. Observa-se nos seguidores-devotos a concentração de mulheres (51, 4%), católicas (100%), com escolaridade entre educação básica (43,9%) e ensino médio (47,3%) e a idade variando entre 41 e 50 anos. Estes participantes priorizam os seguintes tipos motivacionais de valores: pacifismo ($M=5,31$), tradicionalismo

(M=4,97%), paz-e-respeito (M=5,00). Estes resultados também ocorrem nos participantes pessoas sem conhecimento de Folia de Reis. Esses em sua maioria também são mulheres (M=52,4%), católicas (M=44,9%) e também estão com escolaridade com maior concentração entre educação básica (M=43,9%) e ensino médio (M=47,4%). A variação do resultado ocorre somente em relação à idade. Nestes participantes a idade entre 21 a 30 anos (M=30,8).

As mulheres participantes da Folia de Reis se constituem em funções de apoio. Cozinham, decoram, às vezes cantam ou dançam e até mesmo tocam instrumentos e, de acordo com a pesquisa numa variação grande de idade, desde os 21 aos 50 anos. Kimo (2005) conta que quando chega o momento de transmitir o comando do grupo de Folia a preferência recai sobre os filhos do capitão de Folia, ou irmãos, primos, cunhados, etc. É pouco freqüente deparar-se com escolhas por mulheres, quer sejam filhas ou esposas. E que a transmissão dos saberes do ritual está disseminada entre os membros, mas a figura de sustentação da transmissão é o capitão de folia.

Na Folia de Reis de Palmeiras de Goiás não é diferente, observa-se durante o desenrolar do ritual, que mulheres não participam das funções de condução do ritual. Até mesmo na escolha de um sucessor, Seu Carapuça (2009) (sic) escolheu um homem, e a ele são repassados especificamente os saberes do ritual, como foi observado durante as aplicações de questionários e entrevistas. Ele escolheu alguém “de fora”, pois seus filhos não o seguem na Folia de Reis. As funções de condução ou de mais importância estão reservadas aos homens, eles exercem as funções de capitão, palhaço, instrumentistas ou requinta. Nestas duas últimas funções há a participação de algumas mulheres, como pode também ser visto na Folia de Palmeiras de Goiás.

O que se mantém na Folia de Reis, relativo à questão de gênero e de divisão do trabalho, não é uma divisão preconceituosa das funções de trabalho para Santos Reis, mas antes uma divisão do trabalho baseada em gênero. Mantém-se nessa cultura papéis

bem definidos para cada gênero e para cada função. Todos trabalham e desejam ajudar a Santos Reis com o que puderem oferecer de melhor. Alguns conduzem o ritual, outros cantam, tocam instrumentos, rezam, cozinham, decoram a festa, a seguem ou a apóiam. Todos trabalham para santos reis.

Tamayo (2007) diz, a partir de resultados de sua pesquisa, que as mulheres destacaram mais do que os homens com valores a serviço de interesses coletivos e de autotranscendência de seus interesses egoístas em benefício do bem-estar dos outros. A dimensão autotranscendência engloba os valores universalismo e benevolência. Estes valores buscam justamente, a compreensão, o agradecimento, a tolerância, proteção e o bem-estar dos outros e da natureza. Pode-se observar que os participantes do grupo distinto (foliões, seguidores-devotos e pessoas sem conhecimento de Folia de Reis) e que inclui homens e mulheres, possuem valores diferentes dos valores do homem contemporâneo. Os homens e mulheres de um mundo globalizado buscam autodeterminação, hedonismo, poder, autorealização e a dimensão abertura à mudança. Valores com objetivos individualistas, ensimesmados. Ser folião ou seguidores-devotos, homens ou mulheres implica em possuir valores com interesses coletivos e em possuir valores que combinem esses interesses.

Os foliões fazem parte de uma organização. As organizações são sistemas estabelecidos através dos valores expressos das pessoas que a compõe e que são assimilados e transmitidos sucessivamente as novas gerações (Kanaane, 1994). Ao girar, ao manter os rituais à semelhança do aprendido com os antepassados, e também ao reinventar a Folia de Reis a cada ano em suas próprias vidas, os foliões transmitem aos mais novos as bases deste ritual. Durante o *giro* observa-se as regras do ritual transmitidas pelo capitão de folia à equipe de Folia. Regras que se baseiam no valor tradicionalismo, pois envidam manter o ritual tal qual fora aprendido com os

antepassados; ou valor de pacifismo e paz-e-respeito. Valores que visam o bem-estar do outro, do coletivismo, da natureza.

Os foliões são trabalhadores de Santos Reis, trabalham na companhia de reis e precisam dispor de tempo e dedicação para a realização anual do ritual. Eles dispõem também de ofícios que saibam fazer. Observa-se que há nesta organização e em seus trabalhadores um movimento de civismo, pois suas atitudes em relação à Folia de Reis são espontâneas e efetivam sua existência. Quando se está em *giro* há cooperação entre colegas, carregam instrumentos uns dos outros, preparam lanches, criam assim um clima amistoso e amigável entre as pessoas. O que gera uma sensação de bem-estar e dever cumprido em cada trabalhador de Santos Reis.

Quanto às prioridades axiológicas há questões importantes a serem discutidas, haja vista a diferença nos resultados de cada grupo de participantes (grupo distinto: foliões e seguidores-devotos e grupo religioso: católicos, evangélicos e espíritas). As prioridades axiológicas dos participantes do grupo religioso (católicos, evangélicos e espíritas) são: dominação, tradicionalismo, dinamismo hedônico e autopromoção. Nestes valores todas as religiões apresentaram escores altos, mas houve variação de religião para religião: no valor dominação os maiores escores prevalecem entre evangélicos (M= 4,75) e católicos (M= 3,94); no valor tradicionalismo entre espíritas (M= 4,97) e católicos (M= 4,79); no valor dinamismo hedônico entre espíritas (M= 4,84) e católicos (M=4,43); e no valor autopromoção entre espíritas (M= 4,86) e católicos (M=4,39).

Assim, os resultados apontam para a prevalência – no grupo religioso (católicos, evangélicos e espíritas) – de valores que possuem metas, tais como controle ou dominância sobre outras pessoas; busca de status, prestígio social e também o sucesso pessoal obtida através da competência; busca de prazer e de uma vida estimulante, variada; busca de excitação, novidades e desafios. Estes valores possuem metas com

fins diferentes das metas apresentadas pelos valores do grupo distinto (foliões, seguidores-devotos e pessoas sem conhecimento de folia).

A avaliação das prioridades axiológicas existentes entre os dois grupos demonstra a dissonância entre os dois grupos. Pode-se observar a dinamicidade existente dentro dos tipos motivacionais, pois a vida humana é intensa a cada momento ou a cada decisão tomada. Possuir dentro da hierarquia de valores o valor pacifismo como primeira prioridade axiológica mostra diferenças quanto a visão de mundo das pessoas participantes do grupo distinto (foliões, seguidores-devotos e pessoas sem conhecimento de folia). Este é um fator, o pacifismo, engloba os tipos motivacionais: universalismo, benevolência e segurança. (Pasquali & Alves, 2004). O tradicionalismo possui como meta o compromisso e aceitação dos costumes e idéias que a cultura e a religião de cada pessoa transmitem. Este valor, pacifismo aliado ao tradicionalismo mostra que este homem é participe do mundo, utiliza a tradição como ferramenta de sedimentação e de transmissão, no caso da folia de reis, dos costumes.

Então, no grupo distinto há busca de cooperação, ajuda mútua, de sacrifício em nome da crença, desejo de fazer o bem. Valores coerentes com o posicionamento do catolicismo popular e, portanto, da Folia de Reis. O catolicismo popular é ritual que nasce a partir do povo, que não possui ritos sacramentais ou litúrgicos e não necessita da mediação do sacerdote com o sagrado (Pereira, 2006). E, em especial na folia de reis, busca-se o sacrifício por Santos Reis, a reverência ante a crença, a amizade e solidariedade. Pessoa e Felix (2007) trazem Brandão (1981), fundamentado no *Ensaio sobre a Dádiva* de Marcel Mauss, a dizer que há a confecção de um contrato entre os foliões com a seguinte estrutura: pede-se e recebe-se bens materiais para si e os outros, mas a devolução se cumprirá em forma de elogios as pessoas presentes ou pedidos de bênçãos para todos que estiverem no ritual. Todos ‘dão’, os que cumprem promessas e os devotos. Esta doação ocorre porque o ritual funciona assim e também porque há a

simbologia de ser agraciado. E em sinal de reverência esperam que Deus retribua ao que fora pedido em nome de Santos Reis e, por conseqüência, aos foliões, seus legítimos representantes.

Cumprir anualmente a Folia de Reis e desempenhá-la cotidianamente em suas próprias vidas é, em primeira instância, um compromisso consigo mesmo, cada folião dedica sua vida, seus atos e suas emoções na realização da Viagem. Por isso, os valores exercem profunda influência diante da necessidade de tais posicionamentos, os valores estão embrenhados no modo como cada um lida com sua própria vida.

As prioridades axiológicas apresentadas pelo grupo de religiosos – dominação, tradicionalismo, dinamismo hedônico e autopromoção – apresentam metas motivacionais totalmente diversas dos valores do grupo distinto. A dominação (engloba poder e realização) possui metas motivacionais ligadas à estratificação da sociedade em grupos mantendo relações de dominação e satisfação dentro do mesmo; o tradicionalismo (engloba tradição e conformidade) está ligado ao sentimento de respeito, de comprometimento e aceitação dos costumes; o dinamismo hedônico apresenta falas na direção do prazer pessoal, busca de novidade; e autopromoção que engloba os tipos motivacionais dominação, realização e hedonismo (que já foram citados).

Pessoas que possuem estes valores possivelmente pretendem influenciar na crença de outrem, buscam novidade, prazer, sucesso e progresso. E estes mesmos valores podem influenciar na escolha de seguir uma religião oficial ou popular, posto que cada uma possua objetivos diversos. E é possível dizer, a partir dos resultados da pesquisa, que as pessoas que busca por religião, utilizam o tradicionalismo como ferramenta de domínio. Haja visto, que a diferença entre o catolicismo oficial e o popular está justamente na utilização que a igreja católica faz dos sacramentos, do evangelho, do sacerdote como detentor do conhecimento religioso e mediador entre

homens e o sagrado. A igreja trabalha assim, enquanto o catolicismo popular busca a devoção, proteção dos santos, sendo que as pessoas têm relação direta com o sagrado (Pereira, 2005). Pode-se observar nos resultados que os fatores domínio e autopromoção não comparecem em grupos distintos: foliões, seguidores-devotos e sem conhecimento. Assim, os religiosos – ligados a religião reconhecida como oficial – buscam prosperidade de suas empreitadas, que a sua denominação prevaleça sobre as demais existentes e que esta seja tradicional sobrevivendo assim as intempéries que possam as atingir. Seu Carapuça em entrevista (2009) diz que a folia de reis não pretende arrebancar ou converter qualquer pessoa. A princípio, a Folia de Reis tem o único fim: visitar a lapinha em cada casa por onde ela passar e contar a boa nova que é o nascimento do Cristo.

A partir dos resultados apresentados, pode-se observar que contextos religiosos parecem ser fatores determinantes de importância nas diferenças encontradas nos valores; os tipos motivacionais e as dimensões de Schwartz também revelaram-se importantes na compreensão das diferenças baseadas na religião, o que mostra os valores de Schwartz são ferramentas úteis na compreensão de diferenças de valor em comunidades divergentes em relação à religião (Costa & Goodwin, 2006).

Em relação ao significado da Folia de Reis os resultados encontrados apontam que foliões e seguidores-devotos (100% pertencem à religião católica – Tabela 2) apresentam maior importância ou significado positivo a este costume. Dentro destes participantes são os foliões que atribuem maior significado positivo à Folia de Reis. Aqui, portanto cabe perguntar se o crescimento expressivo de religiões de cunho protestante pode influenciar no desaparecimento da Folia de reis e outros costumes relacionados à crença católica. Posto que existem casos de foliões, como foi relatado através de entrevista por Seu Carapuça (S. A. Pereira, comunicação pessoal, 10 de janeiro de 2009), mudarem de religião e abandonarem o seu ofício.

Ainda em relação aos resultados do significado da folia de reis, para espíritas e evangélicos parece haver neutralidade, e de acordo com os resultados os espíritas atribuem menor significado à folia do que evangélicos. Há aqui claramente a necessidade de se pesquisar as causas do resultado, pois há várias hipóteses explicativas para esse resultado, a saber: os evangélicos que participam pertencerem a uma congregação com visão de mundo mais moderna ou ainda pertencerem a uma congregação com aspectos culturais parecidos com a igreja católica. Essa pesquisa deverá ser estendida aos espíritas que também apresentaram resultados neutros em relação ao significado da folia de reis.

Os resultados sobre o significado da folia de reis demonstram que a folia para os foliões, seguidores-devotos e católicos é útil, boa, lembrança, clara, coerente, cooperativa, cômoda, adequada, ampliadora, eficiente, forte, acreditada, leve, benéfica, falível, construtora, recompensadora, correta, justa, satisfatória, agregadora, motivadora, herança, organizada, precisa, necessária e saudosa.

Isto posto, conclui-se que há a necessidade de continuação do estudo sobre esta temática através de outras pesquisas visando ampliação de conhecimento científico sobre o tema, principalmente sob enfoque da Psicologia. Com o propósito de colaborar para compreensão dos aspectos que favorecem a preservação desse costume, serão publicados artigos científicos na área de Psicologia, além da publicação de um livro, que será um primeiro registro deste costume na cidade de Palmeiras de Goiás.

Referências

- Augusto, J. (2010). A Importância da Dialética. Sociedade Brasileira de Bugei. Home Page: <http://www.bugei.com.br/ensaios/index.asp?show=ensaio&id=72>
- Belinky, A. (2009). Éramos Caubóis, Somos Astronautas. Revista Veja, Editora Abril, edição 2145, ano 42, nº 52, 30 de dezembro de 2009, p. 258 -260.
- Bonafim, Alexandre. (2007). A Graça Poética do Sagrado: A poesia hierofânica de Dora Ferreira da Silva. Revista de Cultura. Fortaleza, SP – janeiro/fevereiro 2007. <http://www.revista.agulha.nom.br/ag55silva.htm>.
- Brandão, Carlos Rodrigues. (1983). A Folia de Reis de Mossâmedes: etnografia de um ritual camponês. Revista Goiana de Artes, vol.4, n. 1, jan/jun, p. 1-58.
- Brei, Andrade Edna Zani. (2001). Atitudes de Pesquisadores Quanto à Avaliação do Desempenho e Premiação por Resultados no Trabalho: explorando as relações Atitudes, Valores e Funções das Atitudes. (tese mestrado) Brasília.
- Cascudo, Luis da Câmara. (1980). Dicionário do folclore brasileiro. 5 ed. São Paulo: Melhoramentos.
- Chaves, Wagner Neves Diniz. (2003). Na jornada de Santos Reis: uma etnografia da Folia de Reis do Mestre Tachico. (tese mestrado) Rio de Janeiro.

Comissão Goiana de Folclore (2006). Diretrizes de Funcionamento das Comissões Municipais de Folclore. Mimeo.

Costa, P. R. e Goodwin, Robin. (2006). The Role of Religion in Mozambican Human Values: a case study. *Journal of Beliefs & Values*, vol. 27, issue 3, December de 2006, p. 341-346.

Estevam, L. (2003). Goiás em Preto-e-branco II. *Jornal Opção On line* (caderno de economia). Acessado em 4 de novembro de 2009.
<http://www.jornalopcao.com.br/index.asp?secao=colunas&idjornal=30>.

Franco Júnior, Hilário. (2003). *Legenda Áurea*. Editora Scwartz Ltda, SP.

Freud, Sigmund. (1940[1938]). *Esboço de Psicanálise*. Obras Completas de Sigmund Freud. Imago Editora, LTDA, Rio de Janeiro.

Gewehr, M. F. (2006). A Explosão Demográfica: Causas e Consequências. *Revista Eletrônica Forense*, Rio de Janeiro, Vol. 385

Gomes, Shirley Lopes. (2000). *As Origens Históricas da cidade de Palmeiras de Goiás: os conflitos religiosos no final do século XIX e início do século XX*. (monografia – histórica – Universidade Católica de Goiás) Goiânia.

Gonçalves, Júnior Arlindo F. (2004). Artigo: Teoria dos Valores: Convergências entre Scheler e Ortega, *Revista Reflexão*, Campinas, n. 85-86, jan-dez, p. 29-39.

- Gouveia, Valdiney. Martinez, Eva. Meiraa, Maja. Milfont, Taciano L. (2001). A Estrutura e o conteúdo universais dos valores humanos: análise fatorial confirmatória da tipologia de Schwartz. *Estud. Psicologia (Natal)*, vol. 6, Natal, jul/dez, p. 1-11.
- Hall, Richard. (1994). *Organizações: estruturas e processos*. 3. Ed. Prentice Hall do Brasil, Rio de Janeiro.
- Hobsbawn, Eric J. (1995). *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Editora Companhia das Letras, São Paulo.
- Hofstede, G. (1994). *Culture and Organizations: software of the mind*. Great Britain by Caledonian International Book Manufacturing Ltd, Glasgow.
- Junior, Pereira Lopes José. (1992). *A História de Palmeiras de Goiás*. Goiânia, Ed. Kelps, Goiânia, Go.
- Kanaane, Roberto. (1994). *Comportamento Humano nas Organizações: o homem rumo ao século XXI*. São Paulo: Atlas.
- Kimo, Igor Jorge. (2005). *Estratégias de Manutenção em um Terno de Folia de Reis do Norte de Minas Gerais*. UFMG. Minas Gerais.
<http://www.musica.ufrj.br/anppom2005>.
- Lacan, Jacques.(1992). *O Seminário, livro 8: A Transferência (1960-1961)*, Jorge Zahar Editor.Rio de Janeiro.

Lavelle, L. (1951). *Traité dès valeurs*. Vol. 1. Paris: PUF.

Lavelle, L. (1955) . *Traité dès valeurs*. Vol 1. Paris: PUF.

Lima, Maria Luiza Pedrosa de . (1997). *Atitudes in Psicologia Social*. Vala, Jorge Monteiro, Maria Bendicta (orgs.). Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Lisboa, Lello Editores (1996 e 1999). *Dicionário da Língua Portuguesa on-line*.

Mattelart, A. & Mattelart, M. (1999). *Histórias da Teoria da Comunicação*. 4a Ed. São Paulo: Loyola.

Mattelart, Armand. (2005). *Diversidade Cultural e Mundialização*. São Paulo: Parábola (Episteme; 2)

Mendonça,H. (2003). *Retaliação organizacional: o impacto dos valores e da justiça*. Tese de doutorado não publicada, Universidade de Brasília (UNB), Brasília.

Moreyra, Yara. (1983). *De Folias, de Reis e de Folia de Reis*. *Revista Goiana de Artes*, 4(2): 135-172, julho/dez.

Oliveira, Elisângela Magela (2004). *Transformações no Mundo do Trabalho, da Revolução Industrial até Nossos Dias*. In: *Caminhos da Geografia* 6(11) 84-96, Fev/2004. UFU

Oliveira, Pedro A. Ribeiro de. (1997). O Catolicismo Popular: Tradicional, Privado e da Libertação. In CEB'S: Vida e Esperança nas Massas. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, texto base, 9 Encontro Intereclesial – São Luiz, MA.

Ortega Y Gasset, José. (1952). Obras Completas vol. I-XII. 2 ed. Madrid: Revista de Occidente, vol. VI, p. 315.

Pasquali, Luiz & Alves, Amélia Regina. (2004). Validação do Portraits Questionnaire - PQ de Schwartz para o Brasil. Avaliação Psicológica 3(2), pp. 73 a 82). UNB.

Pécora, Alcir. (2003). Antônio Vieira, Sermões. (1608-1697). São Paulo: Hedra.

Pereira, Cícero. Camino, Leôncio. Costa, Joseli Bastos da. (2005). Um estudo sobre integração dos níveis de análise dos sistemas de valores. *Psicol. Reflex. Crit.* Vol. 18, n. 1. Jan./april. Porto Alegre.

Pereira, Ivone Aparecida. (2005). Em Nome de Santos Reis: uma história de protagonista e medições em Santo Antônio de Goiás, Goiânia: UCG.

Pessoa, Jadir de Moraes. (2005). Saberes em Festa – gestos de ensinar e aprender na cultura popular – Jadir de Moraes Pessoa, Goiânia: Editora da UCG; Editora Kelps, PP. 82.

Pessoa, Jadir de Moraes; Pessoa, Edson; Vianês, Edson Alves. (1993). Meu Senhor Dono da Casa: Os 50 anos da folia de reis das Lages. Goiânia

- Pessoa, Jadir de Moraes. (2007). *As Viagens dos Reis Magos*. Ed. Da UCG. Goiânia.
- Porto, Barreiros Juliana. (2007). Notícia: Álvaro Tamayo. *Psic. Teor.ePesq.* vol. 23, n. 4, Oct/Dec. Brasília.
- Porto, J. B. & Tamayo, A. (2005). Valores Organizacionais e civismo nas organizações. *Revista de Administração Contemporânea – RA*, 9 (1). P. 35-52.
- Rodrigues, J. G. (1986). *Rezemos o Terço*. Editora Santuário.
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York. Free Press
- Schwartz, S. H. e Bilsky, W. (1987). Toward a universal psychological structure of human values. *Journal of Personality and Social Psychology*, vol. 53, n. 3, p. 550-562.
- Schwartz, S. H. e Bilsky, W. (1990). Toward a theory of the universal content and structure of values: extensions and cross-cultural replications. *Journal of Personality and Social Psychology*, vol. 58, n° 5, pp. 878 – 891.
- Schwartz, S. H. (1992). Universals in the Content and Structure of Values: Theoretical Advances and Empirical Tests in 20 Countries. In: M. Zanna (Ed.), *Advances in Experimental Social Psychology*. Orlando: Academy.
- Schwartz, S. H. e Tamayo A. (1993). Estrutura Motivacional dos Valores Humanos. *Psic.: Teor. e Pesq.*, vol. 9, n. 2, p. 329 -348, Brasília.

Schwartz, S. H., Lehmann, A. & Roccas, S. (1999). Multimethod probes of basic human values. Em J. Adamopoulos & Y. Kashima (Orgs.), *Social psychology and culture context: Essays in honor of Harry C. Triandis* (pp. 107-123). Newbury Park: Sage.

Schwartz, S. H., Melech, G., Lehmann, A., Burgess, S. & Harris, M. (2001). Extending the cross-cultural validity of the theory of basic human values with a different method of measurement. *Journal of Cross-cultural Psychology*, 32, 519-542.

Schwartz, S. H., Rubel, Tammy. (2005). Sex Differences in Value Priorities: Cross Cultural and Multimethod Studies. *Journal of Personality and Social Psychology*, vol. 89, n.6, 1010-1028.

Silva, Maria Luiza dos Santos. (2006) *A Folia de Reis da Família Corrêa de Goianira: Uma Manifestação da Religiosidade Popular*. (tese de mestrado) Goiânia UCG.

Siqueira, Mirlene Maria Matias (org.). Tamayo, A.(ET AL.) (2008). *Medidas do Comportamento Organizacional: Ferramentas de diagnóstico e de gestão*. Art Med, Porto Alegre.

Tamayo, A. e Porto, Juliana Barreiro (org). (1996) *Valores Organizacionais*. Em: Tamayo, A., Borges – Andrade, J. & Codo, W. (org.). *Trabalho, organizações e cultura – ANNPEPP*. São Paulo: Cooperativa de autores associados.

Tamayo, A. e Porto J. B. (1998). Prioridades Axiológicas e Cultura Brasileira: preditores de civismo nas organizações. *PDT*, vol. 2, n. 01, jan-junho, p. 31-61.

Tamayo, A., Porto J. B. (org.). (2005). Valores e comportamento nas organizações.

Petrópolis, RJ: VOZES.

Tamayo, A. (2007). Contribuições ao Estudo dos Valores Pessoais, Laborais e

Organizacionais. Psicologia: Teoria e Pesquisa (Psic.: Teor. e Pesq., vol. 23, n. spe)

Brasília, UNB.

Tamayo, A. (2007). Hierarquia de Valores Transculturais e Brasileiros – Psic.: Teor. e

Pesq., vol. 23, n. spe) Brasília, UNB.

Thompson, F. C. (1992). Bíblia de Referência Thompson. Editora Vida. Florida.

Anexos

Anexo 1: Portrait Questionnaire e Escala de Significados da Folia de Reis

ESTUDO SOBRE VALORES E SIGNIFICADO DA FOLIA DE REIS

Caro amigo (a),

Estamos desenvolvendo um estudo a respeito das influências dos valores na manutenção dos costumes, estudando como objeto a Folia de Reis em Palmeiras de Goiás.

A finalidade deste estudo consiste em fazer uma pesquisa acadêmica na área de Psicologia do Trabalho e das Organizações e gostaríamos de contar com a sua colaboração respondendo ao questionário em anexo. Ele está dividido em partes e cada uma delas possui uma explicação de como os itens devem ser respondidos.

Precisamos que você responda o questionário com sinceridade e procure não deixar **NENHUMA QUESTÃO EM BRANCO**.

Por favor, **NÃO SE ESQUEÇA** de devolver o questionário.

As suas respostas são confidenciais e pedimos que não escreva o seu nome.

Lembre-se de que não há respostas certas ou erradas. Todas são corretas, desde que correspondam ao que pensa.

Esperamos poder contar com a sua ajuda.

Desde já o nosso sincero obrigado!

Universidade Católica de Goiás

Departamento de Psicologia

PARTE I

INSTRUÇÕES

Descrevemos resumidamente abaixo algumas pessoas. Leia cada descrição e avalie o quanto cada uma dessas pessoas é semelhante a você. Assinale com um "X" a opção que indica o quanto a pessoa descrita se parece com você.

	Quanto esta pessoa se parece com você?					
	Se parece muito comigo	Se parece comigo	Se parece mais ou menos comigo	Se parece pouco comigo	Não se parece comigo	Não se parece nada comigo
1) Pensar em novas idéias e ser criativa é importante para ela. Ela gosta de fazer coisas de maneira própria e original.						
2) Ser rica é importante para ela. Ela quer ter muito dinheiro e possuir coisas caras.						
3) Ela acredita que é importante que todas as pessoas do mundo sejam tratadas com igualdade. Ela acredita que todos deveriam ter oportunidades iguais na vida.						
4) É muito importante para ela demonstrar suas habilidades. Ela quer que as pessoas admirem o que ela faz.						
5) É importante para ela viver em um ambiente seguro. Ela evita qualquer coisa que possa colocar sua segurança em perigo.						
6) Ela acha que é importante fazer várias coisas diferentes na vida. Ela sempre procura novas coisas para experimentar.						
7) Ela acredita que as pessoas deveriam fazer o que lhes é ordenado. Ela acredita que as pessoas deveriam sempre seguir as regras, mesmo quando ninguém está observando.						
8) É importante para ela ouvir as pessoas que são diferentes dela. Mesmo quando não concorda com elas, ainda quer entendê-las.						
9) Ela acha que é importante não querer mais do que se tem. Ela acredita que as pessoas deveriam estar satisfeitas com o que têm.						
10) Ela procura todas as oportunidades para se divertir. É importante para ela fazer coisas que lhe dão prazer.						
11) É importante para ela tomar suas próprias decisões sobre o que faz. Ela gosta de ser livre para planejar e escolher suas atividades.						
12) É muito importante para ela ajudar as pessoas ao seu redor. Ela quer cuidar do bem-estar delas.						
13) Ser muito bem-sucedida é importante para ela. Ela gosta de impressionar as demais pessoas.						
14) A segurança de seu país é muito importante para ela. Ela acha que o governo deve estar atento a ameaças de origem interna ou externa.						
15) Ela gosta de se arriscar. Ela está sempre procurando aventuras.						
16) É importante para ela se comportar sempre corretamente. Ela quer evitar fazer qualquer coisa que as pessoas possam achar errado.						
17) É importante para ela estar no comando e dizer aos demais o que fazer. Ela quer que as pessoas façam o que manda.						
18) É importante para ela ser fiel a seus amigos. Ela quer se dedicar às pessoas próximas de si.						
19) Ela acredita firmemente que as pessoas deveriam preservar a natureza. Cuidar do meio ambiente é importante para ela.						

	Quanto esta pessoa se parece com você?					
	Se parece muito comigo	Se parece comigo	Se parece mais ou menos comigo	Se parece pouco comigo	Não se parece comigo	Não se parece nada comigo
20) Ser religiosa é importante para ela. Ela se esforça para seguir suas crenças religiosas.						
21) É importante para ela que as coisas estejam organizadas e limpas. Ela realmente não gosta que as coisas estejam bagunçadas.						
22) Ela acha que é importante demonstrar interesse pelas coisas. Ela gosta de ser curiosa e tentar entender todos os tipos de coisas.						
23) Ela acredita que todas as pessoas do mundo deveriam viver em harmonia. Promover a paz entre todos os grupos no mundo é importante para ela.						
24) Ela acha que é importante ser ambiciosa. Ela quer demonstrar o quanto é capaz.						
25) Ela acha que é melhor fazer as coisas de maneira tradicional. É importante para ela manter os costumes que aprendeu.						
26) Aproveitar os prazeres da vida é importante para ela. Ela gosta de se mimar.						
27) É importante para ela entender às necessidades dos outros. Ela tenta apoiar aqueles que conhece.						
28) Ela acredita que deve sempre respeitar seus pais e os mais velhos. É importante para ela ser obediente.						
29) Ela quer que todos sejam tratados de maneira justa, mesmo aqueles que não conhece. É importante para ela proteger os mais fracos na sociedade.						
30) Ela gosta de surpresas. É importante para ela ter uma vida emocionante.						
31) Ela se esforça para não ficar doente. Estar saudável é muito importante para ela.						
32) Progredir na vida é importante para ela. Ela se empenha em fazer melhor que os outros.						
33) Perdoar as pessoas que lhe fizeram mal é importante para ela. Ela tenta ver o que há de bom nelas e não ter rancor.						
34) É importante para ela ser independente. Ela gosta de contar consigo mesmo.						
35) Contar com um governo estável é importante para ela. Ela se preocupa com a preservação da ordem social.						
36) É importante para ela ser sempre educada com os outros. Ela tenta nunca incomodar ou irritar os outros.						
37) Ela realmente quer aproveitar a vida. Divertir-se é muito importante para ela.						
38) É importante para ela ser humilde e modesta. Ela tenta não chamar atenção para si.						
39) Ela sempre quer ser aquela a tomar decisões. Ela gosta de liderar.						
40) É importante para ela se adaptar e se ajustar à natureza. Ela acredita que as pessoas não deveriam modificar a natureza.						

PARTE II

“O significado da Folia de Reis a para você”

Esta parte do questionário avalia o *significado* que a FOLIA DE REIS tem **para você individualmente**. Utilizando os itens abaixo, avalie **A FOLIA DE REIS como um todo**.

Observe que os itens são bipolares, ou seja, quanto mais próximo de um dos pólos da escala você marcar, mais o adjetivo que ancora este pólo caracterizará o Sistema para você. Por exemplo: suponha que o objeto de avaliação “amigo” tenha sido avaliado da seguinte forma:

AMIGO		
seguro	----- ----- X ----- ----- ----- ----- ----- -----	inseguro
cortês	----- ----- ----- ----- X ----- ----- ----- -----	descortês
prudente	----- ----- ----- ----- ----- ----- ----- X -----	imprudente

Isto significa que o AMIGO foi considerado bastante seguro, nem cortês nem descortês e muito imprudente.

Marque com um **X**, no meio dos espaços, como no exemplo, e não em cima da divisão entre cada espaço. Trabalhe rápido, seguindo seu primeiro impulso. **Não deixe nenhuma linha sem resposta.**

PARA VOCÊ A FOLIA DE REIS É:

1.	útil	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	Inútil
2.	impreciso	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	Preciso
3.	insignificante	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	Importante
4.	injusto	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	Justo
5.	necessário	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	Desnecessário
6.	não saudoso	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	Saudoso
7.	inadequado	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	Adequado
8.	desagregador	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	Agregador
9.	eficiente	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	Ineficiente
10.	bom	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	Ruim
11.	claro	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	Obscuro
12.	incoerente	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	Coerente
13.	competitivo	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	Cooperativo
14.	cômodo	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	Incômodo
15.	limitador	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	Ampliador
16.	forte	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	Fraco
17.	herança	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	Novidade
18.	não manipulável	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	manipulável
19.	rígido	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	Flexível
20.	acreditado	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	desacreditado
21.	sem lembrança	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	Lembrança
22.	incorreto	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	Correto
23.	indulgente	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	Severo
24.	organizado	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	desorganizado
25.	satisfatório	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	insatisfatório
26.	punitivo	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	recompensador
27.	desmotivador	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	motivador
28.	destruidor	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	construtor
29.	completo	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	incompleto
30.	adquirido	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	Herança
40.	falível	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	Infalível
41.	leve	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	Pesado
42.	prejudicial	----- ----- ----- ----- ----- ----- -----	Benéfico

Para finalizar, são solicitadas algumas informações sobre dados pessoais. Marque com um **X**, identificando sua situação em cada item ou responda os questionamentos. Por favor, **não deixe nenhum em branco** para não inviabilizar o tratamento estatístico dos dados. Lembre-se de que nenhuma informação de natureza pessoal será divulgada.

<i>Idade</i>	
--------------	--

Sexo: Feminino Masculino

Escolaridade: () 1º. grau incompleto () 1º. grau completo () primário completo () primário incompleto
() 2º grau completo () 2º grau incompleto () Superior

Qual a sua religião ? _____

Profissão: Estado civil:

Folião ()

Seguidor- devoto ()

Sem conhecimento ()

MUITO OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO!
